

# NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 30 de dezembro de 1960 a 5 de janeiro de 1961 Nº 96

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragmon Borges



Vá ouvir Prestes na ABI

NO PRÓXIMO dia 3 de janeiro, dia de seu aniversário, Prestes pronunciará na Associação Brasileira de Imprensa, sob o patrocínio de NOVOS RUMOS, uma palestra sobre a Conferência dos Partidos Comunistas e Operários, recentemente realizada em Moscou. Nesta Conferência, à qual compareceram delegados de 81 partidos comunistas e operários de todo o mundo, os comunistas brasileiros estiveram representados por Luiz Carlos Prestes e Joaquim Câmara Ferreira. A palestra terá lugar no Auditório da ABI, às 19 horas. Os leitores e amigos de NOVOS RUMOS poderão procurar os seus convites na gerência deste jornal, na av. Rio Branco, 257, sala 905, na revista Estudos Sociais (rua São José, 50, sala 502), na Editorial Vitória (rua Juan Pablo Duarte, 50 sob.) e na revista Problemas da Paz e do Socialismo (rua da Assembléia, 34, sala 304).

Pracinhas: heróis e mártires do povo   
 Texto na 8ª página

Presidente da COAP da Bahia fugiu com medo do povo   
 Texto na 4ª pág. do 1º cad.

Os comunistas e as eleições municipais em São Paulo   
 Artigo de RAMIRO LUCHESI na 6ª página

Greve geral paralisou os serviços públicos em Minas Gerais   
 Texto na 4ª pág. do 1º cad.

Trajetória do Movimento Sindical em 1960   
 Artigo de JOYER TELLES na 2ª página

Governador Lacerda é o patrono da corrupção   
 Texto na 3ª pág. do 1º cad.

Operários e estudantes santistas realizam sua II Convenção

LIDERES operários e estudantis santistas, representando dezenas de entidades realizaram sua segunda convenção (foto abaixo), durante a qual aprovaram importante declaração de princípios e criaram o Centro Operário-Estudantil. Na 5ª página deste caderno damos completa reportagem a respeito.

COM a presença de dezenas de delegações de quase todos os países do mundo, o povo cubano comemora festivamente a passagem do segundo aniversário da vitória de sua revolução, que derrubou a tirania de Batista e libertou a ilha da dominação dos trustes norte-americanos. Durante esses dois anos, sob a direção de Fidel Castro, o povo cubano realizou profundas transformações sociais e políticas. Num justa homenagem à luta daquele heróico povo, NOVOS RUMOS dedica todo o segundo caderno desta edição às grandes conquistas da revolução cubana. Na foto abaixo, Fidel Castro aparece ao lado de Célia Sanchez, uma das heroínas da Sierra Maestra.



# Com a Simpatia de Milhões de Pessoas em Todo o Mundo CUBA FESTEJA AS CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO

Leia reportagens no 2º caderno desta edição



## Passagem de Ano

ORLANDO BOMFIM JR.

TERMINA o ano de 1960. Mais um ano que passa sem guerra. Houve, sem dúvida, graves perigos, provocações e ameaças. As forças agressivas do imperialismo resistem à coexistência pacífica e insistem na temeridade da guerra fria. Continua a corrida armamentista. O monstro das duas faces tenebrosas — a da exploração do homem pelo homem e a do extermínio de homem pelo homem — ainda respira. Mas já não consegue impor, como antes, sua vontade espoliadora e assassina. Por isso a paz foi assegurada em 1960.

É A PAZ é o grande bem da humanidade. Na época atual significa livrar os povos da tragédia atômica, de holocaustos, aniquilações, da destruição imediata de populações e mesmo países inteiros, de bens materiais e espirituais acumulados durante séculos pelo trabalho do homem. E isto pode, agora, ser assegurado. Pela primeira vez na história, a paz é defendida por forças poderosas que sobrepõem os fatores de guerra. A ação vigilante e ativa dessas forças será capaz de afastar o perigo de uma catástrofe terna-nuclear mundial.

A PAZ é também — conforme se afirma na Declaração da Conferência dos partidos comunistas e operários — um aliado fiel do socialismo, uma vez que o tempo trabalha pelo socialismo e contra o capitalismo. Nesse terreno, como em tantos outros, a vida mostra, concretamente, que o socialismo, expressando os interesses específicos da classe operária, que busca sua emancipação social, expressa igualmente os anseios mais profundos de toda a humanidade.

ANO que passou sem guerra, 1960 foi também um ano em que grandes e decisivas transformações se desenvolveram no mundo. A imagem do velho mundo não pode ser aceita mais. Alguma coisa, é certo, está perecendo. E está hoje, ha verdade, mais

morta do que viva. Mas o tempo que passa não se caracteriza por esse aspecto caduco. Ao contrário, seu sentido verdadeiro se contém no novo que cresce e se fortalece; expressão de vigor e juventude, que já percorre os caminhos do futuro.

ASSISTIMOS ao desenrolar das gigantescas batalhas travadas entre os dois sistemas sociais opostos, o do socialismo e o do capitalismo. E o desfecho não constitui nenhuma incógnita. Vemos, de um lado, a conquista de êxito sem precedentes na produção, na ciência e na técnica, permitindo sejam satisfeitos, em grau sempre crescente, as necessidades materiais e espirituais de povos que constroem uma sociedade nova e livre. Do outro lado, vemos a decadência e a decomposição, e o mais rico dos países capitalistas, os Estados Unidos, torna-se o campeão do desemprego crônico, incapaz de utilizar todo o potencial de sua indústria, com a produção enterrada, submetido a frequentes crises econômicas, intensificando a espoliação de seu próprio povo e sugando a riqueza de outros países. Está se aproximando, pois, o dia em que o capitalismo será derrotado na estera decisiva da atividade humana e da produção material.

ASSIM caminha o mundo, nessa passagem de 1960 para 1961. Enfrenta tropeços e dificuldades, perigos e ameaças, que exigem trabalho e luta. Mas o presente já justifica a realização no futuro das mais nobres esperanças. Nosso país ainda sofre as consequências da opressão e da exploração do imperialismo norte-americano, que tolhe nossa independência, entorpece e deforma nossa economia. Mas, com o movimento democrático e nacionalista sempre mais vigoroso, avançamos no sentido de nos transformar em donos de nossa casa. E atingiremos nosso objetivo. Inevitavelmente. Porque de nosso lado é que estão as forças que exercem a influência decisiva nos destinos da humanidade.

# Trajetoira do Movimento Operário em 1960

JOVER TELLES

Nos últimos anos, em consequência da aplicação, pelo governo do sr. Juscelino Kubitschek, de uma política inflacionária que objetiva sobrecarregar as massas com o ônus do desenvolvimento econômico, feito em benefício dos grandes capitalistas e dos investidores imperialistas, principalmente norte-americanos, o povo assiste à ele-

vação constante dos preços dos gêneros essenciais à sua alimentação. Também as principais utilidades como o gás, o transporte, a luz, etc., se tornam, da noite para o dia, menos acessíveis à bolsa do povo. Para se ter uma ideia da carestia, vejamos a seguinte tabela sobre a majoração dos preços:

PRODUTOS	1956	Novembro de 1960
Carne de primeira	42,00	170,00 a 180,00
Acúcar	13,00	25,40
Arraz amarelo	15,00	40,00
Frijão preto	20,00	40,00 a 60,00
Leite	8,70	20,00 a 21,00
Charque	50,00	140,00 a 160,00
Banha de porco	40,00	140,00 a 160,00
Pão	10,00	40,00

A manteiga, em 1959, custava 160,00 a quilo, atualmente custa de 310,00 a 340,00 o gás foi majorado, de 1956 até julho deste ano em 146,64%. Um par de sapatos, que custava em 1956: 450,00 hoje custa acima de 1.500,00. E o mesmo sucede, com exceção dos trens da Central, no setor dos transportes. Segundo o Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, do Estado de São Paulo, o aumento do custo de vida atingiu a 72%, até outubro deste ano, tomando-se por base janeiro de 1959. Em 31 de dezembro de 1959, o saldo do papel-moeda emitido atingiu a 154,6 bilhões de cruzeiros e, para o encerramento do atual exercício financeiro, prevê-se que atinja a 205 bilhões, o que significará uma emissão, neste ano, acima de 50 bilhões de cruzeiros.

Diante desse brutal agravamento do processo inflacionário e, consequentemente, da situação de miséria das massas, em resposta à carestia crescente e defendendo a dignidade de seu nível de vida, os trabalhadores, expressando o sentimento de protesto de todo o povo contra a política reacionária, entreguista e de fome, executada pelo atual governo, vem intensificando suas lutas. O movimento grevista, a partir de 1958, vem adquirindo maior envergadura. Em 1959, somente no Estado de São Paulo realizaram-se 309 greves.

Neste ano, verifica-se um ascenso, sem precedentes em nosso país, do movimento grevista, no qual participaram acima de 1 milhão e 500 mil trabalhadores. Entre essas lutas destacaram-se, pela sua importância: a greve geral contra a carestia no Rio Grande do Sul, que paralisou todo o Estado; a greve geral dos trabalhadores da cidade de Santos, em solidariedade aos operários do Moínho Santista; a greve dos redatores, no Estado do Rio; a greve nacional dos estivadores; a greve geral dos metalúrgicos e gráficos de São Paulo, que atingiu a cerca de 300 mil trabalhadores; a greve dos trabalhadores em carris-urbanos, no Estado de Guanabara, e da CMTC, na cidade de São Paulo; a greve dos trabalhadores em salinas e na Fábrica Nacional de Alcaólis, em Cabo Frio; a greve dos ferroviários da Estrada de Ferro Leste-Brasileira; a greve geral dos professores e professoras no Estado de Minas Gerais; a greve nacional dos marítimos, portuários e ferroviários que, paralisando por três dias esses setores básicos da economia do país, abarcou cerca de 400 mil trabalhadores; a greve nacional dos aeroviários e dos aeronautas; e diversos outros movimentos. Cabe assinalar que num setor relativamente novo da indústria — o petrolífero — os trabalhadores recorre à greve, como aconteceu recentemente nas refinarias de Madaripé e de Cubatão. Por outro lado, ferroviários da Central do Brasil e do Norte e Nordeste do país, bem como os gráficos da Bahia, após muitos anos de silêncio ergueram novamente suas vozes e reincorporaram-se ativamente ao movimento operário. Este ano foi marcado, também, por um incremento do movimento grevista entre os funcionários públicos em diversos Estados e Municípios, os quais conquistaram, na prática, o direito da greve. Nesse sentido, assumiu grande importância a greve geral dos servidores do Estado de Minas Gerais, recentemente realizada. Por outro lado, diversos setores da classe operária têm realizado novos movimentos grevistas para quebrar a resistência do governo e obrigá-lo a cumprir os acordos estabelecidos como fruto de lutas anteriores. Isso vem acontecendo, seguidamente, com os marítimos, errudadores, etc., e agora com os ferroviários da Leopoldina, da Estrada de Ferro do Nordeste, etc. Também os trabalhadores de Brasília, conquistaram, em importantes manifestações de massa, a equiparação do salário mínimo daquela cidade ao que vigora no Estado da Guanabara. Assim, pode-se afirmar que a forma principal de luta empregada pela classe operária, neste ano, visando alcançar suas reivindicações, foi a utilização do direito constitucional de greve.

## Maior organização

Uma das características do movimento operário, neste ano, consiste na ampliação das greves. No país inteiro, o proletariado passa das greves locais de âmbito de empresa à realização de

greves por setor profissional, nos âmbitos estadual e nacional, a greves que abarcam, no âmbito estadual, a todos os setores da classe operária, como aconteceu no Rio Grande do Sul, e a greves de diversos setores profissionais no âmbito nacional, como aconteceu com a recente luta dos marítimos, portuários e ferroviários. Deve-se constatar, ainda, que são justamente os setores mais importantes da classe operária, não só do ponto-de-vista numérico, como de sua significação econômica e política, aqueles que mais firmemente vêm lutando.

A classe operária, este ano, atinou mais organizadamente. Em sua maioria, as greves realizadas foram precedidas de assembleias preparatórias com grande participação de massa, contaram com programas reivindicativos previamente elaborados, com a ampla atividade dos piquetes de greve, e com comandos livremente eleitos e, por isso mesmo, com o prestígio e a autoridade necessários junto às massas. Isso possibilitou ao proletariado atuar mais disciplinadamente, com o máximo de firmeza na luta para obter suas exigências e, simultaneamente, com a indispensável flexibilidade, a fim de evitar as provocações urdidas pela reação, objetivando o desgaste de suas forças. Os trabalhadores souberam avançar e recuar quando preciso, sempre de forma organizada, mantendo, consolidando e ampliando suas forças, com vistas às novas batalhas que deverão enfrentar. Isso demonstra que o proletariado acumula experiência e adquire a consciência de que na luta por seus interesses imediatos e mediatos deve contar, fundamentalmente, com a força de sua unidade e organização, de sua solidariedade e disciplina no combate.

## Manifestações de rua

Outra característica consiste em que, no curso das greves, os trabalhadores vêm realizando grandes manifestações de rua — passeatas, concentrações, comícios, etc. —, nas quais, ao lado de suas reivindicações econômicas, levantam bandeiras políticas, tais como a da limitação da remessa para o exterior dos lucros das empresas estrangeiras, a da nacionalização dos frigoríficos e das empresas de energia elétrica norte-americanas, a bandeira da reforma agrária, a da nacionalização dos bancos estrangeiros de depósitos, a do restabelecimento das relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética e a China Popular, a da defesa e a ampliação da Petrobrás, a bandeira da solidariedade à revolução cubana e à luta emancipadora do povo argelino, a da interdição das armas atômicas e de hidrogênio, pelo desarmamento universal e completo, etc. Nesse sentido, se é verdade que a maioria das lutas do proletariado se reveste, no início, de um caráter essencialmente econômico, adquire no processo um conteúdo político, por força da ação reacionária do poder constituído, chegando, muitas vezes, a choques violentos, entre operários e o aparelho de repressão do governo, como aconteceu recentemente em São Paulo, por ocasião da greve dos traba-

lhadores da CMTC e da dos metalúrgicos, e no Estado do Rio, na greve dos trabalhadores de Cabo Frio e de Caxias. A ação patronal e a do governo, contra os postulados democráticos da Constituição da República e contra os direitos estatuidos nas leis trabalhistas, vêm determinando a ampliação da solidariedade política no movimento operário e no seio das amplas massas populares. O governo vai aparecendo, diante dos trabalhadores, tal que é: uma instituição no fundamental a serviço das classes dominantes, e, no processo da luta, vai amadurecendo na consciência das massas a necessidade de lutar pela formação de um governo de coligação nacionalista e democrática, que realize uma política consistentemente antilimprialista, democrática e antifeudal, em consonância com os interesses e a aspiração de progresso e bem-estar de nosso povo. No entanto, a principal característica das lutas, foi a de que as massas operárias, tanto das empresas privadas, como das do Estado, objetivamente, deram uma enérgica resposta à orientação impressa no governo do Sr. Juscelino Kubitschek, e aos seus teóricos, de que o desenvolvimento econômico em nosso país deveria continuar a ser feito na dependência da «ajuda» dos imperialistas norte-americanos, adaptado à manutenção da estrutura agrária semifeudal vigente no campo brasileiro, e somente à custa de inauditos sacrifícios dos trabalhadores e das massas populares (Teoria do «Desenvolvimentismo»). Não conseguiu o governo e nem seus principais defensores e, também, seu aparelho de repressão, impedir e opor-se com êxito aos grandes movimentos reivindicatórios, que atingem as atividades fundamentais do país, notadamente os transportes. Esses movimentos traduzem o espírito de luta das massas, seu descontentamento com a situação reinante no país, bem como a aspiração de todo o nosso povo, que deseja um novo curso, verdadeiramente independente, para o desenvolvimento econômico político e social do Brasil.

## Maior participação de massa

A realização de congressos e convenções sindicais vem contribuindo para fortalecer a organização e a unidade, bem como a solidariedade de classe, e para tornar mais claras as reivindicações dos trabalhadores e as questões nacionais e democráticas que a eles mais interessam. Em 1958, realizaram-se conferências ou congressos sindicais em 12 Estados, 8 conferências nacionais de setores profissionais e a I Conferência Sindical Nacional, com mais de 1.000 delegados, representando mais de 600 sindicatos. Em 1959, realizaram-se 14 congressos sindicais de âmbito estadual ou de setores profissionais em âmbito nacional e a II Conferência Sindical Nacional, da qual participaram acima de 1.500 delegados, representando 4 Confederações, 60 Federações e, aproximadamente, 1.000 sindicatos. Em 1960, realizaram-se conferências ou congressos sindicais em 16 Estados, e 6 congressos nacionais de setores profissionais, sendo todas essas reuniões coroadas com o III Congresso Sindical Nacional, que representou o fruto de um longo trabalho unitário em que se empenharam os comunistas, os trabalhistas e outras forças atuantes no movimento operário, e do qual participaram cerca de 2.500 delegados, representando confederações, federações e acima de 1.000 sindicatos. A característica de todos esses conclaves neste ano, consiste em que contaram com uma maior participação de massa e que os trabalhadores não se limitaram a discutir e a decidir somente sobre suas reivindicações especificamente sindicais, mas tomaram, também, decisões de conteúdo político ligadas à luta geral de nosso povo contra os imperialistas norte-americanos e os latifundiários. Nesse sentido, adquire grande importância o Progra-

ma elaborado pelo III Congresso, documento que continua a nortear a ação do movimento operário em nossa terra.

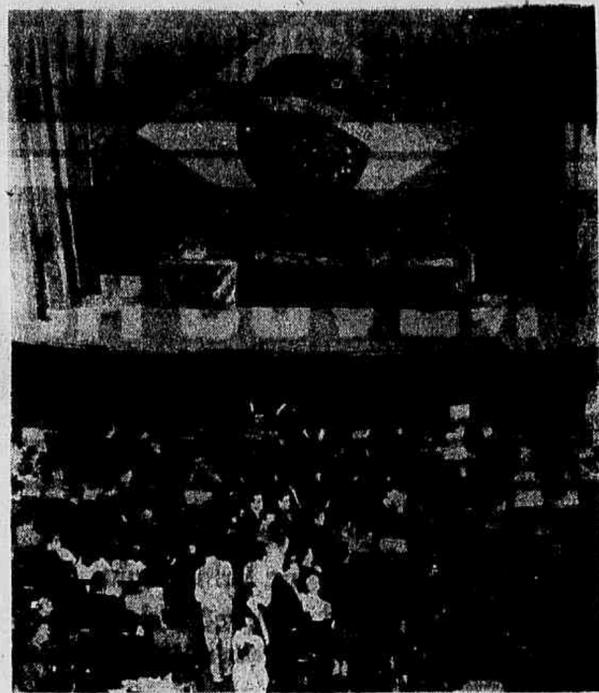
## Novas formas de organização

Não obstante o caráter estritamente vertical da atual estrutura sindical, formas de organização de tipo horizontal vêm sendo forjadas pelos trabalhadores. Em todos os Estados já existem organismos intersindicais eleitos democraticamente e reconhecidos, na prática, pelas autoridades e pelos trabalhadores. Esses organismos vêm desempenhando importante papel na unificação das lutas e na ampliação da solidariedade da classe operária. Na marcha para o III Congresso, reforçaram-se diversos Conselhos Sindicais Estaduais, como os de São Paulo, do Estado do Rio, do Rio Grande do Sul. Criaram-se novos organismos intersindicais no Estado da Guanabara e no Nordeste. É positivo o fato de surgirem, nos últimos tempos, organismos intersindicais nos municípios como acontece nas cidades de São Paulo, Porto Alegre e Recife. Reveste-se de grande importância, também, a unidade de ação alcançada pelos marítimos, portuários e ferroviários na última greve e sua materialização num organismo intersindical desses três setores da classe operária. A criação, no III Congresso, da Comissão Permanente do IV Congresso e a eleição da Comissão Executiva Nacional constituem outra conquista de grande importância para que seja assegurada a coordenação da atividade dos trabalhadores sob uma única direção nacional. Os trabalhadores compreendem que tais organismos não se contrapõem à atual estrutura sindical prevista na CLT, nem podem ser pretexto para o abandono ou a substituição das Federações e Confederações sindicais. Ao contrário, o trabalho nas entidades que compõem a atual estrutura sindical deve ser intensificado e, simultaneamente, é justo envolver esforços para dar vida às organizações intersindicais que a classe operária vem criando, visando suprir as deficiências inerentes ao sistema sindical vigente...

## Solidariedade internacional

Neste ano, fortaleceram-se os vínculos entre o movimento operário brasileiro e o movimento operário internacional, representado pela Federação Sindical Mundial, Dirigentes da FSM e do movimento sindical da América Latina participaram dos trabalhos do III Congresso Sindical Nacional. Representantes da FSM estiveram presentes ao Congresso Sindical dos Trabalhadores Paulistas e à Conferência Nacional dos Empregados em Estabelecimentos de Crédito, Realizou-se em Volta Redonda o Encontro Latino-Americano dos Metalúrgicos e, no Rio, o Encontro Latino-Americano dos Bancários. Numerosos dirigentes sindicais viajaram, este ano, para os países socialistas, principalmente para a União Soviética e para a China Popular. Verificou-se uma maior ligação do movimento operário brasileiro com as organizações sindicais dos operários cubanos e com os objetivos da revolução daquela povo irmão. Essas iniciativas revelam o elevado espírito de solidariedade internacional que preside à ação dos trabalhadores, e constituíram novos elos da corrente da unidade mundial da classe operária.

O crescimento das lutas da classe operária, o fortalecimento de sua organização e unidade, determinaram uma série de vitórias no terreno econômico e político, como o aumento dos salários para a maioria dos setores operários, num nível mais alto do que o dos anos precedentes; a conquista, pelos marítimos, portuários e ferroviários, da paridade de vencimentos entre o funcionalismo civil e militar, o que significou um aumento de 44%; a aprovação do Plano de Classificação do funcionalismo; a revisão dos níveis do salário mínimo, que foram aumentados em mais de 60%; a prorrogação da Lei do Inqui-



## III Congresso Sindical Nacional

O III Congresso Sindical Nacional, reunido em agosto nesta cidade, com a presença de centenas de delegados de todo o país, representou importante passo no caminho da unidade do movimento sindical.

llnato; uma série de vitórias parciais, como a libertação de grevistas encarcerados pela polícia; a desinterdição de diversos sindicatos. O mais importante é que o movimento operário, unido aos estudantes e a outras forças nacionalistas e democráticas, conseguiu barrar, por ocasião da greve dos marítimos, portuários e ferroviários, a conspiração palaciana que visava ferir a Constituição da República e estabelecer o Estado de Sítio, para esmagar pela força as lutas do proletariado e do povo e paralisar, assim o ascenso do movimento nacionalista em curso no país. Importante vitória, fruto de uma luta que durava já 13 anos, foi a aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social, a qual, embora apresente aspectos negativos, mantém todos os benefícios que já vinham sendo concedidos pelos Institutos, criou novos benefícios e modificou o sistema da administração das instituições de previdência social, possibilitando aos operários exercer certa influência nas mesmas. Aplicando essa Lei, os trabalhadores alcançaram algumas vitórias na eleição das JJR e na administração de certos Institutos. Ao lado do máximo aproveitamento dos aspectos positivos da Lei Orgânica, os trabalhadores mantêm erguida a bandeira da luta que exige a entrega aos sindicatos da gestão do sistema previdenciário no Brasil.

## Debilidades e obstáculos

Os êxitos, entretanto, não nos devem impedir de observar atentamente as debilidades de que se resente o movimento sindical. A sua base nas empresas continua muito fraca, são raros os Conselhos Sindicais de empresa e que, afara os movimentos mais intensos das lutas reivindicativas, limita a vida dos sindicatos à cúpula e a um círculo bastante restrito de ativistas. Continua baixo o nível de sindicalização em relação ao número de operários. Os jovens e as mulheres que, em certas indústrias, constituem a maioria dos trabalhadores, não vivem praticamente a vida dos sindicatos. Os assalariados agrícolas, que ultrapassam de 4 milhões em nosso país, continuam desorganizados, e a ação do movimento operário nas cidades para ajudar a organização dos trabalhadores agrícolas, com raras exceções, continua incipiente, aquém das possibilidades. Continua débil a luta pelo reconhecimento dos sindicatos dos trabalhadores rurais junto ao Ministério do Trabalho. A interferência ministerialista ainda é forte na vida das organizações sindicais. Contra essa interferência não temos lutado com suficiente vigor. As tendências oportunistas de direita, que se manifestam neste particular, devem ser erradicadas, porque conduzem à passividade e à adaptação ao estado de coisas existente. A burguesia intensifica sua ação ideológica e política no movimento operário, visando pô-lo a rebouco de seus interesses de classe. Procura inocular nos operários os princípios da «Rerum-Novarum», da «Paz Social», etc., e descharacterizar os sindicatos, transformando-os em órgãos da luta de classe que devem ser, em instituições de assistência social, etc. E contra essa ação nefasta, que se amplia, não temos realizado um melhor trabalho ideológico e político no seio do movimento operário. Não obstante a força de atração das idéias socialistas e do exemplo que emana das históricas realizações do povo soviético, chinês e de todo o campo onde impera o socialismo, nosso trabalho de propaganda e de educação, no seio do movimento operário, é fraco, defensivo e aquém das possibilidades e necessidades existentes.

## A caminho de novas vitórias

Mas, se os indivíduos citados se desesperam e passam a «meter os pés pelas mãos», desmascarando-se diante dos trabalhadores, os comunistas não têm razão para perder a calma e continuarão executando sua política de massas, de unidade e de luta. Não nos arrependemos de nossa atividade nas confederações e apenas lamentamos a posição antidemocrática que tais pessoas vêm assumindo. Os trabalhadores não confundem a posição desses líderes com as entidades que dirigem. Consideram as Confederações como organizações da classe operária, não as abandonarão e, ao contrário, reforçarão o trabalho no interior das mesmas, visando democratizá-las, para que possam vir a ocupar o lugar de honra que lhes está destinado no movimento sindical brasileiro.

Os comunistas constituem, no movimento sindical brasileiro, uma força de primeira plano e a sua atuação tem contribuído, de modo decisivo para elevar o grau de unidade, de organização e a consciência do movimento operário. Fazendo esforços para romper com o sectarismo que nos isola das grandes massas trabalhadoras, temos conseguido neutralizar a ação das forças antunitárias no movimento operário, reforçando nossas posições e ampliando o campo de nossos aliados, para desesparar os elementos reacionários interessados em manobras divisionistas. Votificando para trás o tempo em que os tubarões do sindicalismo brasileiro, mancomunados com as forças obscurantistas do imperialismo e da reação interna, podiam facilmente enganar as massas e impor a elas sua vontade. Vivemos na grande época da transição do capitalismo ao socialismo. Nesta época é difícil marchar contra a corrente. Avoluma-se e acelera sua marcha o caudal da luta emancipadora e democrática, que as massas de nosso povo impulsionam para a frente. Isto é o decisivo e irresistível. Ao impacto dessa torrente anular-se-ão todas as manobras mais ou menos todas as resistências. Estamos no limiar de um novo ano. Aos comunistas cabe, pois, tudo fazer para que a experiência acumulada frutifique em novas vitórias no ano que ora se inicia.



## A grande batalha unitária

Marítimos, portuários e ferroviários realizaram, durante o mês de novembro, grandiosa manifestação unitária em defesa da unidade. A greve das três categorias revestiu-se de completo êxito, apesar das violências e ameaças de um banho de sangue prometido pelo ministro da Justiça, Armando Falcão. A greve, que durou quase uma semana, foi total e só terminou quando o governo prometeu satisfazer as reivindicações dos trabalhadores.

# A Conferência Dos Partidos Comunistas e Operários

LUIZ CARLOS PRESTES

Ao ensejo das comemorações do 43º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, reuniram-se em Moscou os representantes de 81 partidos comunistas e operários dos 87 hoje existentes no mundo, partidos que se guiam pela vitoriosa doutrina marxista-leninista e que agrupam mais de 36 milhões de militantes.

Após a Conferência de 1957, foi a atual Conferência o acontecimento mais importante do movimento comunista internacional. Reflexo da força e influência alcançadas pelo movimento comunista mundial, permitiu uma ampla troca de experiências, a análise aprofundada do desenvolvimento da situação internacional nos três últimos anos, o esclarecimento de problemas importantes, como o do conteúdo de nossa época, os relativos às notáveis conquistas do sistema socialista mundial e ao ulterior avanço na construção da sociedade socialista, o da guerra e da paz, o relativo ao desenvolvimento dos movimentos de libertação nacional, o da luta revolucionária nos países capitalistas e ainda os relativos ao fortalecimento dos partidos comunistas e de todo o movimento comunista mundial.

A discussão de todos os problemas constituiu espetáculo empolgante e inesquecível para todos que dele participaram. Jamais fora possível uma análise de tal maneira multilateral dos acontecimentos internacionais, o acúmulo de tão variada e rica experiência, a reunião de informações e dados aparentemente tão divergentes, apreciados todos, no entanto, sob o prisma da mesma ciência e na base dos mesmos princípios inabaláveis do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

A Conferência pôde, assim, aprovar por unanimidade uma Declaração dos partidos comunistas e operários, bem como um Apelo aos povos de todo o mundo. Na Declaração confirma-se a validade da Declaração de 1957 e do Manifesto da Paz, como documentos programáticos do marxismo-leninismo que «continuam a ser bandeira de combate e guia para a ação de todo o movimento comunista internacional». Dá-se a caracterização detalhada da situação mundial contem-

porânea, generaliza-se a experiência dos movimentos comunista, operário e de libertação nacional, faz-se um balanço das conquistas do sistema socialista mundial. A Declaração traça ainda as tarefas mais imediatas que se apresentam aos comunistas de todos os países, ao proletariado internacional e aos povos do mundo inteiro que lutam pela paz e pela liberdade. Quanto ao outro documento, é um apelo caloroso que conchama todas as pessoas amantes da paz no mundo inteiro a que lutem contra a política imperialista de agressão e pela preservação da paz.

A unidade do movimento comunista mundial obteve, assim, nova e significativa vitória, golpeando mais uma vez e seriamente todas as manobras imperialistas, todas as especulações de seus escribas, que, após a derrota por eles sofrida com os resultados unitários da reunião de 1957, tentavam ultimamente explorar apreciações divergentes sobre acontecimentos mais recentes na arena internacional para tentar apresentar o movimento comunista mundial como dividido e enfraquecido. Os resultados unitários da Conferência de Moscou, expressos nos dois documentos unanimemente aprovados, desmantelaram novamente os planos e as especulações da reação imperialista.

Durante a realização da Conferência, alguns jornais da reação tentaram ainda especular a respeito de sua duração, afirmando ser excessivo o tempo dispendido nos debates e que isto traduzia as divergências que opunham uns aos outros os principais e maiores partidos comunistas. Os jornalistas da reação eram, assim, vítimas de suas próprias mentiras, das calúnias que difundem a respeito dos partidos comunistas, apresentados por eles como meros caudatários das decisões tomadas pela direção do Partido Comunista da União Soviética. Os partidos comunistas são, na verdade, organizações autônomas ou, como se afirma na Declaração, «independentes e iguais em direitos». Vemos todos no PCUS o deslucamento mais experiente e provado do movimento comunista internacional, mas repelimos a calúnia daqueles que falam nas pretensões oraques de Moscou. Cada partido comunista elabora a sua própria

política «baseando-se nas condições concretas dos seus países, orientando-se pelos princípios do marxismo-leninismo, e prestando-se apoio mútuo». A Conferência de Moscou foi um conclave democrático em que cada um participou em pé de igualdade, trazendo sua própria experiência e apreciando de um ponto de vista próprio o desenvolvimento da situação internacional, colaborando assim na elaboração dos documentos que traduzissem, como de fato traduzem, a aplicação criadora do marxismo-leninismo às novas condições mundiais. A relativa duração da Conferência refletia evidentemente a riqueza da experiência acumulada e a profundidade de um debate que devia levar à generalização dessa experiência na base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

Mais que nunca se comprova agora a verdade leninista a respeito do marxismo que não é uma ciência morta, mas um guia para a ação que se desenvolve criadoramente com o próprio desenvolvimento do processo social. A história avança a ritmo acelerado. Vive-mos dias em que o processo do desenvolvimento social é cada vez mais rápido. Sucedem-se acontecimentos e mudanças de importância extraordinária. E isto coloca também a necessidade de desenvolver de maneira criadora a teoria e a prática do destacamento dirigente do processo social. Por isto, a Conferência, sem deixar de reafirmar a necessidade da luta contra o revisionismo que «continua sendo o perigo principal», dedicou particular atenção à luta contra o sectarismo e o dogmatismo que, como se afirma também na Declaração, «não permitem apreciar com oportunidade e justiça as mudanças constantes da situação e a nova experiência». Diz ainda a Declaração: «O dogmatismo e o sectarismo privam os partidos revolucionários da capacidade de desenvolver o marxismo-leninismo à base da análise científica e de aplicá-lo de modo criador de acordo com as condições concretas». Na Conferência de Moscou evidenciou-se com novo vigor o caráter vivo e atuante do marxismo-leninismo criador.

Foi, pois, na base de uma análise aprofundada e multifacética da realidade que se chegou à caracterização de nossa época, como da supremacia das forças socialistas e

da passagem do capitalismo para o socialismo. «É a época da luta de dois sistemas sociais opostos, a época das revoluções socialistas e das revoluções de libertação nacional, a época da ruína do imperialismo, da liquidação do sistema colonial, a época do ingresso de um número cada vez maior de povos no caminho socialista, a época do triunfo do socialismo e do comunismo em escala universal». É certo que o imperialismo não perdeu seu caráter agressivo, mas, como se afirma na Declaração, «não poderá deter o desenvolvimento progressivo da história». O mundo avança e sua característica principal na época atual «consiste no fato de que o sistema socialista está se transformando no fator decisivo do desenvolvimento da sociedade humana». Ao mesmo tempo que o sistema socialista mundial torra-se cada dia mais poderoso e aproxima-se do momento em que se colocará à frente na esfera decisiva da atividade humana, a da produção material, o sistema capitalista mundial vê agravar-se a crise geral do capitalismo, a qual, como se afirma na Declaração, entrou em nova etapa. O imperialismo não mudou de natureza, mas já não faz o que quer. O mundo contemporâneo, dividido em dois sistemas mundiais em competição, é muito diferente daquele de antes da segunda guerra mundial e da derrota do nazifascismo. Como vimos no debate de nosso V Congresso foi fundamentalmente a incompreensão das consequências decorrentes das profundas modificações por que passou o mundo neste após-guerra que não permitiu a alguns camaradas compreender o acerto da linha política vitoriosa em nosso Congresso.

É partindo da caracterização da época atual que se chega na Declaração à reafirmação da tese já levantada no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e na Declaração de 1957 a respeito da guerra mundial que já não é inevitável. Sobre a questão da guerra e da paz, os representantes dos partidos comunistas e operários reunidos em Moscou chegaram agora a novas conclusões da maior importância. Partindo do fato de que uma guerra mundial seria nas condições atuais uma guerra termonuclear, catastrófica de proporções inimagináveis, contrária aos interesses dos povos, da civilização e da cultura, e contra a qual não podem deixar de estar os mais amplos setores da população mundial, afirmamos na Declaração que é possível aos povos dos países capitalistas impor a seus governos a política de coexistência pacífica e chegar-se, através de um processo difícil mas viável, ao desarmamento universal e completo. Reconhecendo que só com a vitória do socialismo no mundo inteiro será definitivamente eliminada a causa social do surgimento de qualquer guerra, afirma, no entanto, a Declaração que «mesmo antes da completa vitória do socialismo sobre a terra, embora o capitalismo subsista em uma parte do mundo, surgirá a possibilidade real de banir a guerra mundial da vida da sociedade». Somos revolucionários, mas jamais afirmamos que a guerra entre Estados seja indispensável à vitória da revolução social. Os comunistas estão convencidos de que se os imperialistas desencadearem a guerra os povos sepultarão o capitalismo; consideram, porém, os comunistas que é possível salvaguardar a paz e que a luta pela paz é tarefa primordial e de primeira grandeza. «Coexistência pacífica entre Estados com diferentes regimes sociais ou uma guerra destruidora — assim se coloca hoje a questão. Não há outra alternativa».

Outro problema importante abordado na Declaração é o relativo aos caminhos e formas da revolução socialista. É reafirmada expressamente a tese da Declaração de 1957 em que se diz que a classe operária e sua vanguarda «aspiram à revolução socialista por meios pacíficos». A questão é agora tratada, porém, de maneira mais detalhada, na base da rica experiência adquirida nos últimos anos. Mostrando a importância da luta pela democracia, considerada como parte integrante da luta pelo socialismo, diz a Declaração que a realização de uma série de medidas de caráter democrático «seria um passo importante no caminho do progresso social e corresponde aos interesses da maioria da nação». São medidas que não eliminam a exploração do homem pelo homem. A sua realização, no entanto, «limitaria o poder dos monopólios, aumentaria o prestígio e o peso político da classe operária na vida do país, contribuiria para o isolamento das forças mais reacionárias e facilitaria a união de todas as forças democráticas». São medidas ainda — como conclui a Declaração — que «levam as massas a compreenderem as tarefas da revolução socialista e a necessidade de sua realização». É justamente nisto que consiste a diferença radical entre os partidos comunistas, marxistas-leninistas, e os reformistas, que vêem nas reformas no âmbito do regime capitalista seu objetivo final.

Apreciamos neste artigo alguns aspectos apenas do importante e riquíssimo documento aprovado na Conferência de Moscou — plataforma programática do movimento comunista mundial, bandeira da vitória do marxismo-leninismo, bandeira da coesão, em torno da qual se agrupam todos os comunistas, armados para realizar com êxito sua tarefa histórica de vanguarda na luta dos povos pela paz, pela democracia, pela libertação nacional e pelo socialismo. Os dois documentos aprovados na reunião de Moscou constituem elemento inspirador para o movimento comunista mundial e muito contribuirão em nosso país para facilitar uma melhor compreensão da linha política dos comunistas brasileiros, aprovada pelo V Congresso e sintetizada na Resolução Política do Congresso. Ambos os documentos — tanto a Declaração dos partidos comunistas e operários como a Resolução Política de nosso V Congresso — baseiam-se nas teses vitoriosas do XX Congresso do Partido Comunista da

União Soviética e da Declaração de 1957. O estudo aprofundado da nova Declaração, que reflete a riquíssima experiência de todo o movimento comunista mundial, facilitará, no entanto, uma melhor assimilação de nossa linha política e permitirá a ulterior elaboração, na base da realização prática das tarefas que enfrentamos, de muitos de seus elementos mais importantes.

Os inimigos de nossa causa não se conformam evidentemente com as vitórias que alcançamos e tudo indica que já se movimentam em nosso país, aproveitando pretextos, como a derrota eleitoral da candidatura do marechal Teixeira Lott, para introduzir em nossas fileiras a dúvida a respeito da justiça de nossa linha política e fazendo esforços para tentar desacreditar a direção de nosso Partido a fim de mais facilmente golpear sua unidade. Precisamos estar vigilantes e não esquecer as recomendações da Declaração quando diz que «nas condições atuais os problemas ideológicos adquirem um significado especial» e que «os comunistas consideram como sua tarefa desenvolver decididamente uma ofensiva na frente ideológica para conseguir livrar as massas populares do jugo da ideologia burguesa de todas as espécies e formas».

## Ajuda a NOVOS RUMOS

Respondendo ao apelo feito por NOVOS RUMOS, leitores dos mais diversos pontos do país tem-nos enviado suas contribuições financeiras. Agradecendo a todos os que já nos honraram com sua ajuda valiosa e indispensável, reiteramos aqui o apelo por nós feito, há dois meses, no sentido de que nossos leitores e amigos realizem um trabalho de finanças especialmente dedicado a NOVOS RUMOS, a fim de que possamos fazer frente às crescentes despesas com a circulação deste jornal.

Abaixo damos as contribuições recebidas esta semana:

Amigo do Flamengo	500,00
Amigos de Copacabana	2.500,00
J. Damião (Camaragibe)	200,00
Pedro A. de Araújo	500,00
Marceneiros de S. Cristóvão	350,00
Jornalistas	1.800,00
Amigos de Cascadura	2.400,00
	8.250,00

# Lacerda é o Patrono da Corrupção

Os trabalhos da Assembléia Constituinte tiveram até agora um mérito: o de mostrar aos cariocas a hipocrisia de toda a pregação moralizadora feita durante

todos esses anos pelos líderes udenistas, particularmente o sr Carlos Lacerda. Uma vez no Poder, para o qual foi conduzido por um quarto apenas do eleitorado

do Rio, o fundador do Clube da Lanterna se encarrega de desfazer, logo nos primeiros dias, as ilusões que nele ainda depositava uma parte de nossa população. Ataca furiosamente os que compravam e os que se vendiam. E iniciou o seu governo comprando os politiquês mais desmoralizados do Estado: Amando Fonseca, Sami Jorge, Silbert Sobrinho e outros do mesmo naipe. Bateu-se furiosamente contra a cassação do próprio mandato e, no ano passado, defendia com ardor a sobrevivência da Câmara de Vereadores. Agora, comanda a sua bancada na Constituinte na batalha pela cassação dos mandatos dos antigos vereadores, através da imoralidade chamada Ato Constitucional. Garantiu que no dia seguinte à sua posse resolveria o problema dos telefones. E o que fez foi a farsa da "intervenção" na CTB para dar o que a Light quer — o autofinanciamento.

A bancada governista na Assembléia Constituinte, por sua vez, segue fielmente o exemplo do sr. Lacerda: atua por meio de ardis, quando não prefere recorrer ao "rôlo compressor". A atitude do "jurista" Temistocles Cavalcanti, na reunião da última sexta-feira da Comissão de Constituição, foi típica da "moralidade" udenista: presidindo a reunião, ora decidia que estava em vigor o regimento da própria Constituinte, ora que vigorava o regimento da Câmara Federal. Essa duplicidade vem sendo uma característica marcante de todo o Governo Lacerda. Uma duplicidade vergonhosa, jesuítica, em que sempre predominam os interesses contrários ao povo carioca.

## Boas Festas e Feliz Ano Novo

Recebemos, agradecemos e retribuimos os votos de Feliz Natal e próspero Ano Novo das seguintes pessoas e entidades:

Sindicato dos Jornalistas Liberais do Estado da Guanabara, Antônio Carvalho Ramos e Emílio Carvalho Ramos, Teixeira, Caldas, Montenegro & Cia., Osmundo Dias de Oliveira, Honório Peçanha, Segundo Secretário da Embaixada da República Socialista da Tchecoslováquia e Sra. Vacula, Irineu Ferreira e família, "A Voz do Povo" — Alagoas, Cia. T. Janer Comércio e Indústria, José Vieira Motta, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado da Guanabara, José Lima da Silva, Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos, Trolley-Bus e Cabos Aéreos do Rio de Janeiro, Centro dos Negociantes, Alvaro de Albuquerque Cecon, Itamar Ridolph, Jason Gonçalves de Lima, Oswaldo Garcia, Instituto Internacional de Paz — Áustria, Antônio Rechia e família, Sociedade Agrícola de Pecuaría dos Plantadores de Pernambuco (Ligas Camponesas) — Núcleo do Jardim S. Paulo, Editorial Vitória, Joaquim Teixeira Chaves, Sindicato dos Oficiais Marceneiros nas Indústrias de Serrarias e Móveis de Madeira do Estado da Guanabara, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Produtos Químicos para fins Industriais, de Produtos Farmacêuticos, Sabão e Velas, de Explosivos, Tintas e Vernizes, Aduos e Celas, Lavanderias e Tinturarias do Vestuário de Curitiba, e União dos Servidores Municipais.

## Vá ouvir Prestes na ABI

Reserve agora o seu convite se ainda não o fez. No próximo dia 3, às 19 horas, Luiz Carlos Prestes fará uma palestra sobre a Conferência dos representantes de 81 partidos comunistas, recentemente realizada em Moscou. Em nome dos comunistas brasileiros, Luiz Carlos Prestes e Joaquim Câmara Ferreira participaram ativamente dos trabalhos daquela importante conferência.

Os convites podem ser encontrados na Gerência de NOVOS RUMOS, que patrocina a palestra, na av. Rio Branco, 257, 9º andar, sala 905.

## São Paulo: Coquetel de confraternização

Realizar-se-á, às 17 horas do próximo dia 6, nos salões de recepção da ABI, a rua Álvares Machado, 22, 5º andar, coquetel de confraternização pela entrada do ano novo, oferecido por NOVOS RUMOS aos intelectuais, líderes políticos, sindicais e estudantes de São Paulo. Na ocasião, usará da palavra o jornalista Orlando Bomfim, diretor-executivo de NR.

# JK: Natal de Violência Contra os Operários

O Governo do sr. Juscelino Kubitschek faz questão de encerrar o seu mandato deixando bem clara a sua face antioperária. Depois de assumir com os ferroviários, portuários e marítimos o compromisso de assegurar-lhes as vantagens da paridade, recorreu a toda sorte de ardis, traindo a palavra empenhada. Foi necessário que os operários ameaçassem deflagrar nova greve nacional para que o Governo livesse de recuar em suas negações.

Ardis igualmente revoltantes foram utilizados contra os servidores do DCT. No instante em que, na Guanabara, foram esses funcionários receber os seus vencimentos, que já deviam estar majorados com os benefícios da paridade, tiveram a comunicação de «as folhas não estavam prontas», «as verbas não foram liberadas», etc. Justamente

indignados, protestaram. A polícia não vacilou: passou a espancar brutalmente os funcionários, chegando, segundo denunciaram alguns jornais, ao assassinio de um dos manifestantes.

Tudo isso aconteceu nas vésperas do Natal, poucos dias antes do sr. Kubitschek falar à Nação, entoando as maiores louas ao seu próprio Governo e exaltando a fraternidade humana. E assim mesmo que governos como o de JK entendem a fraternidade: lucros crescentes para os exploradores, sobretudo os trustes imperialistas, e violência e fome para as massas trabalhadoras. Os operários brasileiros, contudo, já não se conformam com esses estranhos conceitos. E a prova aí está: em 1960, mais de um milhão e meio de operários foram à greve em defesa de seus direitos.

# Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Transcorreu o Natal com a rua do Ouvidor cheia de gente a fazer compras e a rua da Alfândega ainda mais cheia. A busca do mais barato, no entanto, fez com que se sentissem os efeitos da lei da oferta e da procura. E a carestia tornou-se fenômeno inapelável, em todos os escalões comerciais da heroica e leal Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Em frente à Galeria dos Empregados no Comércio, trombones de uma pequena charanga protestante, envergando o glorioso uniforme do Exército de Salvação, sopraram, a plenos pulmões e de bochechas inflamadas, canções dos climas frios, sob quarenta graus ao moriaço. Enquanto isso o governador eleito (por um quarto do eleitorado) voava de helicóptero, cedendo à fatal influência dos estadistas do Pólo Seis, mania que deu celebridade, na história dos vãos planetários, ao ex-presidente Café Filho. Papai Noel, usando o mesmo instrumento de transporte, semanas antes, chegara ao Rio, aumentando a confusão do trânsito terrestre. O primeiro, distribuindo promessas, gênero muito barato em tempo de vida cara. O segundo, presentando brinquedos, gênero caro, em todas as situações.

Enquanto o governador não muito eleito prometia ao carioeca, entre outros brinquetes de luxo, uma usina siderúrgica, a antiga imprensa da oposição, hoje transformada em imprensa rosa, apon-

tava como ridículas as queixas dos que não encontram água nas torneiras. Argumentos em favor da falta d'água: a população aumentou, os mananciais próximos estão totalmente utilizados e além disso "não há mais condições para se resolver o problema da água em seis dias, como fez o notável prefeito engenheiro Paulo de Frontin".

Nesse ambiente chegaram as cinzas dos praefinhos, entre discursos encabulados. Evitaram-se referências excessivas ao hilerismo. Os amigos de Adenauer e do re-vanchismo não falam muito em nazismo, nem aludem ao rancor anti-socialista. Não falam na substituição de Roosevelt por Truman e Eisenhower, nem nos Batalhões de Trabalho e nas "Schutzkompanien" da Alemanha de Bonn, hoje transformados em força que dispõe de armas nucleares, organizada sob o mesmíssimo pretexto de constituição de um "escudo contra o comunismo", pretexto que Hitler invocava. No entanto os 466 praefinhos morreram para dar fim ao fascismo.

NR em Minas Gerais

# Greve Paralisa as Repartições Estaduais

Os funcionários do Estado e da Prefeitura de Belo Horizonte se encontram empenhados em um grande movimento visando a conquista de melhores vencimentos. Os servidores do Estado, cujo número é superior a 70 mil, pleiteiam um aumento de 50% sobre os seus atuais vencimentos, com um mínimo de 5.000,00 e um máximo de 10.000 cruzeiros. O pessoal da Prefeitura reivindica melhoria quase idêntica a dos funcionários.

No ano passado as professoras primárias do Estado e os trabalhadores da Prefeitura chegaram a realizar memoráveis greves que tiveram repercussão nacional. Terminaram o movimento vitoriosos. Este ano, diante da firmeza dos funcionários do Estado, a Assembleia Legislativa resolveu conceder-lhes

um abono provisório de Cr\$ 3.180,00, com o que não concordaram.

### Movimento de rua

A luta dos funcionários do Estado já foi levada para a rua. Diariamente os «barnabés» de Minas realizam concentrações em frente à Assembleia e ao Palácio do Governo, levando a esses representantes do povo as suas reivindicações e o seu protesto contra o irrisório abono concedido pela Assembleia. Comanda essa luta a União Mineira dos Servidores Públicos, que conseguiu unificar as várias entidades de funcionários do Estado, fato novo na história das organizações de servidores de Minas. A campanha conta com a participação de milhares de «barnabés» e a cada dia que passa, toma nova feição com o apoio que aumenta

sempre, na mesma proporção do entusiasmo dos seus participantes.

### Na Prefeitura

Também o pessoal da Prefeitura está todo mobilizado para a luta. Na semana passada uma grande comissão esteve no Gabinete do prefeito Aminias de Barros, que na oportunidade afirmou que a municipalidade não estava em condições de atender os seus servidores, passando a fazer ameaças contra qualquer movimento de rebelião dos seus subordinados. Os líderes do movimento protestaram enérgicamente contra as palavras do prefeito, afirmando categoricamente que utilizarão de todos os meios de luta para conquistar o aumento que pleiteiam.

### Ameaça de greve

Não resta dúvida de que os funcionários do Estado e da Prefeitura de Belo Horizonte irão culminar o seu movimento com uma greve, inicialmente simbólica e que poderá depois se transformar em greve geral, paralisando toda a máquina burocrática do Estado e da Municipalidade. Os funcionários já reclamam abertamente de suas entidades a decretação da greve, uma vez que estão desesperançados de obter o aumento por vias pacíficas.

### Unidos contra os servidores

A UDN que sempre se arvorou em defensora do funcionalismo e que quando da greve das professoras, aproveitou do movimento para desmoralizar o Governo pedetista e realizar propaganda política em torno de seu então candidato a governador, desta feita, depois de ver o sr. Magalhães Pinto eleito, traiu os funcionários torpedeando todas as tentativas de se conceder um aumento mais digno para os «barnabés». Para sua política de traição, contou com a colaboração da bancada do PSD, PR e parte do PTB, em troca de favores do próximo governo, que antes mesmo de ser empossado já dá uma prova de sua alegria pelas reivindicações dos servidores do Estado.

nos os pequenos Abatedores aqui mencionados fruirão da dispensa das taxas de abate, nos termos da Lei Municipal já tramitando na Câmara e ficará também sujeitos a penalidade no caso de infração, consoante a mesma lei estabelecera.

4) O prazo do presente acordo será de noventa dias dentro do qual a Câmara de Vereadores se compromete a empreender todos os esforços junto aos Poderes Públicos, especialmente o Governo do Estado e a Prefeitura do Salvador, no sentido de obter outras dispensas de impostos, caso em que o preço da carne poderá ainda ser reduzido. E por haverem assim acordado e se responsabilizarem pelo cumprimento das cláusulas aqui estabelecidas, firmam o presente termo nesta Cidade do Salvador, aos 17 dias do mês de dezembro do ano de 1960.

NR no R. G. do Sul

### Crise na Brigada

Os soldados da Brigada Militar do Rio Grande resolveram manifestar seu descontentamento com os baixos salários que recebem. Assinaram um manifesto reivindicatório. Alguns foram presos, mas o protesto ficou.

### Arrumadores estão vigilantes

O Presidente do Sindicato dos Arrumadores, Omar Balduino declarou que está aguardando ordens da Federação Nacional dos Trabalhadores em Comércio de Armazenagem. Se estas vierem e recomendar a greve, os arrumadores do Porto Alegre paralisarão o serviço.

### Barnabés querem outubro

Os empregados da Prefeitura do Porto Alegre não recebem desde outubro. Cansados de esperar realizaram um comício diante da residência do prefeito Laureiro da Silva. Depois percorreram as ruas da cidade gritando: Fome! Barnabé com fome! Fome! Barnabé com fome!. A população viu o movimento com grande simpatia. O prefeito é que se escondeu...

### A resposta de Clay

O titular da Pasta do Trabalho no Rio Grande, sr. Clay de Araujo, foi acusado por alguns deputados de não estar fazendo discriminação contra os dirigentes sindicais comunistas. Os deputados resolveram convocá-lo à Assembleia para saber por que os comunistas não são perseguidos. O Secretário do Governo foi e deu um banho de legislação social nos deputados, reafirmando sua disposição de não perseguir ninguém sem distinção de ideologia.

### Donos do pão contra um homem

Os panificadores de Porto Alegre estão descontentes com a atuação do representante do Banco do Brasil no plenário da COAP. É que este senhor que se chama Ney Carpes da Silva é um homem honesto que vetou seus lucros, impedindo um escabroso aumento no preço do pão. Os tubarões tentam a sua substituição por alguém que seja mais «marcio».

### Petróleo é soberania

Isto disse o cel. Jocelyn Brasil em uma conferência que se realizou na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre e acrescentou: «Os homens que lutaram pelo Petróleo no Brasil e que se sacrificaram para erigir a Petrobrás, realizando os pichamentos ou comícios ou pressionando os governos, não se encontram nem no CNP nem na própria direção da Petrobrás. Vamos lutar para que a turma do «Petróleo é nosso», cisma e direção da Petrobrás. Ai não haverá links nem fleius».

### DEMISSÃO DE AERÓVIÁRIOS CAUSA PROTESTOS NO PAÍS

Baseados no decreto-lei 9.070, e nas declarações do sr. Milton Lima, diretor do DNT, de que teria sido ilegal a recente greve dos aeraviários, os proprietários das empresas de aviação comercial demitiram cerca de três mil operários, muitos dos quais contam com 10 a 30 anos de casa, como retribuição por sua participação no movimento paradedista.

A onda de demissões atingiu a inúmeros diretores de sindicato, incluindo toda a Diretoria do Sindicato dos Aeraviários de Belo Horizonte, o Conselho Fiscal do Sindicato Nacional dos Aeraviários, inclusive o presidente do referido Conselho, o líder Alicar Hespanha, que trabalha há 21 anos no Piauí.

As demissões, fôvadas no famigerado decreto-lei 9.070, que nem mesmo o governo se sentiu com coragem



### MARA GARCIA ELEITA RAINHA

Mara Garcia (foto), foi eleita rainha da festa de confraternização da Zona da Leopoldina promovida pelos moradores da Leopoldina no sítio São Bento, no dia 18 último.

Mara foi eleita com 5.800 votos. A primeira e a segunda princesas, senhoritas Rany Azeredo e Maria Lima, obtiveram, respectivamente, 4.900 e 1.600 votos.

Ao ser proclamada eleita, Mara

Garcia foi indicada, sob intensa salva de palmas, candidata da Zona da Leopoldina no Concurso de Rainha da festa de confraternização curiosa, que será realizada no mesmo local, no próximo dia 8 de janeiro. Naturalmente Mara Garcia leia que exigir dos seus «cabos elei orais» um esforço maior, pois terá de enfrentar candidatas de outros bairros da cidade, interestradas na eleição de suas candidatas.

NR em Sergipe

### DEPUTADOS SERGIPANOS APÓIAM GABRIEL PASSOS E DEFENDEM A PETROBRÁS

Aracaju, dezembro (do Correspondente) — A Assembleia Legislativa de Sergipe aprovou, por unanimidade, por iniciativa do deputado Viana de Assis, requerimento de apoio à denúncia formulada pelo deputado Gabriel Passos, na Câmara Federal, contra o plano que se preparava, com o relatório de mr. Link, para destruir a Petrobrás.

Durante a discussão do requerimento, falou o deputado udenista José Onias, solidarizando-se integralmente com os termos do mesmo.

### Prestes vai falar na ABI sobre a Conferência de Moscou

No próximo dia 3 de janeiro, às 19 horas, no Auditório da Associação Brasileira de Imprensa, Luiz Carlos Prestes pronunciará, sob o patrocínio de NOVOS RUMOS, uma importante palestra sobre a Conferência dos Partidos Comunistas e Operários, realizada em Moscou, e na qual ele esteve presente representando os comunistas brasileiros.

Os convites para a palestra de Prestes podem ser encontrados na Gerência deste jornal, na av. Rio Branco, 257, sala 905.

### Também a Câmara Municipal

Da mesma forma que a Assembleia, o legislativo de Aracaju aprovou moção de apoio à denúncia do deputado Gabriel Passos. O documento de solidariedade, apresentada pelo vereador Agonalto Pacheco, foi enviado ao presidente da República, ao Conselho Nacional de Pesquisa, à Petrobrás, e aos presidentes da Câmara e do Senado, e tinha os seguintes termos: «Povo do município de Aracaju, através dos seus representantes na Câmara dos Vereadores, manifesta seu decidido apoio ao discurso patriótico pronunciado pelo deputado Gabriel Passos, denunciando o «plano sinistro para destruir a Petrobrás», que expressou corajosamente o pensamento genuinamente nacionalista do nosso povo. Os incapazes, corruptos e subservientes devem ser imediatamente afastados da direção da Petrobrás, a fim de evitar maiores prejuízos à Nação e não comprometer o próprio governo».

NOVOS RUMOS

Diretor	Mário Alves
Diretor Executivo	Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe	Fragmon Borges
Secretário	Luiz Fernando Cardoso
Gerente	Guttenberg Cavalcanti
Redatores	
	Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Solon Pereira Neto
Redação:	Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência:	Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO	Rua 15 de Novembro, 228 8º andar — S/827
	Tel: 37-52 64
Enderço telegráfico	—
	“NOVOS RUMOS” ASSINATURAS
Anual	Cr\$ 500,00
Semestral	250,00
Trimestral	130,00
Acresc anual, mais	200,00
Acresc semestral, mais	100,00
Acresc trimestral, mais	50,00
Número avulso	10,00
Número atrasado	16,00

NR na Paraíba

### LAVRADORES FUNDAM ASSOCIAÇÃO E LUTAM CONTRA VIOLÊNCIAS

João Pessoa (do Correspondente Vladimir Carvalho) — Com a presença de líderes estudantis, camponeses e jornalistas, instalou-se no dia 4 do corrente, no município de Alhandra, um dos mais próximos da Capital, a Associação dos Lavradores Rurais de Alhandra. A entidade, que congrega meio milhar de assalariados do campo, ferreiros, etc., foi fundada há mais de três meses, durante a efervescência da última campanha eleitoral. Agora vem de inaugurar a sua sede social, numa sessão que foi das mais movimentadas, não só pelo entusiasmo reinante entre seus associados como pelo caráter prático das questões levantadas.

### Camponês expulso da terra

Após rápido ato em que se considerou instalada a sede da Associação, entrou-se a debater questões de ordem imediata. O representante do Escritório das Ligas em João Pessoa, comunicou que estava ali para ouvir os problemas dos camponeses, levantando-os em seguida à consideração dos advogados daquele organismo. Foi então que veio à baila o caso do lavrador João Bezerra de Oliveira, ali presente, e que declarou, havendo sido por duas testemunhas, haver sido expulso da terra depois de ter sua casa destruída por capangas armados pela Fazenda Abihay, da qual é feroz. Acrescentou como agravante do caso a atenção ao seu lar, o fato de sua jovem esposa encontrar-se em vésperas de dar à luz.

### Solidariedade

Quando João Bezerra terminou o seu relato, vários foram os companheiros que se levantaram para oferecer a sua ajuda, no sentido de ser reconstruído o casebre, de se tomar providências junto ao dono da terra e das autoridades, contra o abuso praticado. Depois de muita discussão resolveu-se que se restauraria a morada do camponês, sendo que todos ficaram de acordo que o prejudicado se deslocasse no outro dia, segunda-feira, até a

Capital a fim de, juntamente com um advogado, ser ouvido pelas autoridades policiais e solicitar indenização pelos danos que lhe foram causados.

### Na Polícia

No dia seguinte ao da reunião, o camponês e as duas testemunhas, acompanhadas do advogado Bento da Gama, do Escritório das Ligas, prestaram depoimento na Chefe de Polícia, em João Pessoa. Inteirando-se das arbitrariedades praticadas contra João Bezerra e sua família, o Chefe de Polícia oficiou ao delegado de Alhandra para que ele proceda o levantamento dos estragos feitos na casa e, na roça do feroz e notifique ao proprietário da Fazenda Abihay para a respectiva indenização.

NR na Bahia

### Camarinha Foragiao: Primeiras Vitórias

#### Início da luta

Surpreendida com o escandaloso aumento da carne verde e, sensível aos protestos de populares e líderes sindicais, a Câmara de Vereadores da Cidade do Salvador lançou um ultimatum ao presidente da COAP, sr. Mauro Camarinha, para que revogasse a Portaria que tabelou em Cr\$ 145,00 o quilo da carne verde, ou se demitisse. Nesse encontro ficou patenteada a desonestidade do presidente da COAP. Expôs as razões daquele encontro, disse o vereador Ebert Castro ao sr. Camarinha: — Seu antecessor, ao deixar o cargo, declarou aos jornais que tinha sido forçado pelos abatedores a aumentar o preço da carne verde para Cr\$ 140,00, em troca de 3 milhões. Vem V.S., manifesta-se alarmado com os preços dos gêneros alimentícios em Salvador, opondo-se a qualquer majoração. Imediatamente, sem que ninguém esperasse, somos surpreendidos com um aumento maior que o pleiteado pelos abatedores. E acrescentou: — Correm rumores de que o senhor

recebeu dinheiro grosso. Fala-se em 5 milhões de cruzeiros.

E concluiu: — Desejamos saber das medidas que V.S. vai tomar, porque, do contrário, não tomaremos as nossas providências. O Camarinha, da camarilha de cel. Romano, tergiversou, desmanchou-se em suor, desconcertou-se e, por fim, pediu 24 horas para responder à Câmara Municipal.

#### Comício

Enquanto essas providências eram encaminhadas, movimentavam-se líderes sindicais, estudantes, populares e vereadores, visando a realização de uma concentração-monstro em frente à Câmara de Vereadores.

Iniciada às 18 horas de sexta-feira, dela participaram mais de 3 mil pessoas. Diversos oradores se fizeram ouvir, dentre os quais anotamos: vereadores: Aurelio Lisboa, Carlos Barbosa Romeu, Osório Vilas Boas, João Martins, Ebert Castro e Demosthenes Paranhos, líderes sindicais: Manoel Araujo, Idelfrades Silva Santos e Benedito Souza Ramos, líder universitário Edvaldo Campos, economista Aristeu Nogueira, deputado Arnaldo Silveira.

#### Porto parou 60 minutos

As 17 horas do mesmo dia, os portuários, em sinal de protesto contra a permanência de Camarinha, paralisaram as Docas da Bahia, por 1 hora, realizando em seguida com líderes sindicais, um comício em frente à COAP, exigindo o afastamento do presidente corrupto.

#### Foragido Camarinha

Até o momento continua desaparecido o sr. Mauro Camarinha, temeroso de uma ação do próprio povo. Presume-se que já se encontra no Rio providenciando a confirmação, pela COFAP, da Portaria que lhe rendeu fabulosa proplina. Basta dizer que o simples aumento a mais, de Cr\$ 5,00 (os abatedores solicitavam Cr\$ 140,00), atinge a astronômica soma de 5 milhões de cruzeiros.

#### Primeiras vitórias

Em consequência da luta, as primeiras vitórias não tardaram a chegar. Na manhã de sábado foi firmado pela Câmara de Vereadores e pequenos abatedores o seguinte acordo:

#### TERMOS DO ACÓRDO

O acordo, assinado pelos vereadores Alvaro da Silveira, Osório Vilas Boas, Ebert de Castro, Aurelio Lisboa, Pedro Góes, Paulo Fabio Dantas, Fernando Carneiro, João Martins da Costa Neto, Demosthenes Paranhos e Dionizio Azevedo e pelos representantes da Associação dos Pequenos Abatedores do Comércio da Cidade do Salvador, srs. Higino Teixeira, Miguel Moreira de Carvalho e Angelo Bastos Ribeiro, fixa:

- 1) A carne de primeira, sem osso, será vendida ao preço de cento e trinta e cinco cruzeiros o quilo.
- 2) A carne de segunda, com osso será vendida ao preço de Cr\$ 85,00, não podendo em nenhuma hipótese o percentual de ossos ultrapassar a 30 por cento.
- 3) Para a manutenção desses pre-

### ATUALIDADES SOVIÉTICAS

NOVA "HISTORIA DEL PARTIDO COMUNISTA DE LA UNION SOVIETICA". Edição de Moscou, 1960, 921 pags., encadernado	Cr\$ 400,00
PSICOLOGIA DE LOS SENTIMIENTOS, de Jakobson. A vida emocional e os sentimentos em seu desenvolvimento e educação	" 760,00
EL PENSAMIENTO Y LOS CAMINOS DE SU INVESTIGACION, de S. L. Rubinstein. Análise do pensamento do plano psicológico experimental	" 300,00
ALGEBRA RECREATIVA, de Perelman. O ensino da matemática, divertindo	" 140,00
GEOQUIMICA RECREATIVA, de Fersman. Exposição científica e amena	" 350,00
MANUAL DE LINGUA RUSSA, de Nina Potapova, 72 lições	" 320,00

### AGÊNCIA INTERCÂMBIO CULTURAL JURANDIR GUIMARÃES

Rua dos Estudantes, 84 — sala 28  
Telefone: 37-4983 — São Paulo

### Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas, Radiotelegráficas e Radiotelefônicas

R. dos Andradas, 96 - 17º and. - Rio de Janeiro - E. da Guanabara

### SALVE 1961!

No limiar do Ano Novo, enviamos as nossas saudações aos companheiros e Exmas. Famílias e, as organizações sindicais, augurando que no decorrer de 1961 tenham completo êxito em suas aspirações e iniciativas.

#### A DIRETORIA

- WILSON JUVENATO REIS — Presidente
- EDUARDO CORDEIRO VIANNA — Secretário
- REGINALDO ANSELMO FREITAS — Tesoureiro

### Notas Sobre Livros

Contam-se pelos dedos os livros brasileiros, dedicados ao estudo dos problemas brasileiros, cuja elaboração se tenha feito à luz do marxismo. Somos de uma pobreza mais do que franciscana neste particular. Daí que a publicação de um livro desse tipo tome desde logo as proporções de verdadeiro acontecimento, como é o caso agora do volume de Rui Facó — Brasil Século XX, dado a lume pela Editorial Vitória em bonita apresentação gráfica.

O livro de Rui Facó destaca-se, na abundante safra bibliográfica das últimas semanas, precisamente por constituir uma obra de escritor marxista, um escritor que amadureceu o seu espírito realizando assíduas pesquisas nos domínios da história política, económica e social do Brasil. É o seu primeiro livro, mas livro maduro, de rico e substancioso conteúdo e de escrita sobria, acessível a qualquer leitor. Digamos ainda que Brasil Século XX é obra baseada em copiosa documentação, não a documentação pura e simples, a documentação em grosso, mas aquela que resulte de uma adequada seleção crítica.

O livro divide-se em cinco partes, na primeira das quais traça o autor excelente esboço histórico da formação da nacionalidade, assinalando os fatores básicos que condicionaram o surgimento do nosso povo. Na segunda parte delimita-se o "encontro do passado com o presente", e aí são apontadas certas particularidades que caracterizam a nossa evolução como povo, particularidades que entretanto não fogem, como pretendem os historiadores e sociólogos das classes dominantes, à lei universal da luta de classes como fundamento da história de todos os povos antes de atingirem ao estágio socialista. A terceira parte estuda a período em que se inicia em nossa história a ruptura dialética com o passado. É o período cujos primórdios datam de um primeiro surto industrial que se verificou no País, ainda em meados do século XIX, desenvolvendo-se a pouco e pouco, avançando e recuando, até tomar impulso mais decidido a partir de 1918-20 e sobretudo a partir de 1930. É o período de lenta ascensão da burguesia e do surgimento paralelo do proletariado, o período de agudamento das lutas de classe — latifundiários no poder, burgueses que disputam o poder, proletários que se batem contra a exploração e a opressão. É o período igualmente de crescente penetração do capital imperialista.

Na quarta parte apresenta-se um quadro vivo das forças de classe em choque no Brasil atual, com os seus partidos, as suas manobras políticas, os seus instrumentos de ação política, económica e ideológica, e por fim — o movimento nacionalista, que possui um nítido caráter revolucionário nas nossas condições de país subdesenvolvido e peado em seus anseios de progresso pela dominação imperialista. Na parte final, a afirmação do presente se desdobra em clara perspectiva dos caminhos do futuro. As lutas pela independência económica e consequente consolidação da independência política, pela reforma agrária, pela industrialização progressiva, pela democracia, pela elevação do nível de vida material e cultural das massas — eis os grandes caminhos que palmilhamos atualmente, com as vistas voltadas para o futuro. O futuro iluminado pelo Socialismo.

Em apêndice, organizou Rui Facó uma utilíssima cronologia política e económica do Brasil, que se completa por alguns dados relativos à instabilidade do poder central e às Constituições Brasileiras; e ainda alguns quadros estatísticos que servem para ilustrar certas passagens do texto. Pela simples descrição que estou fazendo do livro, creio que se pode fazer uma ideia aproximada da sua orientação e da sua importância. Acrescentarei apenas que o Brasil Século XX me parece um livro já indispensável a leitores brasileiros e estrangeiros que desejam adquirir um conhecimento panorâmico exato, traçado com a melhor orientação científica, do Brasil e das lutas do povo brasileiro no século presente.

Como não há neste mundo nenhum livro perfeito, é óbvio que podemos apontar no livro de Rui Facó alguns senões em passagens menos felizes, que em nada entretanto prejudicam a excelência da obra.

Astrojildo Pereira

### VARIAÇÕES SOBRE NATAL

Sempre que chega dezembro e começam os preparativos para festejar Natal e Ano Novo, fico pensando onde e como nosso povo tão mal remunerado sempre, de salário tão baixo, encontra dinheiro para dar presentes de Natal. Sei que nesse momento se fazem empréstimos, que muita gente empunha jóias, que a necessidade de comemorar as festas de dezembro leva aqueles que nada têm a endividarem-se por muito tempo. Compras a prestação, compras de coisas que acabam muito antes do final do pagamento do crédito.

O comércio tomou conta de todas as datas; irritam-se com isso os que queriam que o mundo ficasse parado no tempo da vovó ou do vovo. Mas nada há a estranhar. O Natal mudou (ah! esse poema de Machado de Assis, tão batido que parece táboa de lavar roupa) e mudamos nós. O mundo mudou e tudo o que já foi apenas sentimento, hoje significa dinheiro, compra, venda. Não sei bem como era o Natal do meu tempo de menina porque creio que só há pouco é que realmente começamos a comemorar o dia 25 com espalhafato. Lembro-me apenas que na casa rica de meu pai havia ceia, havia peru — a pobre vítima dos natais — muitas castanhas, nozes, essas coisas que nem gostosas são. Há quem goste, eu sei, mas entre todas essas comidas na noite de Natal, o que sempre foi de meu especial agrado, além do mencionado peru, foram as rabanadas que na minha terra — a miú bem amada cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará — são chamadas (desculpem o teu nome) "fritas de paridas" porque as senhoras que têm bebês podem comê-las sem receio.

Dêem-me peru e rabanadas e estou feliz com minha ceia de Natal. Mas peru, vocês sabem, hoje é coisa cara, tão cara que não é para todo mundo. Só come peru quem pode e muito pouca gente pode.

O comércio tomou conta do Natal (ele que criou dias especiais para mães, namorados, pais, etc) e com isso estabeleceu o império do papel celofane. Tudo já está embrulhado com fitas multicores, laçarotes do referido papel, um espalhafato total. Pode-se encontrar assim desde a "História do Brasil" de João Ribeiro até as geladeiras mais caras. Tudo pronto para ser comprado e — o que parece impossível — tudo é realmente vendido.

Os que pensam que as crianças de hoje ainda acreditam em Papai Noel, estão redondamente enganados. O que há de fabuloso nas crianças de agora é que elas fingem acreditar para não decepcionar os adultos, o pai, a mãe, os parentes. Mas bem sabem quem compra os presentes e porque não recebem o que pedem quando pedem coisas caras.

Não creio que menina eu tenha jamais acreditado em Papai Noel. Tive uma mãe muito preocupada em me fazer amar a vida não em inúteis invenções como a de Papai Noel, mas em amar a vida no que ela tem de grande e de belo, na maravilha que ela é mesmo quando a miséria, a pobreza, a dor e tanta coisa ruim perturba e mancha essa maravilha. A vida é ótima; a sociedade é que faz tudo para torná-la desgraçada. Esse ensinamento jamais esqueci.

Encido

### Tópicos Típicos

Vivemos oportunismo de reler, há dias, "A Rebelião das Massas" de Ortega y Gasset, ensaio famoso em que o filósofo espanhol procura interpretar, de uma perspectiva idealista, as transformações sociais verificadas em nosso século. A impressão deixada por esta releitura foi mais penosa do que a do primeiro contato que havíamos tido com o livro. Vimo-nos diante de uma análise superficial, impressionista, cheia de conclusões arbitrárias e de pensamentos cuja pobreza um certo brilho estilístico não conseguia encobrir.

Ortega y Gasset denuncia como fenômeno característico da crise social de nosso tempo a ascensão das massas ao poder político. Esta ascensão, segundo ele, criou uma "hiperdemocracia" em que "as massas gozam dos prazeres e se valem dos utensílios inventados por grupos seletos e dos quais, antes, somente estes usufruíam". Tal situação (vista pelo filósofo) é antinatural e fere o princípio mesmo de toda sociedade humana. "Disse, e continuo a crê-lo, a cada dia, com mais enérgica convicção, que a sociedade humana é sempre aristocrática, queira-o ou não, por sua própria essência" — proclama.

Aos processos revolucionários na luta política, o escritor espanhol confessa francamente preferir os métodos tradicionalistas do Imperialismo britânico — e não se envergonha de afirmar: "é substancial às revoluções o fracasso". A revolução soviética de 1917, acontecimento que praticamente mudou a face da Terra, parece-lhe "uma revolução que é, em sua forma, idêntica a todas as anteriores e nas quais não se corrigem em nada os defeitos e erros das antigas (...): uma monotona repetição da revolução de sempre".

O mais notável, porém, é quando Ortega chegou à conclusão de que a revolução soviética não é marxista e sim que adotou o marxismo como camuflagem, porque "os povos jovens não têm idéias" e a Rússia não era suficientemente industrializada para que ali se verificasse uma revolução comunista. Aqui, no dar exemplo de um povo no qual "tudo é autóctone" e que jamais importaria uma ideologia de camuflagem, o velho escritor (que estava escrevendo tal barbaridade antes da revolução na China) indicou justamente o povo chinês.

Poucos anos mais tarde, o povo chinês empreendeu a sua revolução, inspirada, tanto quanto a revolução soviética, nos princípios do marxismo. E a China, por ocasião da vitória do movimento comunista, não era absolutamente mais industrializada do que a velha Rússia.

Pedro Severino

### OPERÁRIOS E ESTUDANTES SANTISTAS APROVAM PROGRAMA COMUM

# DEFESA DA REVOLUÇÃO CUBANA E REFORMA AGRÁRIA

Reuniu-se em Santos, de 18 a 22 de dezembro, convocada pelo Centro dos Estudantes, a II Convenção Operário-Estudantil, para debater os seus problemas específicos, bem como questões de interesse geral do país. Tal encontro é o segundo realizado no grande pórtico bandeirante. O primeiro realizou-se em janeiro de 1959.

O tempo decorrido entre as duas convenções de trabalhadores e estudantes demonstrou bem como evoluíram os acontecimentos e a compreensão de seus participantes: enquanto na primeira apenas algumas entidades estudantis e operárias se representavam, à segunda estiveram presentes 10 entidades estudantis, 2 organizações de servidores públicos estaduais e 22 sindicatos, entre eles os dos operários portuários, estivadores, trabalhadores em carnis urbanos e empregados na administração do pórtico, os mais poderosos da cidade.

#### A organização

Após a deliberação da Diretoria do Centro dos Estudantes de convocar a II Convenção, em virtude dos graves problemas a discutir e da necessidade de ser reforçada organicamente a unidade operário-estudantil, foram expedidos convites a todos os órgãos de classe e entidades estudantis para uma reunião preparatória. Dela saiu a Comissão Organizadora, que no prazo de duas semanas voltou a comunicar-se com sindicatos, centros acadêmicos, grêmios estudantis, associações do funcionalismo, credenciando 170 delegados ao certame, muitos deles escolhidos em assembleias. A possibilidade de esquecimento ou pouca importância de alguns órgãos foi prevista pela Comissão, que não deixou a cargo das entidades o envio das delegações, mas voltou no prazo indicado nos ofícios iniciais para recolher o nome dos delegados.

Devido a essa pressão formal, a composição do plenário expressou com fidelidade a situação das camadas sociais representadas na Convenção: maioria de trabalhadores, predominando os operários em transporte, do pórtico e das conduções urbanas; entre os estudantes, maior número de secundaristas, em virtude de haver poucas faculdades locais e apenas dois centros acadêmicos (os de maior expressão) se fazerem representar: por fim, duas numerosas delegações de servidores públicos (considerados operários) que pela primeira vez participaram de encontro desse tipo.

#### Os trabalhos

Com a presidência dos trabalhos exercendo-se em rodízio entre trabalhadores e estudantes, desenvolveram-se os cinco dias da Convenção. Além das sessões solenes de instalação e encerramento (dias 18 e 22), foram efetuadas três reuniões plenárias, dedicadas respectivamente a problemas estudantis, problemas operários e problemas gerais, cada uma com uma Comissão de Teses para examinar os trabalhos e dar parecer.

Na discussão dos problemas estudantis, prevaleceu nitidamente o amor à escola pública, expressão cultural da democracia: não só foi repudiado o projeto de diretrizes e bases da educação ora no Senado, mas exigida a construção, pelo Estado, de ginásios nos bairros populares de Santos e de uma Escola Profissional Agrícola no litoral, para atender às necessidades do desenvolvimento agrícola da região.

#### Salário não é renda

Na sessão dedicada aos problemas dos trabalhadores, foram examinadas as mais diferentes questões: não só problemas locais, como a criação de postos médicos de emergência na faixa portuária, instalação de uma escola da Marinha no litoral, encampação dos serviços de força e luz elétrica pelo Município (para cobrir os "deficits" do Serviço Municipal de Transportes Coletivos, que obrigam o constante aumento das tarifas), mas assuntos de ordem estadual e nacional foram abordados: solidariedade aos aeroviários, então em greve; respeito às liberdades sindicais e democráticas, protestando o conclave contra a prisão do líder camponês Jofre Correia Neto; apoio ao projeto 850/55, do deputado Aarão Steinbruch, que elimina os intermediários do serviço de estiva, bem como ao do deputado Floriano Paixão (619/59), que favorece os trabalhadores em autarquias.

O abono de Natal obrigatório, o cumprimento do dispositivo constitucional que obriga a participação dos trabalhadores nos lu-

ros das empresas, a isenção dos salários inferiores a cinco vezes o maior salário mínimo do país do imposto de renda e a modificação da Portaria do Ministério do Trabalho que regulamenta a eleição para as Juntas de Julgamento e Revisão, para que a representação dos trabalhadores seja proporcional ao número de sócios de cada sindicato, foram outras teses aprovadas.

Merceu o mais amplo destaque o apoio dos trabalhadores sindicalizados e estudantes às justas reivindicações do funcionalismo público estadual, que pleiteia aumento de 60%, contra a usura do governador Carvalho Pinto, que quer sujeitá-los ao abono de fome de 30%.

#### Apoio à Petrobrás

A terceira sessão plenária, dedicada a problemas gerais, revelou o apuro com que operários e estudantes reunidos examinaram os mais diversos problemas. Nos assuntos internacionais, reafirmou-se a confiança na paz e no desarmamento, a solidariedade aos povos cubano, argelino e congolês, condenando-se veementemente a política colonialista das grandes potências ocidentais.

No que diz respeito aos problemas nacionais, reafirmaram-se as teses nacionalistas: apoio à Petrobrás, contra as manobras de sua atual Diretoria, de Mr. Walter Link e do CNP; exigência da sanção da lei da Eletrobrás; proposta para execução de uma verdadeira reforma agrária, que dê a terra a quem trabalha; apoio ao projeto de Sérgio Magalhães, que limita a remessa de lucros das empresas estrangeiras; propostas de relações com todos os povos do mundo, de encampação dos frigoríficos e internadas pela Fribra e de reforçamento da Cia. Vale do Rio Doce.

#### Centro Operário-Estudantil

Em virtude da impossibilidade de as entidades estudantis filiares se ao Fórum Sindical de Debates, a fim de estabelecer formas organizadas para a aliança do livro e do martelo foi aprovada tese no sentido de se criar um Centro Operário-Estudantil, cuja diretoria será eleita nas convenções, que se tornarão encontros tradicionais de trabalhadores e estudantes, onde as entidades serão

representadas por bancadas proporcionais ao número de seus associados, escolhidos os representantes em assembleias.

#### Declaração de princípios

Na sessão de encerramento, o líder estudantil Osvaldo Leituga, presidente da entidade patrocinadora, após verberar a não participação de dirigentes sindicais, que qualificou de irresponsáveis, deu a palavra ao relator da Declaração de Princípios, aprovada por aclamação, cujo teor é o seguinte: "A II Convenção Operário-Estudantil realizada em Santos, após debater os mais candentes problemas na nacionalidade, encerra os seus trabalhos declarando os seguintes princípios, que devem transformar-se em bandeira de luta dessas duas camadas da população:

1.º) somos pela paz e o desarmamento, pois acreditamos que os homens podem resolver todos os seus problemas, por mais difíceis que se apresentem, sem recorrer ao flagelo da guerra;

2.º) somos contra todas as formas de colonialismo, porque o consideramos incompatível com a dignidade dos povos em nosso século. Por isso, saudamos com entusiasmo a Revolução Cubana, curvamo-nos ante o heroísmo dos que se batem pela independência da Argélia e nos manifestamos pela realização de um plebiscito no Congo, a fim de que o mundo conheça qual o governo que o povo dessa jovem nação africana deseja;

3.º) somos pelas liberdades democráticas em sua mais ampla expressão. Exigimos dos governos e das autoridades constituídas o respeito aos movimentos reivindicatórios, às entidades sindicais e estudantis — baluartes dessas duas classes — e aos seus líderes. Condenamos veementemente, por isso, a prisão do líder camponês Jofre Correia Neto e exigimos sua imediata libertação, para que se afirme a democracia no Brasil;

4.º) Temos para nós que a liberdade de opinião, de reunião e de imprensa são direitos inalienáveis do homem. Condenamos, por isso, a existência de presos e exilados políticos de nossas duas mães-pátrias — Portugal e Espanha — e conclamamos todos os

brasileiros a lhes prestarem a mais ampla solidariedade;

5.º) Somos pelo monopólio estatal das nossas principais fontes de energia, porque consideramos sua preservação essencial para a soberania do país. Reafirmamos nossa fé na Petrobrás, exigimos a sanção da lei da Eletrobrás, propomos a defesa dos nossos minérios de ferro e manganês, bem como a encampação dos serviços de força e luz em nosso Município;

6.º) Somos pela escola pública, universal e gratuita — principal expressão da democracia — e contra o atual projeto de diretrizes e bases da educação, que a tolhe e a extingue gradualmente;

7.º) Consideramos que os trabalhadores devem ter um nível de vida digno dos que constituem o alicerce da Nação, com salários sempre emparelhados com o custo de vida e condições de atividade compatíveis com a pessoa humana. Entre os trabalhadores estão os funcionários públicos, que, por se dedicarem aos serviços fundamentais do Estado, devem ser respeitadas e muito bem remunerados, não admitindo-nos outros que seus reajustes salariais sejam inferiores ao de qualquer categoria profissional;

8.º) Somos pela reforma agrária, porque a atual estrutura vigente no campo é retrógrada, prejudica o desenvolvimento da economia nacional e mantém na miséria e fora da vida do país milhões e milhões de camponeses;

9.º) Somos pela reafirmação constante, através de atos, da soberania nacional. Por isso, deve o Brasil limitar imediatamente as remessas de lucros das empresas estrangeiras — que lhe exauram a economia, encampar os frigoríficos e internadas estrangeiros — que privam o seu povo de carne, e estabelecer relações comerciais, diplomáticas e culturais com os povos do mundo inteiro;

10.º) Lutamos para que a aliança entre operários e estudantes se fortaleça e assumam formas organizadas. Propomos a todos os sindicatos e entidades estudantis que se unam, quer através de organizações específicas, quer através de pactos, para que, como forças vivas da nação, possamos influir decididamente nos destinos do Brasil".



Operários e estudantes

Da tribuna, um trabalhador em carris urbanos dirige-se ao plenário, defendendo o direito de todos os trabalhadores a se reunirem em sindicatos. A II Convenção Operário-Estudantil debateu os seus problemas específicos — muitos outros de âmbito geral. Quase duas centenas de delegados compareceram a Convenção.

### UM LIVRO SOBRE A ILHA HEROICA DALCIDIO JURANDIR

Já em terceira edição brasileira o livro de Paul M. Sweezy e Leo Huberman, «Cuba, Anatomia de uma Revolução», tradução de Waltensir Dutra, lançado por Zahar Editores. Não por força de muita publicidade. Mas pelo interesse a respeito de Cuba, cada vez maior entre nós, como deve acontecer pelo mundo. Não há bloquia e ameaça, não há massa de televisão, rádio e imprensa que possa separar a verdade de Cuba. A ilha, agora, é a nossa ilha, povoada de nossa paixão e de nossa confiança, na solidão deste continente.

A «amarga por dentro», de que falava o seu grande poeta, transformou o amargor, num vinho de que tanto necessitamos, nós, também, mais ou menos cubanos desta América muito nossa, de milhões de famintos, analfabetos, doentes e deserdados. Falava-se de uma juventude universalmente transviada, de um Deus como o símbolo de uma

«geração perdida», e, de repente, aos nossos pés, diante de nossa apatia, desilusão ou magros sonhos, rebenta aquela geração cubana, brotam uns barbudos jovens em Cuba que falam por todos os moços da América. Magníficos rapazes, sim, senhor. Ali estão continuando a descer de Sierra Maestra sobre os nossos espantos. Subitamente ficamos com vinte anos, contemplando a ilha transfigurada.

Como explicar? Como foi que aqueles rapazes tomaram Cuba dos ianques? O livro de Paul M. Sweezy e Leo Huberman explicam bem. Podemos mesmo dizer é um livro didático. Os autores viram a ilha, ouviram o povo, encontraram a revolução em marcha, dão a sua opinião honrada. Em alguns casos não concordam, casos que não nos dificultam a impressão geral do acontecimento. E posso mesmo dizer que não devemos deixar em silêncio os erros de uma revolução tão autêntica, tão veraz, como a de Cuba.

Cada erro descoberto é nova ocasião para acertar melhor e confirmar a legitimidade da luta. Queremos a revolução cubana como se fosse nossa, aqui de dentro do peito, e, por isso, não a endeusamos. Sabemos que ali os jovens vão errar muito, certos de que irão acertar muito mais.

«Anatomia de uma Revolução», meus amigos, é livro que se deve dar de presente de Natal e Ano Bom e por todo ano, porque, na sua simplicidade objetiva, na sua lucidez sabe responder a tudo que sórdidamente se diz, em alto falante, contra a ilha heroica. Um livro em que está uma verdade clara e reveladora. Ele nos mostra como a ilha é rica e como o povo é pobre e como os ianques sugaram a ilha. Depois nos descreve a revolução em marcha e a revolução no poder. Confesso que um livro desse, faz chorar, faz compreender que, em Cuba, também está a nossa luta, a nossa honra, a nossa esperança.

SÃO PAULO

# Os Comunistas e as Eleições Municipais

RAMIRO LUCHESI

Um sessenta e cinco municípios do Estado, entre os quais estão Santos, São Caetano e a Capital, realizar-se-ão eleições em março próximo. O eleitorado escolherá novos prefeitos e em alguns municípios serão renovadas também as câmaras. Dada a importância do acontecimento mobilizam-se todas as forças políticas locais e o próprio governador Carvalho Pinto participa abertamente da escolha de candidatos, tendo em vista que dos resultados das eleições municipais muito depende o êxito de sua corrente política no pleito de 1961.

A população é chamada às urnas quando as condições de vida vão-se agravando cada vez mais; mas também em uma época em que aumentam as lutas de nossa povo, sob a liderança indiscutível do proletariado.

Procurando apalancar o caminho para novas escolhas, os porta-vozes do governo JK e os de Jânio Quadros procuram pintar um quadro em que a exploração é apresentada como uma fatalidade. Não tomam conhecimento das soluções patrióticas apontadas pelos comunistas e por outras forças democráticas e tentam descompor a disposição da luta o povo. Este, na defesa de seus in-

teresses tem conquistado expressivas vitórias, como verificamos através das lutas do proletariado e de outros setores da população, como os funcionários públicos civis e militares. Estes últimos, servidores do Estado, têm em Carvalho Pinto o seu patrão, e deixam claro para todo o povo o caráter demagógico e reacionário de um governo que, surgindo das urnas acenando com belas promessas de melhoria de vida para os paulistas, na verdade se constituiu num agrupamento de grandes senhores dos bancos e da latifúndia, responsável pela política de esmorecimento que cada dia atinge as novas áreas da população.

As massas populares em São Paulo têm revelado cada dia maior interesse por eleições. Tanto assim é que a abstenção é mínima, em relação aos pleitos de dez anos atrás. Acredita o eleitorado que através das urnas conseguirá a atenção para os seus problemas cotidianos, para aquelas reivindicações que, solucionadas, possam trazer maior conforto à sua família: água, luz, transporte, ensino, assistência médica e outras. Nas eleições interurbanas de março, todos esses problemas constituirão a espinha dorsal da campanha eleitoral e a vitória dependerá para aqueles que com objetivi-

dade cuidem dessas questões e mereçam a confiança do povo.

Os comunistas, consequentes defensores dos interesses populares, participarão dessas eleições com o maior entusiasmo, compreendendo claramente que o embate das urnas é uma das formas de luta mais importantes para a conquista de um governo que satisfaça os interesses nacionais e democráticos exigidos pelo povo brasileiro.

Ao participarem das eleições os comunistas, em cada município, levam em conta o quadro político nacional e estadual e as peculiaridades locais. Orientam sua participação no sentido de unir as amplas forças do município, tomando por base as forças populares nacionalistas e democráticas, com o propósito de derrotar os inimigos do povo. Lutam pelo estabelecimento de coligações eleitorais que adotem programas de reivindicações gerais, mas particularmente aquelas que são do interesse mais imediato dos municípios, com o objetivo de conquistar o poder para as correntes coligadas. Procuram sempre reforçar a frente única nacionalista e democrática em formação e ao mesmo tempo manter uma posição independente. Nesse processo, os comunistas procuram levar às massas a

orientação que adotam e buscam também o fortalecimento de suas fileiras.

A posição que adotamos, portanto, leva-nos a não fortalecer qualquer composição de forças que apóiem Jânio e Carvalho Pinto; leva-nos à ligação mais estreita com as massas, aumentando assim nossa influência e contribuindo para que as forças representativas dos interesses populares sejam vitoriosas.

Nossa orientação terá pleno êxito se soubermos organizar e planificar a atividade na campanha eleitoral de tal maneira que a conquista de votos seja o resultado da defesa intransigente das reivindicações locais mais sentidas, e daquelas que dizem respeito ao Estado e à Nação. Seremos realmente vitoriosos se soubermos nos colocar à frente das massas em suas lutas e ao mesmo tempo criticar a política posta em prática pelo governo federal e estadual, denunciando suas responsabilidades no agravamento das condições de vida do povo. Esta deve ser a principal atividade se quisermos ganhar as massas, o eleitorado, para as posições que correspondem aos seus verdadeiros interesses, isto é, no sentido de que votem nos candidatos apoiados pelos comunistas.

## SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TEGELAGEM DE JUIZ DE FORA

Sede própria: Rua Farmacêutico Vespasiano Vieira, 46 — Telefone 1706 Caixa Postal 335

### MENSAGEM DE NATAL

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tegelagem de Juiz de Fora, por seu Presidente Infra-assinado, ao ensejo da passagem da festa máxima da Cristandade, deseja aos Dirigentes Sindicais aos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tegelagem e de um modo geral a todos os trabalhadores do Brasil, um feliz Natal e um próspero e venturoso ano de 1961.

JAIR REIHN — Presidente

## Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado da Guanabara

Rua Santa Luzia, 173, 3.º andar, grupo 303.

Saúda, por intermédio de NOVOS RUMOS, a todos os músicos do Estado da Guanabara e Exmas. famílias, a todos os associados, pela passagem de mais um ano de luta, desejando para 1961 maiores êxitos em todos os nossos empreendimentos e aspirações.

### A DIRETORIA

PEDRO LUIS DE ASSIS — Presidente; CARLOS A. C. Souza — Secretário; ALEXANDRE SUCUPIRA LIMA — Tesoureiro; CLELIO DE BRITO RIBEIRO — Diretor do Trabalho; DANTE FANTAUZZI — Diretor de Assistência Social; PAULO MOURA — Diretor Bibliotecário.

## Boas Festas e Feliz Ano Novo

Ao ensejo das festas natalinas e a aproximação do Ano Novo, os Sindicatos de São Paulo, abaixo relacionados, por intermédio de NOVOS RUMOS levam aos seus associados e aos demais trabalhadores — da cidade e do campo — e a todo o povo brasileiro, sua saudação fraternal e calorosa, desejando-lhes melhores dias.

Que o ano que vai nascer seja o de novas vitórias para a classe trabalhadora no âmbito das conquistas sociais e realmente abra, para o povo brasileiro, os caminhos de sua emancipação econômica em um clima de liberdade e democracia.

Que o ano de 1961 seja o da maior confraternização entre os povos, o da unidade cada vez mais firme e poderosa dos trabalhadores do Brasil e do mundo inteiro em torno do ideal da paz, a fim de que a humanidade possa, afastado o perigo de guerra, alcançar, com o concurso da ciência e da técnica, novos níveis de progresso.

Que o ano que se avizinha afirme a superioridade do trabalho sobre a exploração, da cultura sobre a ignorância, da liberdade sobre a escravidão, da paz sobre a guerra.

São Paulo, dezembro de 1960.

## Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares de São Paulo

Rua Quirino de Andrade, 57, 1º andar — Fone: 32-0396

Presidente: Luiz Cristofoletti; 1º secretário: Antonio Pedro Rossin; 2º secretário: Osmar Venancio de Melo; tesoureiro: Ricardo Segundo Guerra, e arquivista: José Ferreira Neves.

Conselho Fiscal: José Luiz da Silveira, Antonio de Almeida e Orlando Venancio.

## Sindicato dos Trabalhadores em Construção Civil de São Caetano

Rua Santa Catarina, 55, 4º andar — S. Caetano — S. P.

Presidente: Pedro Daniel de Souza; 1º secretário: Newton Candido; 2º secretário: Dario de Albuquerque; 1º tesoureiro: Otavio Teixeira; 2º tesoureiro: João de Amorim.

## PARA 1961

### ASSINE:

Agora mensal, maior número de páginas, mais colorida e mais bonita!

Apenas Cr\$ 400,00 anuais!

Subscriva hoje mesmo e fará Jaz a um bellissimo calendário 1961 e mais um valioso brinde, original da China!

Pedidos, acompanhados de cheque ou vale postal a:

AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL JURANDIR GUIMARÃES

Rua dos Estudantes, 84 — sala 28  
Telefone: 37-4983 — São Paulo



## Assinaturas da revista

### CHINA ILUSTRADA para 1961

Anual ..... 330,00  
Semestral ..... 170,00  
Preço do exemplar ..... 30,00

Em 1961 CHINA ILUSTRADA aparecerá mensalmente com maior número de páginas.

Escreva para EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA enviando em cheque ou vale postal a quantia correspondente ao seu pedido.

Rua Juan Pablo Duarte, 50/sob.

Caixa Postal 165

RIC DE JANEIRO / Guanabara

## LEIA A NOVA



Edição 1960  
321 páginas, encadernado.

Apenas Cr\$ 400,00

Pedidos a:

Agência Intercâmbio Cultural  
Jurandir Guimarães  
Rua dos Estudantes, 84 s/28  
Telefone: 37-4983 — São Paulo

## Bahia: Sindicato Metalúrgicos tem novo presidente

Tomou posse na noite do dia 17 a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos da Cidade do Salvador, encabeçada pelo sr. João Ribeiro dos Passos.

Estiveram presentes à solenidade de posse, João Mansur de Carvalho, representando o governador, dr. Amadis Barreto, Delegado do Trabalho, Idelfrisdes Silva Santos, presidente em exercício da Federação dos Trabalhadores na Indústria, Martins Dilog Correla, presidente do Sindicato de Fumageiros, José Nilo dos Santos, presidente do Sindicato de Carris Urbanos, Silvestre de Jesus, presidente do Sindicato dos Panificadores, além de outros líderes sindicais.

Agradecendo a confiança nele depositada, disse o novo presidente que os associados não se arrependem de tê-lo colocado à frente do Sindicato e que tudo fará para continuar merecendo a mesma confiança.

## O SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE ENERGIA TÉRMO ELÉTRICA DE PORTO ALEGRE, pela passagem da Festa da Cristandade e de Ano Novo, deseja, aos trabalhadores, aos dirigentes sindicais e, ao povo gaúcho e de todo o país, um Feliz Natal e um Próspero Ano de 1961, cheio de novas vitórias pelo progresso social e democrático.

JORGE CAMPEZATC  
Presidente

### ASSINE:

#### LA MUJER SOVIÉTICA

Revista mensal-illustrada, cuja assinatura pode ser feita em espanhol, francês, inglês, alemão, japonês e russo.

- Informa sobre a vida da mulher na URSS e de seu papel na vida social e na família;
- trata dos problemas do Ensino, da educação infantil, de esportes e modas;
- mantém suas leitoras ao par das novidades da literatura e da arte soviéticas.

Assinatura anual Cr\$ 400,00

Via aérea

Pedidos, acompanhados de cheque ou vale postal a:  
**AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL**  
**JURANDIR GUIMARÃES**  
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28  
Telefone: 37-4983 — São Paulo

## REVISTAS CHINESAS

Para tomar conhecimento dos grandes êxitos alcançados na construção socialista da República Popular da China, suas condições políticas gerais, sua política interna e externa e a vida feliz do povo chinês.

### ASSINE:

CHINA ILUSTRADA. Revista Mensal, cujo conteúdo é principalmente fotográfico, suplementado por artigos. 44 páginas, 12 em cores. Aparece em 17 idiomas entre os quais espanhol, inglês, francês, japonês e alemão. Assinatura anual: Cr\$ 400,00.

PEKING REVIEW. Semanário. Uma fonte segura e de primeira mão de notícias e opiniões oficiais chinesas. É publicada em inglês. Assinatura anual: Cr\$ 650,00.

LA CHINE POPULAIRE. Mensal. Aparece em francês, japonês e indonésio. Assinatura anual: Cr\$ 250,00.

CHINA RECONSTRUYE. Mensal. 70 páginas, amplamente ilustrada. Editada em inglês e espanhol. Assinatura anual: Cr\$ 250,00.

CHINESE LITERATURE. Mensal. 150-170 páginas. Aparece em inglês. Assinatura anual: Cr\$ 450,00.

WOMEN OF CHINA. Bi-Mensal. 40 páginas. Sai em inglês. Assinatura anual: Cr\$ 150,00.

EVERGREEN. 8 números ao ano. Revista para juventude e estudantes. 24 páginas. Aparece em inglês. Assinatura anual: Cr\$ 150,00.

CHINA'S SPORTS — Bi-Mensal. 32 páginas. Se publica em inglês. Assinatura anual: Cr\$ 150,00.

EL POPOLA CINO. Bi-Mensal. 36 páginas. Editada em esperanto. Assinatura anual: Cr\$ 200,00.

Pedidos a:

**AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL**  
**JURANDIR GUIMARÃES**  
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28  
Telefone: 37-4983 — São Paulo

Subscriva, hoje mesmo, qualquer destas revistas. Terá direito a valiosos brindes, originais da CHINA.

## Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Energia Elétrica e da Produção do Gás, do Rio de Janeiro

### EDITAL

#### RESULTADO DAS ELEIÇÕES

Cumprindo o disposto no Art. 40 das Instruções aprovadas pela Portaria n.º 146 do M.T.I.C. faço saber aos que o presente virem e que dele tomarem conhecimento que em 18 de dezembro de 1960, foram realizadas eleições para renovação da Diretoria, Conselho Fiscal e Representantes junto ao Conselho da Federação tendo votado 7.038 associados de um total de 8.817 associados em condições de votar.

Concluídos os trabalhos de apuração, presididos pelo Dr. Fernando Esteves Kelly, Procurador da Justiça do Trabalho, foram conhecidos os seguintes resultados:

#### PARA DIRETORIA

Chapa n.º 2 — Encabeçada por Argemiro Rocha Junior .....	votos	4.444
Chapa n.º 3 — Encabeçada por Sadi Coutinho .....		2.248
Votos Nulos .....		113
Votos em Branco .....		233

#### PARA CONSELHO FISCAL

Chapa n.º 2 — Encabeçada por José Alves Barbosa .....	votos	4.154
Chapa n.º 3 — Encabeçada por Cassiano Perreira Dias .....		2.091
Votos Nulos .....		228
Votos em Branco .....		565

#### PARA REPRESENTANTES JUNTO A FEDERAÇÃO

Chapa n.º 1 — Encabeçada por Domingos Ferreira de Andrade ..	votos	1.128
Chapa n.º 2 — Encabeçada por Ivan Gonçalves da Costa .....		3.743
Chapa n.º 3 — Encabeçada por Wilson Ferreira Amorim .....		1.642
Votos Nulos .....		152
Votos em Branco .....		383

Assim sendo foram eleitos os seguintes associados para exercer o mandato durante o biênio 1961/1962:

#### PARA DIRETORIA — EFETIVOS

Argemiro Rocha Junior  
Jorge Assumpção  
Paulo César Henriques  
Dinorah Medeiros Campos  
José Martins da Rocha  
Sebastião Esteves da Silva  
Jason dos Santos

#### PARA DIRETORIA — SUPLENTE

Lourival José Lopes  
Argemiro Velasco da Silva  
Heltor da Costa  
Rubens Ribeiro do Amaral  
Henock Augusto Magalhães  
Sebastião José da Silveira  
Lourival Gomes

#### PARA CONSELHO FISCAL — EFETIVOS

José Alves Barbosa  
Jorge de Sant'Anna  
Mario Menezes

#### PARA O CONSELHO FISCAL — SUPLENTE

Wilson Vieira da Motta  
Hildebrando de Souza  
João Moura Teixeira

#### PARA O CONSELHO DA FEDERAÇÃO — EFETIVOS

Ivan Gonçalves da Costa  
Alvaro Silva Morgado  
Francisco Gomes Atilero

#### PARA O CONSELHO DA FEDERAÇÃO — SUPLENTE

Newton da Costa Perreira  
Nelson Spolldório de Freitas  
Walter Tavares

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1960

Pela Diretoria,

ARGEMIRO ROCHA JUNIOR —  
— Presidente —

A CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE saúda o povo brasileiro na data em que se comemora o Natal de Cristo, desejando a todos Boas Festas e que o ano de 1961 seja de progresso e felicidade.

JOSÉ ALOÍSIO FILHO  
Presidente

## Sindicato dos Oficiais Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores na Indústria de Confecções de Roupas de Porto Alegre

Sede social: Rua 7 de Setembro, 1142 — 2º andar — sala 4

Desejamos a todos os dirigentes sindicais e aos trabalhadores brasileiros, um feliz Natal e um próspero ano de 1961. Pela unidade dos trabalhadores.

LOURIVAL SOEIRO DA SILVEIRA  
Presidente



**Garofada faz bailados**

Os filhos dos bancários fizeram uma excelente exibição de bailados para as centenas de pessoas que compareceram à festa organizada pelo Sindicato dos Bancários de São Paulo

**NATAL EM SÃO PAULO**

# Sindicato Levou Papai Noel Aos Filhos Dos Bancários

A exemplo dos anos anteriores, o Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo promoveu para os seus associados e famílias uma bonita festa de confraternização, por motivo da passagem do Natal, reunindo centenas de pessoas. Papai Noel compareceu devidamente acompanhado do

líder Osvaldo Soares Carezzato, presidente da entidade, distribuindo doces.

A festa foi realizada no enorme salão da Associação Atlética Banco do Brasil, onde, além da farta distribuição de brindes feita pelo velhinho das barbas brancas, os filhos dos bancários de São Paulo realizaram uma exibição de bailados.



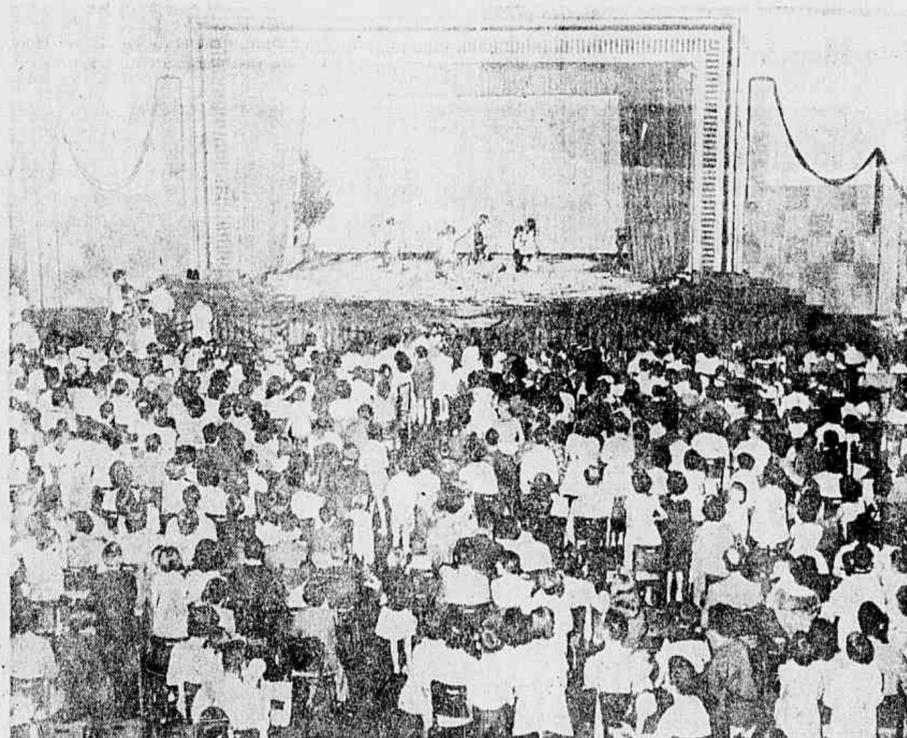
**Papai Noel e o presidente**

O presidente do Sindicato, sr. Osvaldo Soares Carezzato, faz uma saudação aos presentes, enquanto Papai Noel faz uma pausa na distribuição de brindes



**Crianças cercam o velhinho**

Quando Papai Noel chegou ao local da festa, foi cercado pela garofada ávida de receber os presentes que ele trazia na sacola



**Espetáculo com salão repleto**

O enorme salão da AABB de São Paulo ficou lotado na festa de fim de ano promovida pelo Sindicato dos Bancários. No foto, aspecto da plateia que assistiu aos bailados dos filhos dos bancários

# Pracinhas: Heróis e Mártires do Povo

As homenagens prestadas à memória dos pracinhas brasileiros, ao serem trasladados os seus restos mortais do cemitério de Pistóia para o nosso país, não se revestiram do calor patriótico e do entusiasmo popular que deveriam ter marcado esse acontecimento. Todo o programa foi limitado pelo Governo a solenidade de caráter estritamente oficial, não havendo lugar para a participação das organizações dos trabalhadores e do povo. Além de uma concentração militar e dos discursos protocolares pronunciados pelas autoridades, inclusive o presidente da República, nenhum outro ato de repercussão assinalou a chegada das cinzas de nossos mártires na luta contra o nazi-fascismo. As homenagens quase se reduziram ao frio monumento que se ergue na Praça do Congresso.

Essa frieza, entretanto, nada tem de comum com o sentido, profundamente popular e democrático, de nossa participação, através da FEB, na guerra contra o fascismo. Nem com a bravura e o heroísmo com que lutaram na Itália os filhos do povo brasileiro, conquistando sobre os hordos de Hitler vitórias como a de Monte Castelo.

## Uma vitória do povo

O rompimento de relações com os países do Eixo fascista e, mais tarde, a declaração de guerra e o envio

da Força Expedicionária Brasileira foram vitórias alcançadas pelo povo brasileiro, num dos mais difíceis períodos de nossa vida política. Sobre tudo a partir de 1935, depois do fechamento da Aliança Nacional Libertadora e da prisão em massa dos melhores patriotas brasileiros, o governo do sr. Getúlio Vargas se orientava abertamente no sentido de apóio e da submissão às potências fascistas, que se preparavam para dominar o mundo e, em 1939, se lançaram à guerra de rapina. O aparelho de Estado se achava entregue a agentes declarados do nazismo, que montavam em nosso país uma sinistra máquina de espionagem a serviço de Hitler. A sua frente estava o então chefe de Polícia e hoje senador Felinto Müller. Uma das figuras de proa dessa quinta-coluna era o atual líder udenista Raimundo Padilha, formalmente apontado no Livro Azul do Departamento de Estado como espião nazista.

O Governo procurava por todos os meios acorrentar o Brasil à aventura liberticida do Eixo. Os patriotas e democratas, particularmente os comunistas, eram presos e torturados. As organizações operárias e populares eram ferocemente perseguidas. O Governo esmagava a liberdade para facilitar a penetração do nazi-fascismo e a ação de sua quinta-coluna.

Os democratas, porém, jamais deixaram de lutar. E em suas primeiras filas estavam sempre os comunistas, apesar de submetidos à mais selvagem repressão.

Com o desencadeamento da guerra na Europa e, especialmente, a perfida agressão do Exército nazista à União Soviética, logo se tornou claro para os patriotas brasileiros que o seu principal dever consistia em libertar o nosso país da esfera de influência do Eixo fascista e levá-lo a participar, ao lado de todos os demais povos amantes da liberdade, entre as nações que lutavam contra a ameaça hitlerista. Foi uma luta extremamente dura, sobretudo porque o seu principal dirigente — o Partido Comunista — sofria em 1940 e 1941 tais perseguições que levaram inclusive à prisão dos membros de sua direção central.

## A luta se trava nas ruas

Apesar de todas as enormes dificuldades e não temendo quaisquer sacrifícios, os patriotas brasileiros não cessavam um só instante a sua luta. Papel decisivo tiveram nessa luta organizações como a Liga de Defesa Nacional, a União Nacional dos Estudantes e, em geral, as Uniãos Estaduais, a Sociedade dos Amigos da América e algumas outras organizações operárias, populares e estudantis, do Rio e dos Estados, formadas sempre por iniciativas dos comunistas. O apoio maciço dado pelo povo brasileiro a essas organizações e às campanhas por elas lançadas, começou a quebrar a prepotência do Estado Novo. Homens como o embaixador Oswaldo Aranha, o general Manuel Rabelo, o almirante Ari Parreiras, e outros já podiam condenar abertamente o fascismo e reclamar do Governo a mudança de sua política. E ao chegarem ao povo as notícias — que o DIP e o ministro da Guerra, Eurico Dutra, procuravam por todos os meios ocultar — dos ataques dos submarinos nazistas aos navios brasileiros, ruíram todas as barreiras da censura e da polícia nazista de Felinto Müller. As massas populares, revelando toda a sua bravura, ganharam as ruas e em gigantescas demonstrações, que se repeliem em todo o país, passaram a exigir do Governo o rompimento de relações e a declaração de guerra ao Eixo nazi-fascista. Ainda que a clandestinidade, eram os comunistas os principais inspiradores e organizadores desse grandioso movimento democrático e patriótico. Já então a polícia se revelava impotente para conter a revolta das massas populares contra as afrontas lançadas pelo fascismo ao nosso país.

## Lutar de armas na mão

O envio de uma Força Expedicionária Brasileira para a luta contra os agressores nazistas na Europa tornou-se, em seguida, a grande exigência de nosso povo: não podíamos continuar assistindo de braços cruzados os imensos sacrifícios que outros povos faziam — e, antes de tudo, o glorioso povo soviético — para salvar a Humanidade da ameaça fascista. Não podíamos aceitar a liberdade como uma dádiva de outros povos, que tudo sacrificavam para derrotar a besta hitlerista.

Foi outra difícil batalha. Em geral, os homens de maior influência no Governo tudo faziam para impedir a organização e o envio da FEB. Entre estes homens, o próprio ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, era violentamente contrário à ideia de

nossa participação efetiva na guerra. Sabiam eles que, contribuindo concretamente para a derrota militar do fascismo, conseguiríamos mais rapidamente conquistar a liberdade para o nosso povo. Mas o envio da FEB já era uma exigência nacional. Centenas de jovens, em todo o país, apresentavam-se às Regiões Militares pedindo seu engajamento na Força Expedicionária. Foram os comunistas os primeiros voluntários que se apresentaram aos comandos do Exército.

E assim, no dia 2 de julho de 1944 seguia para a Europa o primeiro contingente de soldados brasileiros para a luta armada contra o fascismo. Na Itália, para onde foram destinados os pracinhas enfrentaram com honra e destemor as tropas hitleristas, impondo-lhes derrotas como as de Castelnuovo e Monte Castelo. Deram, pelo nosso povo, a sua contribuição de sangue para o esmagamento do hitlerismo. No ano seguinte — 8 de maio de 1945 — os soldados soviéticos arriavam do Reichstag a odiada cruz suástica, simbolizando a derrocada do nazismo.

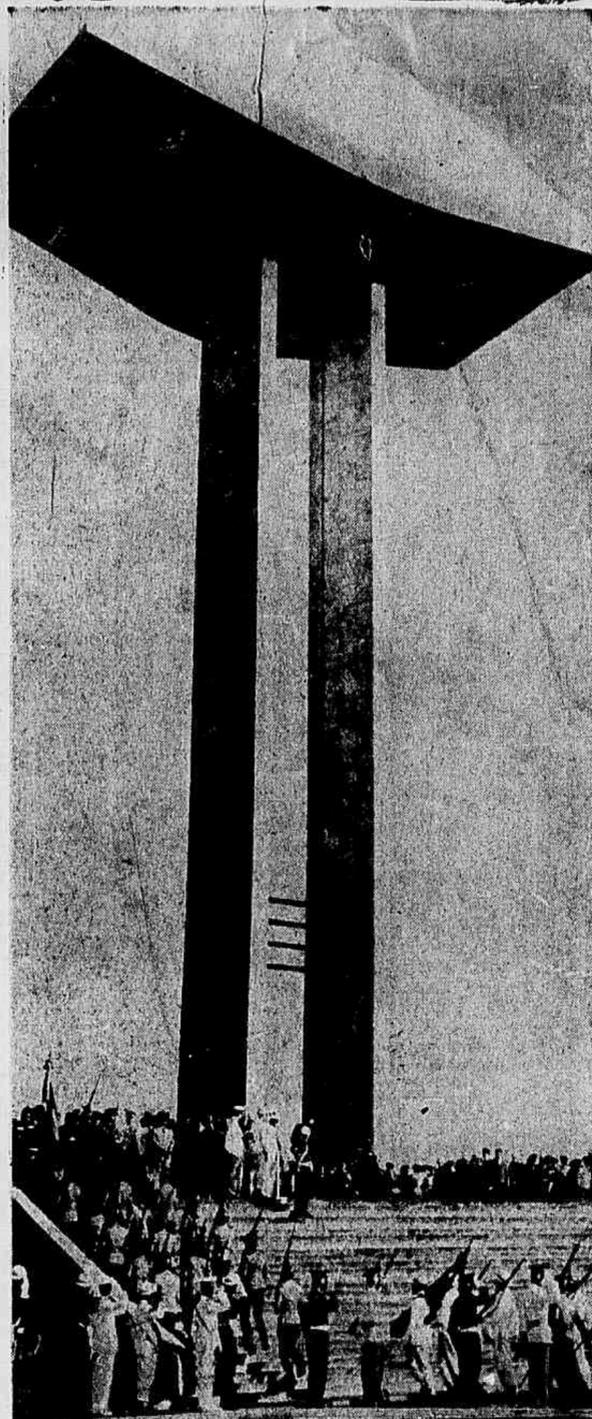
Os pracinhas brasileiros que voltaram vivos ao país foram recebidos pelo nosso povo numa demonstração talvez a mais grandiosa e mais festiva de todas as que já se realizaram no Rio. Entre as centenas de milhares de pessoas que os saudavam nas ruas estavam Luis Carlos Prestes e toda a direção do Partido Comunista do Brasil, os principais inspiradores do movimento patriótico que resultou no envio da FEB. A legalidade do Partido Comunista e toda a reviravolta política que se verificara no país eram um fruto da vitória que os pracinhas do Brasil ajudaram a conquistar sobre o fascismo.

## A luta continua

Agora, são trasladadas para a nossa terra as cinzas dos que caíram sob as balas dos hitleristas. São cinzas de nossos heróis, guardadas em um frio e exótico monumento.

A luta pela qual deram suas jovens vidas — a luta pela liberdade e a independência dos povos, a luta para que dos escombros do nazismo surgisse um mundo do qual a guerra fosse para sempre banida — ainda não terminou. A Alemanha, de onde partiu a agressão, está sendo rearmada pelas potências imperialistas, principalmente os Estados Unidos, no mais audacioso desafio aos povos pacíficos. Antigos generais de Hitler que comandavam inclusive as ações contra a FEB, dirigem esse rearmamento e falam sem rodeios em um novo revanche. Mais uma vez os imperialistas estimulam o militarismo germânico pretendendo, através dele, conter a marcha libertadora e progressista dos povos. Desta vez, porém, em condições radicalmente diferentes: agora o campo do socialismo, o movimento operário e o movimento de libertação nacional dos povos têm força suficiente para impedir o desencadeamento de uma nova guerra, ou para esmagar os que a provoque logo nos seus primeiros atos criminosos.

A luta dos gloriosos pracinhas da FEB continua, conduzida por todo o nosso povo. E a luta em defesa da paz, a luta pela emancipação nacional, a luta pela democracia. Levar adiante até à vitória, esse combate em cujas primeiras filas estão os comunistas — é honrar o exemplo e a memória dos heróis da FEB.



O povo viu de longe

Autoridades civis e militares, representantes dos diversos países que lutaram contra o fascismo, as bandeiras de todos (com exceção do pavilhão da URSS) hasteadas no monumento. Só o povo ficou de longe.

## NOVOS RUMOS

## Ano Novo Sem Escolas

No começo de cada ano, cada pessoa se pergunta sobre o que lhe reservarão os doze meses seguintes, anunciados, sempre, sob o signo de muitas esperanças. Aproveito, então, para perguntar o que a nossa sociedade reservará, em 1961, para as crianças, para as duzentas mil, por exemplo, que não conseguiram matriculas nas escolas públicas desta cidade. Adiantaria, por acaso, perguntar pelos sete milhões que, no país inteiro, vão crescendo na mesma situação?

Depois da negativa do pão, a das letras é a que mais revolta, num balanço das necessidades que o Novo Ano não poderá satisfazer num passe de mágica. Milagres, lendas, fantasias, histórias de fadas e de anjos soam muito bem no Natal, que já passou, e aos ouvidos de crianças para quem Papai Noel, realmente, existe na verdade do pão, das alegrias e das letras. De crianças para quem os pais podem pagar escola.

Entrar num jardim-de-infância no Estado da Guanabara não é uma questão de necessidade social, mas de sorte. Antes das primeiras noções das coisas às crianças, a sociedade lhes ensina a jogar. Sim, porque é um jogo de azar esse sorteio que se faz todos os anos para o ingresso nos jardins-de-infância públicos. O Estado põe a sua roleta para funcionar, e as mães, que não têm outra alternativa, se transformam em jogadoras. A maioria, naturalmente, perde o tempo, e o que é muito pior, também as esperanças guardadas com tantos sacrifícios, pois esperar nem sempre é fácil, em meio às ocupações e às preocupações que atormentam, particularmente, as mulheres que trabalham.

Mas a vida continua em 1961, como já continuou em todos os anos anteriores. E as crianças vão vivendo sem jardins-de-infância. Vivem até chegar o dia de baterem às portas das escolas públicas, que, também, se fecham sobre outras esperanças. Não tiveram sorte, costuma-se dizer. E, aí, o jogo é mais sério, porque é o jogo da própria vida, que pode começar, aqui, na esquina da rua em que moramos e acabar em qualquer prisão. E nesse dia de um ano que pode estar começando ou acabando, não importa, o promotor e o juiz não se lembrarão ou não terão meios de condenar, também, os que fecharam as portas das escolas ou os que instalaram uma roleta para decidir a sorte de uma criança. Não se lembrarão ou não terão meios de cobrar as promessas que não foram cumpridas, nem de perguntar pelos cem milhões de cruzelros que, como está acontecendo, agora, vão ser distribuídos às escolas particulares.

Que reservará o ano de 1961 às duzentas mil crianças que ficaram sem escola, aqui? Como a cidade é muito grande, cresce para o céu e se desdobra entre os terrenos desocupados nos subúrbios, elas terão muito espaço para viver e esperar... um novo ano qualquer. E aqueles sete milhões têm oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados para povoar com a sua ignorância e o seu sofrimento. Mas começa um novo ano de vida e não se pode viver sem esperança...

Ana Montenegro



Lutaram pela liberdade

Soldados, marinheiros e aviadores do Brasil participaram com entusiasmo e vibração patriótica da luta dos povos contra os tiranos nazi-fascistas. Os que se sacrificaram deram suas vidas pela liberdade.



Ele voltou à sua terra

Depois de 16 anos, ele atravessou o oceano. Veio das terras longínquas da Itália e agora repousa, ao lado dos restos mortais de centenas de jovens como ele que deram a vida em troca de um mundo melhor, sem tiranos nem injustiças. Ele foi pracinha que partiu cantando porque sabia que a sua missão era nobre, porque sabia que da sua luta dependia o futuro de milhões de seres em todo o mundo. Muitos voltaram, outros ficaram caídos no campo, mas todos deram o seu quinhão para restituir a liberdade aos povos e ao Brasil também.

JORNALISTA INGLÊS QUE VISITOU CUBA AFIRMA:

# CONTRA-REVOLUÇÃO É SINÔNIMO DE TRAIÇÃO

Por E. J. HOBSBAWN  
(Serviço Especial "New Statesman" —  
Prensa Latina para NR)

LONDRES — Cuba será, relativamente cedo, o primeiro país socialista no hemisfério ocidental, a menos que os norte-americanos levem a cabo uma intervenção armada. 70% de sua indústria, todas as usinas açucareiras e 60% da agricultura (inclusive o açúcar) estão sob controle do governo ou das cooperativas, sem falar no comércio exterior. Já há mais de duas mil cooperativas de consumo («tiendas del pueblo»), quase todas no campo, as quais vendem artigos aos camponeses por preços pouco acima do custo. O ritmo de transformação acelerou-se recentemente com a expropriação das companhias petrolíferas e bancos norte-americanos, a nacionalização da indústria do tabaco, a encampação dos usinos de açúcar, de grandes lojas e das indústrias têxteis.

## Essa enternecedora e estimulante revolução

Há dois fatores extraordinários em relação com esse processo. O primeiro é a enorme apoio popular que o governo conservou e, entre os trabalhadores, inclusive aumentou. Um inquérito de opinião pública realizado em junho, por uma organização privada não ligada ao governo, assinalou a astambrosa cifra de 88% de cubanos que davam ao governo um completo e incondicional apoio: 94% no campo, 91% no grupo de 20 a 30 anos de idade, 92 por cento na classe operária. Por outro lado, a província de Havana assinalou «apenas» 72% de apoio incondicional, os empregados de escritórios 73% (uma redução severa comparada com 1959) e a pequena classe de proprietários, funcionários graduados e profissionais liberais, 61%.

Interrogados sobre quais eram, em sua opinião, as melhores realizações do governo, 49% indicaram a reforma agrária; 42% apontaram o programa de mais escolas e professores; 39% a construção de novas moradias, estradas, etc.; 30% a diminuição do custo de vida na cidade (mediante a redução de 50% nos alugueis, no custo da eletricidade, etc.) e 57% assinalaram uma coleção incontável de coisas tais como «libertação», «benefício e ajuda ao pobre», «a atenção dada ao camponês», «democracia e liberdade», «paz, segurança e felicidade para todos», «preocupação com o povo», «bom governo», «o fato de ser uma verdadeira revolução, rompendo com o passado», «justiça revolucionária», etc.

Perguntadas sobre qual teria sido, em sua opinião, a pior obra do governo, a única queixa apresentada por mais de 1% dos interrogados foi a concernente a arbitrariedade e incapacidade na reforma agrária (2,5%) e o suposto pró-comunismo do governo (1,5%). Interrogados sobre o que o governo havia deixado de fazer, os consultados fizeram uma série de sugestões, mas o grupo maior (34%) respondeu simplesmente: «tudo vai per-

feitamente bem». Para os que nunca estiveram em Cuba estas cifras poderão parecer quase incríveis. Para os que viram essa extraordinária, enternecedora e estimulante revolução, apenas confirmam o que se vê ali todos os dias.

## Ao socialismo pela força dos fatos

O segundo ponto que desejava assinalar é que o socialismo não era, evidentemente, a aspiração consciente do Movimento 26 de Julho. Como a maioria das intelectuais latino-americanas, os primeiros fidelistas estavam ligeiramente embuidos de marxismo, mas a tese econômica do movimento (1957) não era em sentido algum um documento socialista. E ainda agora a propaganda da revolução não destaca o socialismo. Pode ser resumida numa frase: «uma Cuba próspera e feliz deve ser livre do imperialismo, da pobreza e da ignorância». Os principais lemas — todas as revoluções produzem atarismas populares em incrível profusão — são simplesmente patrióticos, como «patria ou morte», «venceremos», «Cuba sim, iniques não», ou vagamente a favor dos pobres, como «quem trai o pobre trai Cristo», ou anti-imperialistas. Sem dúvida, os socialistas do movimento fidelista e o influente Partido Comunista tinham em mente objetivos socialistas. Mas o que os impôs na realidade, foi a força da necessidade prática.

Todos os planos governamentais de melhoramento requerem ação planejada: as revoluções não podem esperar. Assim, uma grande parte do corpo de oficiais do Exército Rebelde converteu-se imediatamente no INRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária) organizando cooperativas e grandes fazendas, construindo vivendas e escolas, operando fábricas, planejando a industrialização e abrindo lojas. Uma vez que Castro fez a descoberta crucial de que os trabalhadores sem terras na realidade não queriam a propriedade parcelada, mas podiam agrupar-se imediatamente em unidades maiores, as irresistíveis vantagens técnicas da agricultura planejada simplesmente exigiam seu aproveitamento. O empirismo, e não a doutrina, está fazendo de Cuba um país socialista.

## A solução clássica

A velocidade e serenidade da transformação até esta data devem-se a uma combinação de sorte histórica de Cuba e da natureza classicamente pura de sua revolução. Cuba tem a sorte de possuir uma terra fabulosamente fértil, subpovoada e pobremente cultivada que torna possível um grande aumento imediato da produção agrícola, uma abundância de meios de comunicação (principalmente a televisão) que pode produzir algo muito semelhante à democracia direta. O catolicismo dos cubanos, na maioria dos casos, é nominal: apenas 10%, in-

cluindo as mulheres, vão à missa. A espanholidade do país permite-lhe atrair com facilidade peritos de outros países latino-americanos; muitos dos economistas que trabalham para a Revolução são chilenos. Sobretudo, um século de monocultura salvou o governo atual dos mais difíceis conflitos camponeses. Em suma, as características da escravidão econômica transformaram-se em seus opostos, em características revolucionárias.

Além disso, a revolução cubana não apenas foi, em seu tipo, um exemplar de experiência (um núcleo de intelectuais, um movimento de massa de camponeses), mas esteve limpa de noções preconcebidas. Enquanto a maioria dos socialistas aceitavam a impossibilidade de passar diretamente do latifúndio à cooperativa, Castro viu a realidade cubana tal como era. Quando já trinta anos de complexidade internacional haviam confundido o problema do Estado e da revolução, os homens da Sierra redescobriram espontaneamente a solução clássica. Qualquer homem da rua explicaria como Fidel compreendeu que o velho exército tinha de ser completamente destruído, e que era preciso armar o povo se se queria evitar o estacionamento de Betancourt na Venezuela ou a derrota de Arbenz na Guatemala. E o antigo exército foi dispersado. Uma vasta milícia urbana e 400.000 camponeses armados protegem a revolução contra os exilados e os «condottieri» do Caribe. O que não daria a maioria dos governos para ter uma liberdade de ação política tão grande e um apoio tão absoluto das massas?

## Dificuldades de dois tipos

Tão extraordinário foi o que se realizou até agora que as dificuldades indiscutivelmente surgidas correm o risco de serem descuradas em um excesso de euforia. Essas dificuldades são lentas técnicas como políticas, embora as de caráter técnico se aliviem pela óbvia disposição da URSS e da China em manter em marcha a economia cubana. Na final dos contos, essa ajuda não custaria muito e os lucros políticos seriam enormes. Mas uma parte da administração cubana ainda está numa confusão de ineficiência que precisa ser superada. Politicamente, o governo enfrenta, com uma socialização e um desenvolvimento cada vez mais rápido, não apenas a dissensão da pequena parte da classe média de colorido branco, como também alguma oposição camponesa. O programa econômico não oferece possibilidade de aumentar os salários urbanos durante os próximos anos, enquanto o boicote dos Estados Unidos (que afeta especialmente as peças para reposição e os bens de consumo duráveis) far-se-á sentir mais severamente nas cidades e povoados. A rapidez com que poderá avançar a revolução sob essas circunstâncias — sempre que a situação internacional não esteja condicionando seus movimentos — é o principal problema a que têm de fazer frente os revolucionários.

Embora em todos os grupos haja cautelosidade e auidades, creio adivinhar que (paradoxalmente) os fidelistas inclinam-se mais para a rapidez enquanto que os comunistas inclinam-se para a cautela.

Não obstante, nenhum desses problemas é insuperável nem tem por que ser muito sério. Nenhum desses problemas poderia inclinar, dentro de um futuro razoável, nenhum setor importante de opinião pública cubana em favor de uma contra-revolução, a qual, graças à política norte-americana, o povo identifica com a traição. Não há razão conclusiva para que meu amigo Pepe, um refugiado espanhol, anglofilo, bevanista e protestante, não continue explicando a quem quer que o ouvir: «Esta é uma boa revolução. Não houve banhos de sangue, como na Espanha. Não se tortura ninguém. Temos o império da lei. Este é o primeiro governo que atua em nosso favor e não mente ao povo».

A não ser, desde logo, que o mundo permita aos norte-americanos converter Cuba em um novo Suez.



## Povo em armas

O segredo da manutenção e consolidação das conquistas da revolução cubana é que o governo entregou armas ao povo, para que as defenda. Cada cidadão cubano, excetuando-se uma minoria ínfima, é uma sentinela atenta contra tudo que possa vir a prejudicar as medidas estabelecidas pelo comandante Fiel Castro, medidas todas benéficas ao povo.

# Nossos Deveres Frente à Revolução Cubana

MARCO ANTONIO COELHO

Dois anos já se passaram desde quando as agências telegráficas começaram, nervosamente, a relatar a marcha espantosa das colunas chefiadas por Camilo Cienfuegos e «Che» Guevara, invadindo as províncias ocidentais em demanda de Havana. Contavam os jornais que trabalhadores das grandes cidades decretavam e realizavam a greve geral, impedindo que o tirano pudesse articular qualquer defesa mais séria contra os heróicos «rebeldes».

Dois anos já se foram mas ninguém dá conta disto, tal é o ritmo, tais são os grandes acontecimentos que marcam o curso vitorioso da revolução. Dois anos de luta em que se completou o esmagamento dos homens e grupos que serviam à ditadura de Batista, dois anos em que se iniciaram as profundas transformações sociais, que criaram na América a primeira República verdadeiramente democrática. Dois anos de duro combate contra a hidra imperialista, seus agentes sabotadores, provocadores e caluniadores. Dois anos, também, de difícil combate contra a ala direita do movimento, que procurou, assistido, travar o curso da revolução, e desfigurá-la, reduzindo-a a uma simples mudança de governantes no poder. Eis, em linhas singelas, a sumária da luta de um valente povo, que provoca universal admiração.

A Revolução Cubana encerra profundos ensinamentos para nossa Pátria. Como a temosia dos fatos concretos, ensina o que devemos fazer e como fazê-lo. Claro que não pensamos ser possível se repetir no Brasil uma segunda edição da epopeia de Fidel Castro. Diferenças imensas existem entre a situação brasileira e as condições cubanas de antes de 1959. Mas, o sentido geral de nossa luta é o mesmo — revolução anti-imperialista e antiféudal, nacional e democrática. A grande importância da Revolução Cubana reside no fato de ter transformado esse esquema teórico em realidade viva. Se antes, a fim de convencermos o nosso povo, tínhamos que apelar para uma explicação teórica das mudanças almeçadas, hoje basta-nos indicar que o necessário a se fazer aqui é aquilo que se faz em Cuba. Isto é: a reforma agrária com a divisão dos latifúndios; a luta sem quartel contra as empresas imperialistas; a solução do gravíssimo problema da habitação popular, através da reforma urbana e da construção de dezenas de milhares de casas populares; a modificação radical do sistema de educação para liquidar o analfabetismo e dar escolas aos trabalhadores, etc. Assim, o nosso trabalho para educar revolucionariamente o povo brasileiro foi facilitado de forma extraordinária, com o exemplo cubano emocionante e convincente.

Não ficam nisto as lições da Revolução Cubana. Veio ela trazer a demonstração prática de que mesmo um povo de alguns milhões de habitantes, vivendo num país relativamente pequeno, e ainda mais, encostado no «colosso» norte-americano, pode destruir e vencer com galhardia o imperialismo inaque. Os acontecimentos da Guatemala, que foram utilizados largamente para assustar os povos latino-americanos, podem ser evitados, como ensina a experiência da bela pátria de Martí, se os dirigentes revolucionários buscarem o sólido apoio do bloco dos países socialistas. Cuba revelou nitidamente toda a frieza do monstro imperialista. O homem simples da rua leva isto muito em conta.

Os acontecimentos cubanos influem decisivamente na luta política que tra-

vamos no Brasil. Por exemplo, nunca as forças democráticas e progressistas tiveram tão bons argumentos para o desmascaramento da sordida política do «State Department», com suas OEA, Doutrina de Monroe, pan-americanismo, etc. Realmente a política de Boa Vizinhança do Presidente Roosevelt, passiva no quadro geral da guerra contra o nazifascismo, havia apagado na mente do povo brasileiro as lembranças da política norte-americana da época do «big stick», das intervenções na Nicarágua, em Cuba, no Panamá, etc. Já os fatos da Guatemala, em 1955, haviam trazido magníficas provas concretas às nossas acusações ao governo inaque. Agora, a estúpida política dos Eisenhower e Herter, em relação ao novo regime da ilha das Caraíbas, comprovou cem vezes o que sempre dissemos: os Estados Unidos são o grande inimigo da humanidade, o quartel-general das forças mais reacionárias e retrogradas do mundo.

Em contraposição, todos os fatos nos ajudam a remarcar o papel desempenhado pela União Soviética e os demais países socialistas, como amigos e aliados seguros daqueles que lutam por se libertar do imperialismo, prestando não só ajuda econômica decisiva a esses povos, mas, também, a solidariedade política e, se necessário, a militar.

Outra imensa contribuição da Revolução Cubana está em que a dinâmica do processo leva os governantes servis a Washington a revelarem a sua face verdadeira, dando um ponto final no palavreado enganador e vazio da «solidariedade continental», da «defesa da hemisfério». Hoje, o dilema é claro — com Cuba que se defende dos trustes da Norie, ou com os Estados Unidos com sua «Essa», «Bond and Share», «Hanna». Cada um que se defina, assumindo as consequentes responsabilidades políticas ante seu povo.

Em conclusão, Cuba prestou e continuará prestando um auxílio considerável a nossa luta. Mas, em contrapartida temos deveres muito sérios em relação àquela Revolução. O curso da batalha titânica de Fidel Castro e sua gente pode ser modificado, ou grandemente retardado, se o imperialismo ali conseguir intervir militarmente. Isto depende em grande medida, da posição dos povos latino-americanos, e o Brasil, que desempenha um papel singular no Continente, é decisivo em tal combate político.

Qual a posição do nosso povo? A simpatia popular pela revolução é inegável. Somente os círculos mais reacionários têm a coragem de atacar publicamente a luta de Fidel. O movimento sindical está ao lado da boa causa, como indicam as resoluções dos congressos e convenções realizadas neste ano, os centenas de mensagens aprovadas nas assembleias sindicais e os pronunciamentos dos líderes operários de maior prestígio. Quanto aos estudantes, a questão cubana tornou-se para eles uma questão de honra, e as recentes acontecimentos de Goiânia comprovam o pensamento das organizações estudantis e da própria massa das escolas. A intelectualidade, pelo que tem de mais representativo, saudou Jean Paul Sartre com entusiasmo, pela sua corajosa posição ao lado dos continuadores de Marce, Cespedes, Garcia, Agramonte e Martí, e jornalistas de maior prestígio combatem com firmeza os que caluniam a Revolução. Ao lado disso, dezenas de conferências, comícios, passeatas têm sido feitos pelos patriotas e democratas. No Parlamento o deputado Barbosa Lima Sobrinho leu um expressivo pronunciamento, assinado por 65 deputados, senadores e dois governadores de

Estado, de protesto contra qualquer interferência imperialista. Grande repercussão alcançou o manifesto de lançamento da «Comissão Brasileira contra a Intervenção em Cuba», subscrito por 300 personalidades de renome em vários Estados, como senadores, deputados: federais e estaduais, prefeitos, vereadores, líderes sindicais e estudantis, escritores e jornalistas. Tudo isso caracteriza a posição de nosso povo ao lado de Cuba.

A situação atual é muito singular nestes dias. Dentro de um mês teremos novos homens à frente do governo federal, o que é um excelente motivo para fortalecermos a retificação da política que o Itamarati vem seguindo diante de Cuba. Ora, o Sr. Jânio Quadros fez durante a sua campanha eleitoral as críticas as mais contundentes à política exterior do Brasil e ninguém se esqueceu da sua viagem e das suas declarações favoráveis à Revolução Cubana. Muitos homens que o apoiaram, assim o fizeram, em grande parte, porque querem que o Itamarati dê uma guinada de 180 graus. Estamos, pois, em boa situação porque basta lembrar-mos do novo presidente que muitos gravaram aquela sua frase, já famosa: «O Brasil não faltará a Fidel Castro».

Não temos, no entanto, qualquer ilusão que a política exterior do Brasil vai ser modificada por obra e graça do Sr. Jânio Quadros. Muito ao contrário. Só uma intensa pressão de massas permitirá tais modificações. Sentimos nitidamente como as forças reacionárias aumentaram nos últimos meses a campanha de calúnias contra a Revolução Cubana. Toda a grande imprensa, praticamente, voltou-se contra Cuba e mesmo — «Última Hora» vem tendo, neste terreno, posições vacilantes. Em particular, o clero católico mais reacionário está sendo mobilizado para influir no pensamento de nosso povo. Temos consciência das dificuldades que surgem, mas estamos convencidos de que uma ação de massas enérgica, desencadeada pelos democratas e nacionalistas, poderá impedir que esta ação teledirigida de Washington, provoque maiores danos. O nó da questão está na promoção de um amplo trabalho de esclarecimento sobre o que realmente sucede no país irmão. Enfim, anulamos a cortina de mentiras das agências de informação e da imprensa venal e mentirosa.

De um ponto-de-vista imediato, o centro da atividade deve ser a campanha insistente contra a intervenção estrangeira em Cuba. Nisto reside a possibilidade de realizar o mais vasto movimento de frente única em nosso país em favor de Cuba, pois que até pessoas e forças que discordam de vários aspectos da revolução, talvez por desconhecimento do que lá ocorre, não aceitam a planejada intervenção militar imperialista em Cuba.

Mais do que nunca, com o conhecimento do entusiasmo das grandes e memoráveis campanhas, nos, os comunistas, daremos toda colaboração as Comissões de apoio a Cuba, organizadas ou em fase de estruturação, nos Estados, Municípios ou em setores profissionais, e auxiliaremos os sindicatos, as organizações estudantis e populares no seu justo esforço de manifestar a irrestível solidariedade do povo do Brasil ao povo irmão de Cuba. De cidade em cidade, desde a Amazônia aos Pampas, a verdade sobre a Revolução Cubana será transmitida a nossa gente e o clamor da nossa luta será tão grande que até em Washington escutarão o eco da brava voz: «Cuba sim, iniques não!»



## Artigos a preço de custo

Para combater a carestia de vida, uma das medidas tomadas pelo governo foi criar mais de duas mil tendas encarregadas de vender artigos de primeira necessidade, onde os compradores pagam quase que apenas o preço de custo.

# NOVOS RUMOS

MUNDO SOCIALISTA AJUDA UM POVO A DERROTAR O IMPERIALISMO

# Cuba Não Está Sòzinha na Batalha Pelo Desenvolvimento

No dia 1.º de janeiro de 1959, descendo das montanhas e ocupando as estradas que levavam a Havana, o exército popular comandado por Fidel Castro preparava-se para dar o golpe mortal na ditadura que durante anos fez de Cuba uma imensa prisão, reprimiu com a violência mais bárbara os anseios de libertação e de independência do povo, entregou o país inerte ao saque dos imperialistas norte-americanos. A revolução triunfante transformou a pequena ilha num vulcão que derramava as lavas da liberdade por todo o Caribe, inaugurava um novo ciclo na vida de um povo antes oprimido e explorado.

A política de Fidel e de seus companheiros de Sierra Maestra, apoiada pelos trabalhadores, camponeses, estudantes, pequenos proprietários, por todos democratas e patriotas, de libertar o país do subdesenvolvimento, de liquidar as formas de exploração atrasada existentes no campo, realizando a reforma agrária, e de pôr um parâmetro à dominação do imperialismo, conquistou logo o apoio e a solidariedade dos povos da América, da Europa, da Ásia e da África. Fez bilhões de amigos e simpatizantes, como fez, também, inimigos...

## As primeiras batalhas

A medida que o governo revolucionário levava à prática as medidas destinadas a tornar realidade os anseios de independência que despertaram o povo para a luta, os círculos imperialistas norte-americanos começavam, primeiro nos bastidores, depois abertamente, a batalha contra Fidel e seus companheiros. Órgãos de imprensa que nos primeiros momentos aplaudiam hipocritamente a derrubada de Batista e "saudevam" a instauração do novo regime, já cantavam outras músicas. A certeza definitiva de que o governo revolucionário iria até o fim na aplicação das reformas preconizadas, levou-os ao desespero e à ação aberta e desmascarada. Contra a bandeira de uma escola levantou-se, com todo o seu peso, o pavilhão das 50 estrelas. O governo norte-americano, abertamente, passou a estimular a contra-revolução fora e dentro da ilha, a adotar medidas oficiais de desgredo para com a Revolução. Daí para a agressão econômica foi um passo. A reforma agrária que atingiu os latifúndios, entre eles uma percentagem enorme de propriedade de grandes companhias estadunidenses, a principal delas a United Fruit (a famosa Bananera, que até então empossava e derrubava, à sua vontade, governos nos países do Caribe), foi o pretexto. Eisenhower resolveu acabar com a história de uma vez, já não se admitia mais a existência de um país na América, nas proximidades dos Estados Unidos, capaz de se opor ao domínio dos trustes. E, começou a agressão econômica, a batalha do açúcar,

acompanhada de ameaças diretas de ação armada para defender os interesses norte-americanos na ilha.

A marcha da Revolução, ao contrário do que esperavam os ianques, não se deteu, o povo se uniu mais ainda em torno de seus líderes. O primeiro fracasso do golpe veio daí. Mas, ainda restava uma esperança: fazer Fidel e seu povo se dobrarem ante o boicote econômico...

## O mundo hoje é diferente

A 4 de fevereiro de 1960 desembarcava no aeroporto de Havana, Anastas Mikoyan, vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS. Se fosse, por exemplo, 4 de fevereiro de 1920, ou mesmo 1930, quem sabe o mundo teria assistido ao desembarque de fuzileiros navais comandados por um almirante qualquer nascido na Carolina do Sul. Mas, o ano era 1960, e, nesse ano, as coisas no mundo são bem diferentes.

A visita de Mikoyan, cujo pretexto era a inauguração de uma exposição soviética, foi o segundo e decisivo golpe nas intenções agressivas ianques. Nos 9 dias que passou na ilha, o dirigente soviético manteve conversações com os governantes cubanos, falou com operários e camponeses, estudantes e intelectuais, comerciantes e agricultores. As vésperas de seu embarque, do regresso à Europa, as estações de rádio e televisão de Cuba, as agências telegráficas divulgavam a notícia: havia sido assinado um acordo comercial entre Cuba e a União Soviética. Era o primeiro ato entre os dois países, era o começo de uma nova era para a vida do povo cubano, era também o começo do fim para os desígnios dos imperialistas.

O comunicado anunciava que a URSS concedera um crédito de 100 milhões de dólares ao governo cubano, cobrando juros de 2,5% ao ano; que a URSS adquiriria, imediatamente, 425 000 toneladas de açúcar e se comprometia a adquirir, anualmente, nos 4 anos seguintes, 1 milhão de toneladas de açúcar. O acordo, logo seguido de outros concertados pelo governo revolucionário com outros países socialistas, jogava por terra a manobra norte-americana de sufocar a Revolução através de medidas econômicas, cortando Cuba da lista dos fornecedores de açúcar estrangeiros aos Estados Unidos. A batalha do açúcar terminou com a derrota do imperialismo. Mas este não desanimou e logo voltou à carga. Começou então...

## A batalha do petróleo

Ao lado da política de reforma agrária, uma das grandes preocupações do governo de Fidel Castro foi o problema do petróleo. Fonte permanente de evasão de divisas, a refinação e a distribuição do ouro negro no país era monopólio dos grandes trustes mundiais (Standard e Shell). Controlando 96% da refinação e 99% da distribuição, as grandes empresas

estavam em condições de provocar um colapso na economia cubana e de paralisar a vida do país. Ciente desse fato, Fidel e seus companheiros, através do INRA, iniciaram estudos para resolver o problema, intensificando a pesquisa estatal do produto no território cubano e adotando medidas econômicas para aliviar a sangria de divisas representada pela importação de petróleo. Inicialmente compraram uma grande partida do produto da "Superior Oil Company", estabelecida na Venezuela, ao preço de US\$ 2.10 o galão de óleo cru, o que representava uma economia de US\$ 0,70 em relação aos preços que pagava às grandes companhias. O negócio fracassou em virtude da inércia das grandes companhias que, dominando o transporte marítimo do produto, impediram que os vendedores enviassem-no a Cuba. Diante desse fato, o governo cubano recorreu aos países socialistas, principalmente à União Soviética.

Em 17 de abril aportava em Havana o navio-tanque soviético "Andrei Vichinski", transportando um carregamento de 80 639 barris de óleo cru. Logo depois, de acordo com os termos do convênio Cuba-URSS, o Banco do Comércio Exterior daquele país negociava a compra de 900 mil toneladas de petróleo da URSS.

Era o novo pretexto para os ianques tentarem a intervenção. Quando o petróleo soviético começou a chegar, o governo cubano, cuja refinaria estatal situada em Camaguey não tinha capacidade para refiná-lo todo, distribuiu-o em cotas de 300 mil toneladas para as refinarias da Standard e da Shell. Estas se recusaram a recebê-las, praticando verdadeiro atentado contra a soberania do país e procurando tumultuar a vida interna de Cuba. O governo reagiu à altura. Decretou a intervenção nas grandes companhias petrolíferas estrangeiras do país e se preparou para resistir a qualquer tentativa de agressão por parte dos norte-americanos.

Os homens de Washington pensaram, no primeiro momento, que Fidel lhes entregara de mãos beijadas a grande arma para destruir a Revolução.

— Não enviaremos mais petróleo, faremos com que os grandes armadores se recusem a transportar petróleo de outras procedências para Cuba e, pronto, eles terão que se curvar.

A coisa ficou só no pensamento. A ajuda da União Soviética, além de proporcionar, com os primeiros fornecimentos, uma economia de mais de 1 milhão e meio de dólares ao governo cubano, satisfizes plenamente às necessidades do país em matéria de petróleo. De abril a agosto os barcos soviéticos descarregaram em Cuba ... 4 363 528 toneladas do produto.

Vencida a primeira etapa, o governo cubano começou a levar à prática, efetivamente, com a ajuda da URSS, da Romênia e da



## Amizade e fraternidade

Tchecoslováquia, os trabalhos de pesquisa, exploração e refinação do petróleo na ilha. Para o grande programa de desenvolvimento da indústria petrolífera, o governo cubano receberá substancial ajuda material e humana dos países socialistas.

## A história dos foguetes

Quem conhece os Estados Unidos sabe da importância que exercem na vida desse país os grandes trustes petrolíferos, a Standard de Rockefeller principalmente. Quando o governo cubano, após a intervenção, decidiu nacionalizar as propriedades das empresas petrolíferas em Cuba, a reação na América do Norte foi violentíssima, havendo inclusive, de parte de numerosos setores do Departamento de Estado, do Pentágono e no Parlamento, que advogavam a intervenção armada pura e simples como "remédio" para salvaguardar as posições do imperialismo na região.

Em Moscou, concomitantemente, o primeiro-ministro Nikita Kruschiov, em declarações que provocaram sensação no mundo, anunciava que os foguetes da URSS estavam preparados para responder à agressão armada contra Cuba. A União Soviética, coerente com a sua política de respeito à soberania de todos os países, se mostrava disposta, como o fizeram durante a agressão anglo-francesa ao Egito, a colocar todo o seu poderio bélico para defender a integridade de Cuba, os anseios do povo cubano que começava a construir uma nova civilização no seu país, livre do domínio do imperialismo. As ameaças de agressão norte-americana encontraram também o repúdio de todos os países do campo socialista. Nos outros países, principalmente na América Latina, as manifestações de solidariedade foram unânimes e chegaram a tal ponto que fizeram fracassar a tentativa de intervenção legal contra a Nação cubana, tentada na conferência de Costa Rica.

Estreitando seus laços econômicos com os países do campo socialista, Cuba criou condições para realizar uma política exterior independente, reafirmada pelo reconhecimento do governo da China Popular, pelas posições assumidas durante a conferência de Costa Rica e na Assembleia da ONU. A justiça da política externa do governo cubano vem recebendo o aplauso de todos os povos do mundo.

## Colaborando para o progresso

Enfrentando e vencendo as batalhas políticas, garantindo cada vez mais a coesão do povo em torno do governo revolucionário e dos seus objetivos, Fidel e seus companheiros lançaram-se decididamente na batalha de construção do país, de desenvolvimento da agricultura e da indústria. Contando com a solidariedade dos povos dos países socialistas, compreendendo a realidade nova, o governo cubano foi procurar nesses países os recursos indispensáveis que lhe permitirão imprimir um ritmo mais rápido ao desenvolvimento do país. De acordo com os princípios que regem a sua política, os países socialistas oferecem a ajuda material aos países subdesenvolvidos sem exigir em troca nenhum compromisso de subordinação política e sem pretender através dela exercer domínio econômico, isso o compreendeu muito bem Fidel Castro. E por isso mesmo não teve dúvidas em procurar no campo socialista a ajuda necessária à industrialização do país.

Em junho e julho de 1960 uma missão econômica cubana partiu com destino à Europa a fim de negociar acordos comerciais com diversos países. Chefiada pelo comandante Nuñez Jiménez, a comitiva visitou a União Soviética,

Polónia, República Democrática Alemã e Tchecoslováquia. Nesses países a missão assinou tratados de ajuda e assistência que permitirão a instalação em Cuba, durante os anos de 1961 e 1962 de 57 estabelecimentos industriais, desde usina siderúrgicas até fábricas de artigos plásticos. Os acordos assinados prevêem também a instalação de usinas hidro e termo-elétricas. Somente a Alemanha Democrática e a Tchecoslováquia, edificarão em Cuba, nos anos de 1961 e 1962, 11 fábricas que produzirão artigos de consumo popular, entre as quais uma de geladeiras com a capacidade de produção de 40 mil unidades anualmente e empregando mais de ... 1 600 trabalhadores.

Os contratos assinados pelo governo cubano para a instalação de fábricas no país contribuirão enormemente para a utilização total da mão-de-obra existente, criando condições para a eliminação completa do desemprego.

Os acordos assinados por Nuñez Jiménez e, depois, por Raul Castro, incluem também o fornecimento de créditos ao governo cubano, assim como a importação de produtos cubanos, principalmente couros, frutas tropicais, açúcar, cacau e café.

Em Moscou, Guevara assinou também um acordo de capital importância para o seu país, principalmente no que se refere à solução do problema do açúcar. A União Soviética, através dele, se comprometeu a adquirir, somente em 1961, 2 milhões e 700 mil toneladas de açúcar de Cuba, o que corresponde a metade da produção do país. Além disso, pelo acordo soviéticos, completando os outros tratados assinados com os demais países socialistas, serão instaladas e estarão funcionando na ilha, já em 1961, 100 fábricas.

A ajuda desinteressada dos países socialistas, constitui um subsídio valioso para o desenvolvimento do país, além de permitir ao governo de Fidel Castro amplas possibilidades de vencer em toda a linha as tentativas de agressão do imperialismo norte-americano. Cuba mostra que o mundo de hoje é diferente.



## Todos ajudam

## Um negocio da China

No quadro do programa de desenvolvimento que está sendo executado por Fidel Castro, grande importância tem a visita que o comandante Ernesto "che" Guevara realizou aos países socialistas.

O presidente do Banco Nacional de Cuba fez verdadeiros "negócios da China". Na terra de Mao Tsé-tung assinou um tratado comercial através do qual o governo da China Popular concederá a Cuba um empréstimo de 60 milhões de dólares SEM COBRAR JUROS, sim, SEM COBRAR JUROS! Além disso, Pequim se compromete a importar, anualmente, 1 milhão de toneladas de açúcar produzido por Cuba.

## Cem fábricas

Em Moscou, Guevara assinou também um acordo de capital importância para o seu país, principalmente no que se refere à solução do problema do açúcar. A União Soviética, através dele, se comprometeu a adquirir, somente em 1961, 2 milhões e 700 mil toneladas de açúcar de Cuba, o que corresponde a metade da produção do país. Além disso, pelo acordo soviéticos, completando os outros tratados assinados com os demais países socialistas, serão instaladas e estarão funcionando na ilha, já em 1961, 100 fábricas.

A ajuda desinteressada dos países socialistas, constitui um subsídio valioso para o desenvolvimento do país, além de permitir ao governo de Fidel Castro amplas possibilidades de vencer em toda a linha as tentativas de agressão do imperialismo norte-americano. Cuba mostra que o mundo de hoje é diferente.



## Fazendo um «negócio da China»

A visita do "che" Guevara à China Popular (na foto o comandante cubano com Mao Tse Tung), resultou na assinatura de um acordo entre os dois países que bem pode ser chamado de um "negócio da China" para Cuba. Através dele os cubanos receberam um crédito de 60 milhões de dólares sem pagar um tostão de juros.

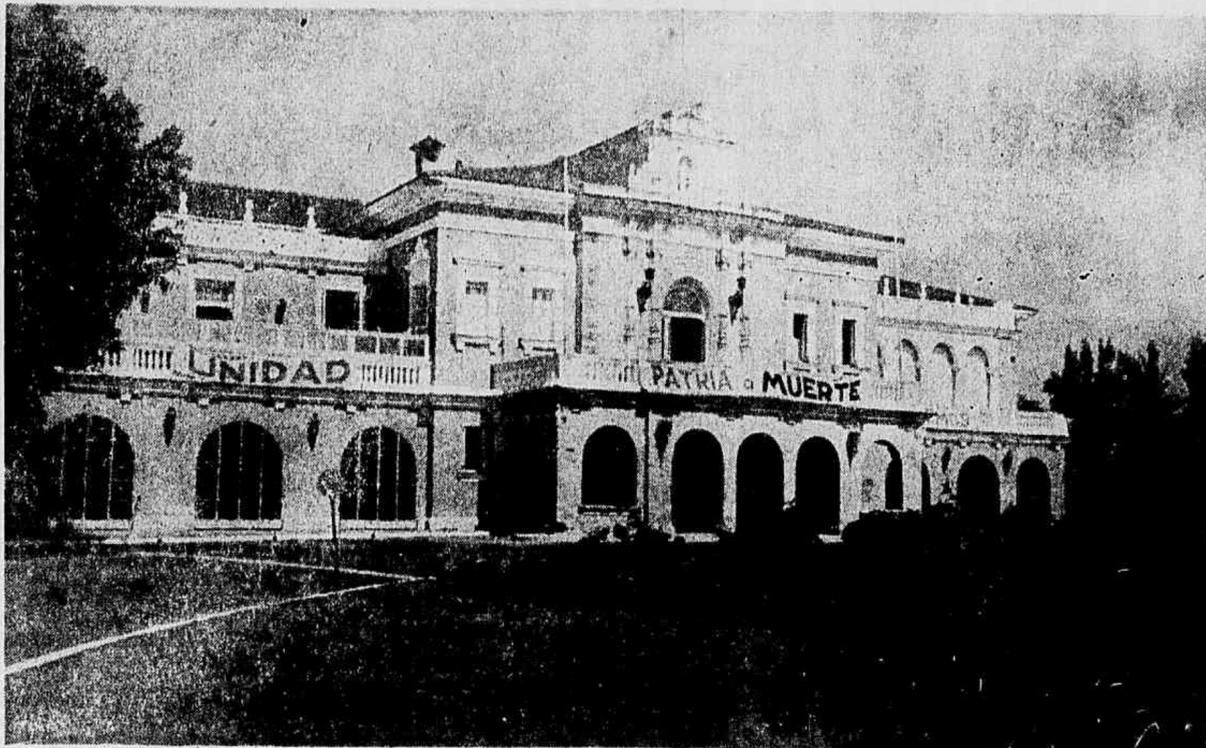
O ministro da Defesa de Cuba, comandante Raul Castro, visitou diversos países socialistas da Europa, entre eles a Tchecoslováquia (foto). Nesse país assinou um tratado comercial

OUTRA experiência original oferecida pela revolução cubana é a criação dos Círculos Sociais Operários. Seu propósito é que sejam centros de caráter recreativo-educacional, capazes de atrair, orientar e conduzir o povo ao uso adequado e feliz das horas de lazer depois de cada dia de trabalho. A filosofia e o espírito que inspiram sua criação visam à política de integração e consolidação social que é o postulado definitivo da Revolução e da nova Cuba.

A idéia de criar os Círculos Sociais Operários surgiu quando o Governo Revolucionário requisitou para o povo cubano a exclusiva e aristocrática sociedade Havana Biltmore Yacht and Contry Club, que a tirania apresentara com cerca de um milhão de pesos (um milhão de dólares) para a construção de um galpão para iates. Era uma elite de grandes latifundiários, poderosos proprietários de imóveis e políticos que gozava a praia, as instalações desportivas, os salões de recreio, luxuosos refeitórios e gabinetes de leitura no Havana Biltmore. Quando o Governo Revolucionário assumiu, em nome do povo cubano, a propriedade dessa instituição, seu orçamento de manutenção anual alcançava a cifra de meio milhão de pesos. Fechar suas portas significava lançar no desemprego várias dezenas de empregados, além de que ninguém gozaria de suas comodidades. Foi então que o primeiro-ministro, comandante Fidel Castro, sugeriu que se criasse no Havana Biltmore um Círculo Social Operário que tomou o nome autêntico de Cubanacan.

Cubanacan, como centro experimental, conseguiu imediatamente um êxito nem sequer imaginado. O princípio estabelecendo que os operários e funcionários paguem uma quota social de acordo com seus vencimentos determinou que o número de inscrições se elevasse nos dois primeiros meses a nove mil. Dessa idéia partiu o projeto de criação da Organização Nacional de Círculos Sociais Operários. Já a Administração Revolucionária do Município de Havana está construindo quatro na capital cubana. Sua localização em bairros diferentes facilita ao funcionário, em suas horas noturnas e dias feriados, fazer uma vida de verdadeira convivência humana.

A Organização Nacional dos Círculos Sociais Operários anunciou o ambicioso plano de ter, acabados de construir, em maio de 1961, um círculo social operário para cada uma das 161 usinas



"Cubanacan" antigo clube aristocrático de Havana, centro de jogatina e de grandes bacanais, transformou-se, com a Revolução libertadora, em sede do Círculo Social Operário piloto. O que antes era um centro de recreio para alguns privilegiados, é hoje um clube que abriga mais de 9 mil associados, proporcionando-lhes tertúlias, sessões de cinema acompanhadas de debates. Seus amplos salões transformaram-se em também amplas bibliotecas onde os trabalhadores podem encontrar as melhores obras da literatura universal.

### Foi um clube de aristocratas

### SER CULTOS PARA SEREM LIVRES

# Centros Recreativos Para Um Milhão de Operários

PEDRO LUIS PADRON

(Serviço Especial de PRENSA LATINA para NR)

de açúcar do País. Por outro lado serão criados centros desse tipo em cada um dos 126 municípios da República e dois em cada capital de província. Projeta-se, ainda, para o futuro, estabelecê-los nas cooperativas agrárias.

Como base para o cálculo do montante da quota a pagar, estabelece-se

o vencimento mensal do trabalhador de acordo com a seguinte tabela:

De \$ 60.00 a \$100.00	— \$1.00
\$100.00 a \$150.00	— \$1.50
\$150.00 a \$200.00	— \$2.00
\$200.00 a \$250.00	— \$3.00
\$250.00 a \$300.00	— \$4.00
\$300.00 a \$350.00	— \$5.00
\$350.00 em diante	— \$6.00

Os desempregados, estudantes e pensionistas pagarão uma quota de cinquenta centavos mensais. O direito do chefe de família estende-se à sua esposa e filhos menores de 16 anos.

### Estrutura dos centros

A estrutura dos Círculos Sociais Operários parte de sua Direção Geral com seu corpo de assessoramento, a qual terá função deliberativa, planejadora e executiva. Da Direção Geral tomam forma os grupos de aplicação, orientação e supervisão em forma de Superintendência, um para cada área central

da programação, a saber: atividades físicas, atividades culturais e atividades sociais. As unidades de aplicação da política de recreação operária serão os Círculos Sociais Operários.

O programa de atividades físicas abarcará desde as formas mais elementares, até as mais técnicas, de esporte recreativo e de competição para jovens e adultos. Dentro desse programa incluem-se também as atividades relativas ao aprimoramento e adestramento físicos por meio da utilização das instalações próprias do ginásio.

As atividades culturais se projetam com largueza de vistas e justificado propósito de levar os cidadãos a se superarem. Esse programa basear-se-á nos fatores vocacionais e de aptidão dos participantes. Haverá formas de participação orientadas para o desenvolvimento de nossa cultura musical, artística, pictórica, literária, do amor ao estudo, à natureza e ao trabalho criador.

As atividades sociais se orientam para todas as formas suscitadas pela própria vida de relação com nossos seme-

lhantes e a necessidade de aprender a conviver socialmente adaptado ao meio, com critério firme de comunidade e cidadania. No programa estão incluídas desde as reuniões informais de amigos até as grandes reuniões sobre interesses comuns. Desde as festas infantis cheias de fantasia e ilusão até as festas de adulto repletas de objetiva ansiedade e diversão. Desde as pequenas reuniões de crianças para ouvir histórias até o agrupamento de massas para ver, ouvir ou participar ativamente dessas situações que esclarecem as dúvidas, abrem novos horizontes de entendimento e compreensão ou reafirmam os princípios da Revolução.

### Um milhão de associados

Para prestar todas essas serviços à comunidade, os Círculos Sociais se constroem com instalações adequadas para a prática de desportos como o futebol, beisebol, voleibol, basquetebol, box, luta-livre, natação, tênis, pista de atletismo e local para ginástica.

Esses centros disporão, para as atividades culturais e literárias, de locais para bibliotecas, concursos, redação, composição, imprensa, conferências, pintura, desenho, escultura, teatro de cordões, canto, artesanato, dança, música instrumental, corais e música popular. Os círculos Sociais Operários abarcarão outras atividades de caráter social como festivais, banquetes, torneios, lêmbras, excursões e outras de tipo cívico, como congressos, orientação revolucionária, debates, forums, conferências, etc.

O direito a férias anuais longe do lugar onde o operário ou funcionário desenvolve suas atividades está incluído no plano da Organização Nacional dos Círculos Sociais Operários. No transcurso de vinte meses o Governo Revolucionário providenciou férias de praias, centros de pesca, balneários, lugares turísticos para desfruto do povo cubano a preços reduzidos. A condição de associado do Círculo Social Operário dá direito a um desconto nesses centros de recreio que varia entre 50 e 5 por cento, de acordo com os vencimentos recebidos pelo operário ou funcionário.

Nesse sentido o Instituto Nacional da Indústria Turística e a Organização Nacional de Círculos Sociais Operários projetaram para os associados desses centros um plano de férias anuais financiado pelo INIT. O pagamento será feito pelo trabalhador em doze cómodas prestações.

### Instalações para serviços

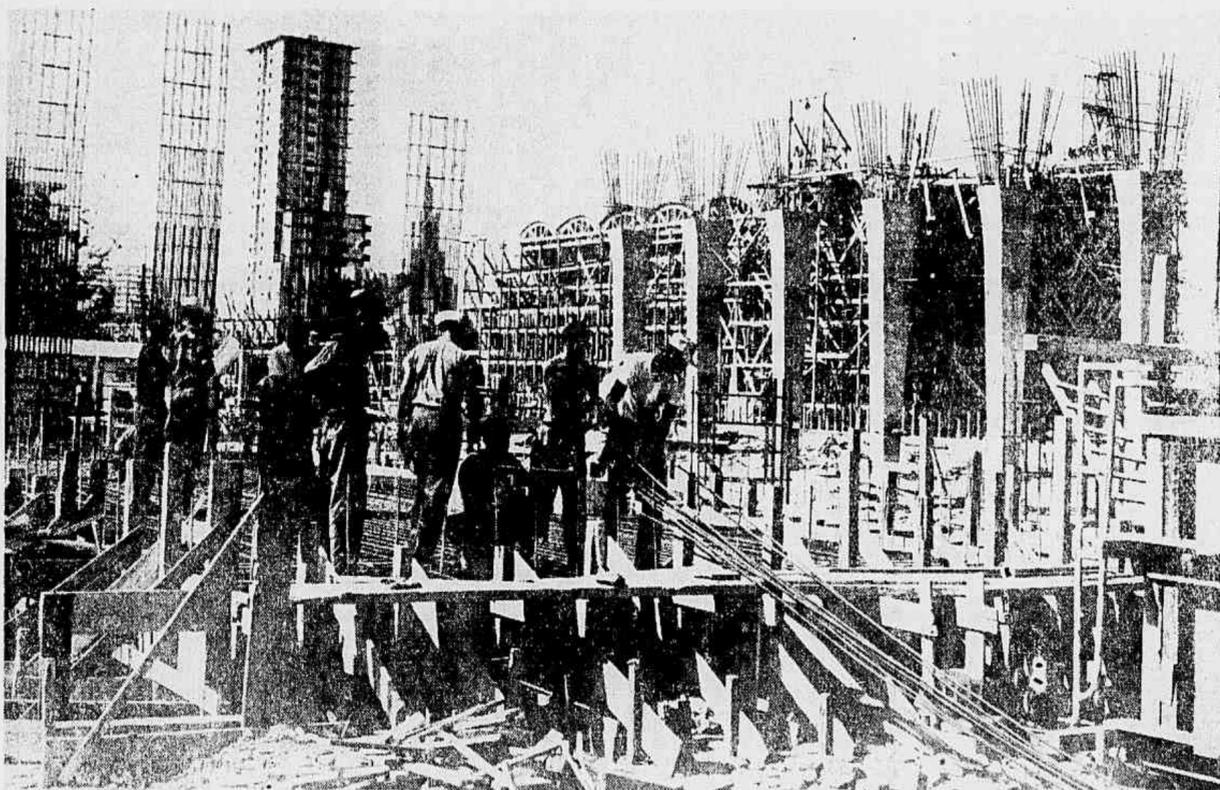
Jamais o cubano pôde gozar as belezas de sua pátria. E isso porque nenhum Governo se preocupou com o turismo interior. Cuba, a despeito de sua condição de ilha, não dispunha de instalações em suas praias incomparáveis para quem quisesse fazer ali curtas ou longas temporadas. Em menos de dois anos o Governo Revolucionário entregou ao povo 63 praias com confortáveis cabanas, cafeterias, quadras para jogos, jardins e locais de estacionamento.

Agora, na nova Cuba, é possível para aquele que trabalha passar suas férias em lugares onde se combinam o conforto, a comodidade e o pitoresco.

Cerca de um milhão de trabalhadores organizados na Confederação de Trabalhadores de Cuba serão inicialmente sócios dos Círculos Sociais Operários. Calcula-se que essa cifra ultrapassará os três milhões quando os funcionários públicos, camponeses e estudantes solicitarem sua inscrição nos Círculos, cuja principal finalidade, como já disse, é o uso adequado e feliz do tempo livre.

«Ser cultos para ser livres», proclamou o Apóstolo José Martí. Agora o cubano que trabalha e produz para sua Pátria tem a seu alcance, nos Círculos Sociais Operários, os meios para que o sonho de Martí seja uma linda realidade. A música erudita, a pintura, a literatura e o teatro na nova Cuba não serão patrimônio exclusivo de uma reduzida minoria. Tudo pertence às grandes massas da população para satisfazer sua ansia de saber e de superar-se.

A educação física e o esporte para «fazer um povo sadio numa pátria feliz» será preocupação permanente da Organização Nacional dos Círculos Operários. Com esse fim já se arregimentaram dezenas de professores de educação física e treinadores de esporte que colocarão seus conhecimentos a serviço dos associados. O resultado desse vasto movimento de educação física e desportivo será conhecido na ocasião em que os atletas cubanos competirem nos IV Jogos Olímpicos Pan-Americanos. Então poder-se-á notar também o avanço cultural do povo cubano, para a qual contribuirão poderosamente os Círculos Sociais Operários.



Centro de recreio para operários

No bairro de Pontón, a prefeitura de Havana constrói um grande círculo social operário que disporá de todos os requisitos para facilitar as atividades culturais e recreativas

Plano nacional de educação cultural

O governo revolucionário executa um grande plano nacional de construção de círculos sociais para trabalhadores, com o objetivo de proporcionar todos os recursos para operários e camponeses desenvolverem seus gostos e aptidões culturais. Tanto em Havana (a foto mostra a construção de um círculo no Parque Martí, da capital cubana) como nas demais cidades da ilha, estão sendo edificadas as quadras, preparando o governo um plano que estenderá a construção de tais círculos às cooperativas agrícolas e colônias de lavradores.

# CUBA PRODUZ MAIS DEPOIS DA REFORMA AGRÁRIA

HAVANA (PL) — Quando regressé a Havana depois de uma excursão pelos campos de Cuba, visitei o grande edifício de vinte andares onde funciona o I.N.R.A. (Instituto Nacional de Reforma Agrária) e expus aos responsáveis pela produção agrícola o meu parecer de que muitas coisas na Reforma Agrária estavam enveredando por um caminho errado. Ficaram meio espantados: ninguém me convidara a visitar Cuba, eu havia viajado por minha própria iniciativa, no entanto me facilitaram amavelmente o acesso a todos os lugares... Tinha algum cabimento eu lhes fazer críticas?

Entretanto foi-me concedida audiência, com os chefes de departamento no gabinete do Diretor da Produção, Pino Santos. Durou 2 horas e 35 minutos, muito embora eu não tenha falado mais que uns 25 minutos. A todo momento entrava alguém na sala com papéis para serem assinados; os chamados telefônicos eram constantes assim como as visitas inesperadas. Finalmente Pino Santos disse para mim: «Compreendi pouca coisa do que o senhor explicou, mas senti que é importante».

## Pescando

No dia seguinte realizou-se uma segunda conferência, dessa vez com diretores saindo da qual, Cesar Rodriguez (diretor da industrialização) falou-me: «Suas críticas precisam ser ouvidas nas altas esferas. Amanhã mesmo levo-o para conversar com um economista socialista, o senhor precisa falar com ele.» Havia um certo ar de mistério nas suas palavras. No dia seguinte fiquei conhecendo o economista socialista que era o diretor do jornal comunista «HOY»; recebi-me em seu gabinete, sob um vasto retrato de Lenin e foi logo me dizendo:

«Nossa revolução, muito forte nos planos militar e político, não é bastante no setor econômico. É necessário que tome consciência disso para corrigir seus pontos fracos. Por isso é tão útil a visita de homens como o senhor. Não entantó, para um resultado verdadeiramente positivo, é preciso o senhor falar com Fidel».

Chamou pelo telefone o secretário particular de Fidel Castro e aquele lhe respondeu «que o sr. Dumont não indique seu programa para o dia de amanhã e onde pode ser encontrado». E' o método adotado. Como Fidel nem sempre sabe onde estará, cabe aos interessados informarmos sobre os nossos passos. Há de chegar o momento em que a sua trajetória coincida com a nossa.

Com efeito, às 7 horas da manhã do dia seguinte, quando eu ia partir para Pinar del Rio, comunicaram-me que Fidel estava à minha espera no I.N.R.A. Fomos para lá num jeep e subimos ao gabinete de Nuñez Jimenez, diretor executivo do Instituto; mas Fidel não estava. Às 9,30 uma mensagem do rádio de seu navio informava-nos de que se encontrava em pleno mar. Como o Conselho de Ministros houvesse terminado às cinco da manhã, achou inútil ir deitar-se e resolveu pescar, sua distração favorita. Naturalmente, esquecera-se do compromisso; mas pedia-me que fosse encontrá-lo em Pinar del Rio, duzentos quilômetros para oeste, onde naquele dia devia presidir uma manifestação de camponeses.

## «Mouros e cristãos»

Onde poderia vê-lo? «Não é difícil — telegrafou Fidel — no palanque». De fato o palanque era visível de longe mas, para chegar até lá, era preciso atravessar uma multidão calculada pela imprensa em ... 200.000 pessoas. Gastei nisso hora e meia. Por fim, às 4 da tarde, fiquei a seu lado, assistindo ao desfile. «Fação aliado contra a agressão estrangeira», dizia um cartaz, enquanto passavam as milícias camponesas orgulhosamente montadas no pelo dos seus cavalinhos.

Encontrava-me à esquerda de Fidel, que respondia às saudações das mulheres que lhe atiravam flores e beijos. Atrás de mim, a rádio dava uma descrição vociferada do desfile. Em meio àquele tumulto, meu intérprete — Jacques Chonchol, filho de um médico francês emigrado para a China e técnico posto pela F.A.O. à disposição de Cuba — ia traduzindo para Fidel minhas principais críticas à Reforma Agrária.

Ao cabo de três quartos de hora, levantou-se para falar, mas teve que esperar vinte minutos até que a multidão cessasse de aclamá-lo. Uma ovação notável. Seu discurso durou uma hora e um quarto. Assim que terminou a cerimônia, disse-me: «Até logo» sem mencionar onde nem quando deveria vê-lo ou-



## Do latifúndio à cooperativa

Entre as maiores realizações da revolução cubana figura, sem a menor dúvida, a reforma agrária. Os grandes latifúndios foram transformados diretamente em cooperativas de produção, fato inédito.

tra vez. Mas o agrônomo cubano que me acompanhava, meu amigo Alonso Olivia, não pareceu inquietar-se. «Vamos para debaixo de um chuveiro — falou-me (bem que estávamos precisando). Mais tarde telefonaremos para ele.»

Foram necessários cinco ou seis chamados telefônicos para localizar Fidel, que se achava em um dos quartéis que ainda não foram transformados em escolas, a 15 quilômetros de Pinar del Rio, lá ficando à nossa espera. Chegamos ao salão dos oficiais às 8,30 da noite; perguntaram-nos imediatamente se tínhamos fome e nos instalaram diante de um prato de «mouros e cristãos». («Mouros e cristãos» diz-se do arroz cozido em feijão preto, base da alimentação cubana; ali acrescentaram-lhe frango).

Momentos depois vi, no outro extremo da vasta mesa, alguém que me olhava comer com apetite: era Fidel, risonho, havia chegado sem que eu o percebesse. Levantei-me imediatamente carregando comigo meu prato e o intérprete Chonchol e fomos para junto dele.

## «Chamei você para vir aqui porque me disseram que você critica»

Fidel tinha um aspecto cansado e evidentemente o estava. Como eu sabia muito bem que precisava de pelo menos duas horas para expor-lhe minhas críticas, quase que fiquei com pena dele. Mas aquele homem esgotado bastou que comesse dez minutos de «Mouros e Cristãos» e coxinhas de galinha para que seu aspecto se tornasse outro, fazendo-me sentir que estava disposto a es-

cutar o tempo que fosse preciso. Jamais vi um homem tão cansado recuperar-se tão depressa (algumas semanas depois cederia a um «surmenage» mas não tardou a restabelecer-se).

Durante duas horas, na mesa, e logo em seguida ao café, pude expor para ele minhas observações sobre a reforma agrária cubana. Disse-me:

«Você compreende (todos se tratam familiarmente no regime fidelista: se me houvesse tratado com cerimônia teria sido um mau sinal); quis que viesse até aqui porque me disseram que você critica nossa reforma agrária. Pois bem: todos os estrangeiros que vêm aqui se entusiasma com ela (estaria pensando em Sartre?) e nos afirmam que é perfeita. Você não está de acordo. Diga-me por quê.»

Expliquei-lhe que não tinha crítica alguma a fazer quanto à primeira fase da revolução: a «incunção do terreno», a desapropriação dos latifúndios pelo exército rebelde e a instalação das primeiras estruturas; mas que agora era necessário iniciar uma nova fase: a dos organizadores e dos economistas. Isso exigia a mudança de certos métodos de trabalho e talvez a substituição de certo número de homens. No tocante ao plano propriamente da Reforma Agrária, disse-lhe quais eram, na minha opinião, os erros principais que era preciso corrigir.

## Reformas comparadas

O que mais me surpreendeu, nas reações de Fidel, foi a enorme massa de seus conhecimentos agrícolas e sua preocupação de entrar nos de-

## Professor RENÉ DUMONT

talhes, de compreender tudo. Certamente, alguns dos membros de seu Estado Maior agrícola, que se acham à testa do I.N.R.A., possuem um nível de conhecimentos inferior ao seu, o que é bastante grave. Fidel não somente compreende tudo o que a gente lhe explica como se interessa pelos assuntos apaixonadamente — e mais tarde eu iria ver como ele os retém por completo.

No final de nossa conversa, disse-me:

«É preciso que você me faça um relatório. Quando pretende voltar?»

Respondi-lhe que estava às suas ordens.

Ele disse, então, para Chonchol: «Você fica incumbido de fazê-lo voltar», e com essas palavras nos separamos.

Foi assim que, dois meses depois, voltava à ilha, dessa vez chamado como técnico pelo governo cubano. Durante esse período havia redigido para o I.N.R.A. e para Fidel um primeiro relatório.

## Diferente em Cuba

Em Cuba encontrei uma reforma agrária completamente diferente das realizadas no México, na Europa Oriental e na China. Consiste, em linhas gerais, numa mudança direta do latifúndio para as cooperativas de produção — algo que não se fez em parte alguma.

A população cubana está composta em sua maioria, não de camponeses mas de proletários agrícolas, isto é, trabalhadores que lutaram em seus sindicatos pelo aumento de seus salários e em quem quase não se nota qualquer aspiração à propriedade. Juntamente com ... 70.000 famílias de pequenos (e muito pequenos) proprietários, existem cerca de 150.000 trabalhadores dos canaviais e 60.000 famílias de trabalhadores de outros plantios ou de pecuária. Os proprietários médios não foram atingidos pela reforma, não se tocando nas propriedades menores de 30 «caballerías» — ou seja 400 hectares. E' esse o limite mais alto que já se fixou para uma reforma agrária. Na Europa oriental variava de 20 a 50 hectares, conforme o país.

## Uma separação rígida

Fidel não quer — seja pelo que for — atrair a hostilidade dos camponeses. Quando o chefe da zona 16, na província de Las Villas, comunicou-lhe que próximo a Sancti Spiritus havia-se criado uma cooperativa com uma porção de terras incorporadas por pequenos proprietários, perguntou logo: «Eles entregaram suas terras espontaneamente?» Não desistiu de modo algum que se faça pressão sobre os camponeses em proveito da coletivização. Por ora, basta-lhe empenhar seus esforços nas cooperativas de assalariados agrícolas, para as quais não há nenhum problema por ser completa a adesão dos trabalhadores.



## Aumentada a produção

Mas havia muito que dizer sobre a administração dessas futuras cooperativas, que atualmente são dirigidas como granjas do Estado. Em primeiro lugar, não têm orçamento «unitário». Jamais pude saber, em nenhuma delas, se o saldo acusava realmente lucros. Os membros da cooperativa não são remunerados em função da produção obtida, mas sim de acordo com convênios coletivos. Por serem relativamente elevados os salários cubanos (os mais altos das Caraíbas) e haverem sido aumentados ainda mais depois da revolução, cabe indagar se algumas cooperativas que herdarão dívidas das granjas do Estado já não estão virtualmente em déficit. Por ora, é impossível saber. Os créditos do Estado chegam de diversas partes e ninguém se preocupa com estabelecer um verdadeiro balanço.

Na província de Camagüey visitei «El Cenigo», uma cooperativa de arroz. Depois da colheita, em meio úmido, os arroçais produzem uns brotos que constituem pasto excelente. Pois bem: naquela cooperativa não havia gado para aproveitá-lo, ao contrário do que ocorria na época dos cultivadores particulares. Era, portanto, uma forma nova de desperdício.

O mais grave era a separação rígida entre os diversos setores de produção: pecuária, cana de açúcar e outras culturas. Ao norte dessa mesma província de Camagüey, perto da usina «Senado», em uma cooperativa em formação, quis-se diversificar o plantio semeando-se algodão nos terrenos reservados para plantar cana no ano seguinte. Mas o campo foi invadido pelas ervas daninhas e ninguém se preocupava em extirpá-las. E isso apesar de ser aquele um período morto — em que todos os trabalhadores da cooperativa estavam sem ter o que fazer, podendo muito bem trabalhar... Por que não eram utilizados? Porque o algodão depende de um serviço central e o administrador da cooperativa não havia recebido a ordem para fazer os reparos, nem os

Desde o primeiro ano da revolução cubana a produção aumentou, e o nível de vida dos proprietários agrícolas, que era muito inferior ao dos operários das cidades aumentou consideravelmente.

créditos necessários. Aquêl homem, educado entre e para as canas, não tinha maior interesse pelos plantios.

No extremo oeste de Cuba, na península que avança até o México, vi os resultados de um erro ainda mais elementar que não recomendava muito a corporação agrônoma, porque o chete daquela zona de desenvolvimento PR4 (há 28 zonas na ilha) era professor de economia rural na Faculdade de Agronomia da Universidade de Havana. Fez revolver o solo de um bosque debaixo do qual havia rochas calcáreas em forma de «dentes de cachorro» que emergiam irregularmente. Entre essas rochas havia espaços de terra muito boa enquanto existiu o bosque. Plantaram-se bananeiras e um tubérculo alimentício da Oceania chamado «Taros»; mas, uma vez derubadas as árvores, o plantio só era possível durante um ano, enquanto o terreno ainda permanecia revolvido. No ano seguinte endurecia e o arado que tivesse que remeche-lo não poderia circular por ali por causa das rochas.

Esse é um exemplo apenas de certas falhas de funcionamento do I.N.R.A., pelo menos no seu início. Na direção geral, ninguém tomou a iniciativa de providenciar a correção desse erro, cuja evidência salta aos olhos de todos os visitantes, mesmo que não sejam especialistas. Acredito, no entanto, que hoje não se produziria semelhante desperdício de créditos.

## O entusiasmo cubano

Outro exemplo: uma leguminosa chamada «Marabu» invade rapidamente em Cuba os terrenos baldios. Disse-me Fidel que detesta os marabus. Utilizaram-se centenas de «bulldozers» para arrancar esse marabu, mas com frequência tem-se descoberto uma camada de areia muito pobre, sensível a erosão por causa de sua inclinação natural. Existem, entretanto, solos ricos, cobertos de vegetação medíocre e dedicados à criação do gado em grande escala, que uma simples aradura — custando muito menos — permitiria dedicar-se a culturas úteis. O refúgio dessas culturas fornece a uma forragem excelente permitindo alimentar o gado tanto quanto o fariam essas terras se houvessem permanecido como pasto — somando-se a isso o produto das novas culturas.

A margem desses fatos, há realizações notáveis que se explicam pelo entusiasmo dos trabalhadores agrícolas e a importância das inversões do Estado. A revolução cubana é a primeira a fazer descansar quase todo o peso de seu esforço no desenvolvimento de sua agricultura e no bem-estar de seus trabalhadores agrícolas, a primeira que não baseia seu desenvolvimento sobre a miséria camponesa. Os resultados se fazem notar: a produção aumentou desde o primeiro ano, ainda que com um custo pouco elevado. O importante é que o nível de vida dos proletários agrícolas, muito inferior ao dos operários da cidade, melhorou.

No tocante ao fervor dos trabalhadores agrícolas cubanos, pude constatar-lo perto da usina de açúcar «PALMA», em Oriente, propriedade norte-americana que acabava de ser nacionalizada. Disse para os trabalhadores de cana que me rodeavam:

— Uma vez que os Estados Unidos reduziram sua quota de importação do açúcar cubano a preço favorecido, e agora Cuba tem que vender sua produção ao preço corrente mundial, estariam os senhores dispostos, para assegurar a independência econômica do país, e aceitar uma drástica diminuição de salário?

Responderam-me: — Nosso salário atual é de 2 dólares e 50 centavos por dia. Estamos dispostos a aceitar até 1 peso e 25 centavos



## A entrega de títulos

Não se pode achar estranho que todas as vezes que o governo revolucionário convoca o povo para tomar uma decisão mais audaciosa este ocorra imediatamente, sempre pronto a apoiar as medidas apontadas pelos dirigentes. Despojados de todos os bens, os camponeses da ilha viviam em extrema miséria, arrastando seus infortúnios pelas terras dos latifundiários. Uma das primeiras medidas do governo de Fidel Castro foi eliminar o latifúndio e distribuir as terras pelos que nelas trabalham. Os títulos de propriedade são entregues coletiva e festivamente, como vemos na foto

FIDEL ASSUME O CONTRÔLE DAS COMPANHIAS ESTRANGEIRAS

# Lei de Nacionalização Estremeceu a América

CESAR LEANTE  
(Serviço Especial de PRENSA LATINA)

HAVANA (PL) — Raul Castro avisara na véspera: «Amanhã verão como Fidel está forte», disse com um ar irônico respondendo aos que estavam empenhados em «adoecer gravemente» o primeiro-ministro cubano.

O dia seguinte foi o domingo 7 de agosto. No Estádio do Cerro, em Havana, encerrando a sessão do primeiro Congresso Latino-Americano da Juventude, Fidel Castro fez a leitura de um dos decretos mais audaciosos jamais ditados por um governo na América Latina. Por ele ficavam nacionalizadas propriedades norte-americanas com um valor aproximado de 800 milhões de dólares, incluindo 36 usinas de açúcar, 2 refinarias de petróleo e as companhias de eletricidade e telefone.

Fidel Castro consumou assim a segunda independência de Cuba: a econômica.

## A miséria ficava longe

Entre as 36 usinas nacionalizadas figuravam 2 da United Fruit: A Boston e a Preston, localizadas na província de Oriente e possivelmente as maiores de Cuba.

A história da United Fruit em Cuba é semelhante à de outros países latino-americanos onde esta companhia conseguiu penetrar e exercer seu domínio todo-poderoso. Em 1901, sob a primeira intervenção norte-americana, chegou a Cuba Mr. Preston, que dois anos antes, em 1899, tinha constituído em Chicago, junto com outro sócio, Mr. Keith, a United Fruit Company, destinada a comprar terras na América Latina e estabelecer plantações agrícolas.

Mr. Preston esteve viajando pelo país, chegou à província de Oriente, e ali começou a comprar terras. No município de Mayari comprou 5.000 «caballerías» (67.000 hectares) e mais 1.000 em Banes, pagando o incrível preço de 10 centavos de dólar por «caballería».

Nesse mesmo ano, 1901, a United Fruit construiu a primeira usina de açúcar nas terras que com tanta facilidade havia adquirido, a «Boston»; e em 1907, durante a segunda intervenção norte-americana, a «Preston».

Com o passar dos anos, a Fruteira foi absorvendo mais e mais terras entre as mais férteis de Oriente, até chegar a 8.000 «caballerías», dedicando-as exclusivamente ao cultivo de cana. A produção de açúcar era um negócio muito rentoso: Cuba era praticamente a fornecedora do mundo.

Esta febre de produzir açúcar, que alcançou seu ponto culminante na Primeira Guerra Mundial (especialmente em seus últimos anos) foi nefasta para a economia do país, pois transformou Cuba em fabricante de um só produto — vendo-se obrigada a importar quase todos os demais — e introduziu a monocultura nos campos.

As 36 usinas nacionalizadas pelo governo cubano tinham um valor de quase 400 milhões de dólares, mandavam anualmente para os Estados Unidos mais de 30 milhões de lucros e cobriam mais de 25% da produção açucareira cubana.

Milhares e milhares de camponeses viviam em terras da Fruteira. Ao longo das 8.000 «caballerías», estendiam-se os «barracões» de seus trabalhadores. «Barracón» em Cuba é a república das «favelas» brasileiras, das «callampas» chilenas, dos «rancheríos» uruguaios, das «villas-miseria» argentinas, quer dizer: agrupamento de choças infectas onde famílias inteiras se aglomeram em condições inumanas.

Os «barracões» ficavam afastados das usinas de açúcar, entre as plantações de cana, talvez porque incomodasse aos administradores norte-americanos da United ver a miséria que eles mesmos tinham criado.

Quem visitasse a central Preston, por exemplo, tinha uma impressão muito diferente: avenidas margeadas de coqueiros, formosos «bungalows» com jardins na frente, campos desportivos para as crianças, uma piscina, um clube... mas os que desfrutavam dessas comodidades eram os funcionários administradores norte-americanos e em segundo lugar os empregados de «confiança» cubanos, embora mesmo estes não tivessem acesso ao clube.

A miséria ficava longe, dentro do campo, onde não incomodava a vista.

A separação estabelecida pela United Fruit era total, abrangia até a morte: na usina Preston havia dois cemitérios: um para os norte-americanos e empregados de «confiança» e outro — um matagal — para os pobres e negros.

Havia um hospital. Todos os operários tinham que contribuir para ele com 21% de seus salários. Mas, como tudo na usina, só era para norte-americanos e empregados de «confiança», pois quando um camponês adoecia tinha que pagar para ser atendido. Isto, se a cor de sua pele não era negra. A companhia não ignorava que aqueles camponeses não tinham para comprar nem o mais barato dos remédios.

Trabalhavam três ou quatro meses por ano, conforme a safra. Ganhavam uns trezentos dólares. Com isso tinham que viver o ano inteiro. Naturalmente, não podiam. A United Fruit sabia disso. Durante o tempo morto, quer dizer as oito ou nove meses que se seguem à conclusão da safra, concediam-lhes créditos para que adquirissem nos armazéns da companhia os escassos víveres de que precisavam para não morrer de fome. Ao começar a safra seguinte, a United lhes descontava a dívida, que em média era o total do que ganhavam durante os meses de colheita. Deste modo, poucas vezes o camponês recebia dinheiro, mas sim valores, e encontrava-se preso em um círculo de

que não podia sair. Vivía eternamente endividado com a companhia.

Havia muita terra, mas não podia cultivá-la. Era da United e a United tinha proibido que se semeasse nela. Não lhe dava mais que o pedaço de terra ocupado por seu miserável casebre.

Milhares de chapéus de guano saltaram das mãos dos camponeses da United Fruit no dia em que Fidel anunciou a nacionalização de suas duas usinas.

## Uma companhia «cubana»

A Companhia Cubana de Eletricidade (CCE) era subsidiária da American Foreign Power, operadora internacional da Electric Bond & Share, monopólio com sede nos Estados Unidos que controla o serviço elétrico em vários países da América Latina.

Fixou-se em Cuba em 1928, quando governava o ditador Machado. Para obter a concessão do monopólio elétrico, a CCE comprou generosamente as usinas de energia elétrica que Machado possuía na província de Las Villas, desbancou a antiga fornecedora de eletricidade, a Havana Electric Company, constituída por capital americano, espanhol e cubano, e apoderou-se de quase todas as pequenas usinas que existiam no interior da ilha.

Organizou-se sob as leis do Estado da Flórida, U. S. A., e até 1934 funcionou com uma escassa regulamentação de uma ordem militar do governo interventor norte-americano de 1901.

Dona do mercado elétrico cubano, a primeira medida da CCE foi impor a elevadíssima tarifa de 18 centavos por quilowatt-hora aos consumidores de Havana. As que vigoravam para as populações do interior eram muito mais elevadas.

Com a queda de Machado, em 1933, a CCE sofreu o primeiro golpe em seu poderio. O ministro do governo Antonio Guiteras (assassinado depois por Batista), regulamentou as companhias elétricas e obrigou a CCE a diminuir sua tarifa de 18 centavos a 10 como máximo.

A CCE alegou que assim cobraria menos que o custo, negou-se a acatar a ordem de diminuição de preço, e Guiteras teve que fazer uma intervenção. A orgulhosa companhia não perdeu isto e sua influência no Departamento de Estado foi fator determinante na intervenção norte-americana, que provocou a queda do primeiro e fugaz governo revolucionário que Cuba teve.

Entretanto, a CCE não se atreveu a elevar novamente a tarifa elétrica, mesmo quando no poder um governo dócil às ordens de Washington, com o que ficou demonstrado que suas alegações de custo eram totalmente falsas.

Mas, apesar da diminuição, o povo cubano continuava pagando preços

excessivamente altos em comparação com outros países e recebendo um serviço elétrico deficiente.

Com o triunfo da revolução em 1 de janeiro de 1959, a companhia «cubana» de eletricidade (que o povo de Cuba tinha safrizado com o apelido de «Polvo Eléctrico») conheceu seu segundo revés. Em fevereiro desse ano tornou a sofrer intervenção. O governo designou uma comissão para investigar as tarifas e a situação econômica da empresa. O resultado foi o seguinte:

1 — As usinas e propriedades da CCE estavam avaliadas em mais de 90 milhões de dólares. Deste modo, a companhia reduzia ficticiamente seu lucro. Não obstante, em 1958 obteve 56% de lucros.

2 — Os ganhos por quilowatt-hora eram o dobro dos de qualquer empresa similar em outros países. Assim, comparando os lucros por kw/h da CCE em 1958 com os de dez companhias elétricas norte-americanas, verificou-se que haviam ganho 2.14 centavos de dólares contra 1.07, 0.94 e 0.96 das outras empresas nos Estados Unidos.

3 — A planificação, serviços e compras feitas à Ebasco Internacional (subsidiária da Foreign Power à qual suas filiais têm que submeter sua planificação, compras, etc.), tinham sido ineficientes e dispendiosíssimos. Por esse sistema, a companhia pagava os materiais de que necessitava a preços muito superiores aos que existiam no mercado. Calcula-se que nos últimos anos a CCE pagou à EBASCO mais de 6 milhões de dólares em excesso pelas compras que fez. Mas isto se explica facilmente levando-se em conta que o presidente da EBASCO, G. C. Hylander, é vice-presidente da Foreign Power (matriz da CCE) e ao mesmo tempo figurava na junta diretiva da CCE. Dos 10 milhões de dólares que recebeu a EBASCO em 1958, Cuba contribuiu com 4 milhões.

4 — Os gastos de representação, legais, propaganda e outros eram exorbitantes. Só em propaganda a companhia pagou em 1958 mais de um milhão de dólares. Havia uma verba chamada «propaganda indireta» para os jornais, que ou era inexistente ou estava destinada ao subórdo da imprensa. A CCE gastava em propaganda quatro vezes mais do que suas congêneres norte-americanas.

5 — O serviço público prestado era inadequado e a produção de energia insuficiente. A CCE mantinha em uso caldeiras e turbo-geradores que deviam ter sido retirados anos atrás. Os medidores, especialmente os de uso doméstico, não eram testados nunca. Havia medidores que não tinham sido inspecionados em 20 anos. E o público tinha que pagar por um serviço elétrico que não tinha consumido. Em julho, agosto e setembro do ano passado as queixas dos consumidores foram



## Acabou-se o que era doce

tantas que alcançaram o número de 230 diárias. Os consumidores eram literalmente assaltados pela crise mediante os «erros» e as «irregularidades» na leitura dos medidores.

## Um telefone de ouro por 5 milhões

A Cuban Telephone Company — irmã gêmea da CCE — era subsidiária da International Telephone and Telegraph Company (ITT). Estabeleceu-se em Cuba em 1909, poucos meses depois de terminada a segunda intervenção norte-americana. O quadro de escândalos que apresentava era semelhante ao da CCE:

1 — Tanto suas instalações como o equipamento telefônico, estavam supervalorizados. O objetivo era o mesmo que o da CCE: aparentar lucros pequenos.

2 — Como a CCE com a EBASCO, a companhia de telefones remetia anualmente para os Estados Unidos 900.000 dólares por crédito de «acessórios técnicos» e compras da ITT. O preço em excesso que pagava à ITT pela compra de materiais e equipamentos ia de 30 a 80%.

3 — Invertia 400.000 dólares anuais em propaganda. Em 1957, quando procurava elevar suas tarifas (o que conseguiu) distribuiu quase um milhão em «propaganda» pelo rádio, televisão e jornais, o que não foi mais que um subórdo para calar a imprensa.

4 — Por causa dos preços que pagava à ITT, o custo de um telefone em Havana era de 643 dólares, ao passo que em Nova York era de 305 e em Cincinnati de 277.

5 — Durante a ditadura de Batista, principalmente nos anos 56 e 57, enquanto preparava o caminho para uma elevação de tarifas, controlou um «serviço secreto» no palácio presidencial que a mantinha informada das visitas e conversações que Batista sustentava sobre a negociação telefônica, e inclusive até do estado de espírito do ditador. Quando a companhia sofreu intervenção encontrou-se um arquivo secreto com referências como esta: «O Presidente amanheceu de bom humor; é um dia propício».

6 — A companhia obteve de Batista um aumento de tarifas em março de 1957, assinado no dia seguinte ao atentado presidencial feito por jovens do Diretório Revolucionário, em 13 desse mês. O sangue de dezenas de estudantes estava fresco. Mas o ditador assinou o decreto que aumentava em mais de 5 milhões de dólares os lucros da companhia. As chamadas em telefones públicos subiram de 5 para 10 centavos de dólar e os consumidores viram suas chamadas reduzidas a um máximo de 5 por dia. Passado esse limite tinham que pagar um preço extra por qualquer outra ligação que fizessem. Arthur Gardner, na ocasião embaixador dos E. U. A. em Cuba, não estava alheio a esta negociação; em prova de agradecimento a Cuban Telephone Company obsequiou Batista com um telefone de ouro e concedeu ações a familiares e amigos do ditador.

7 — O serviço que prestava era péssimo, devido a seu equipamento antiquado renovado de maneira muito insatisfatória. Para conseguir o aumento nas tarifas, anunciou um plano de ampliação. Mas nunca o levou a cabo. Conseguir a instalação de um te-

lefone era quase impossível, algumas pessoas tinham feito o pedido de instalação há dez ou doze anos e ainda estavam esperando. O que conseguia que a companhia lhe instalasse um telefone em casa podia considerar-se um privilegiado, as casas comerciais davam cem dólares ou mais pela obtenção de um telefone.

A Cuban Telephone Company sofreu intervenção em março de 1959 pelo governo revolucionário, que imediatamente aboliu as tarifas aumentadas por Batista.

Hoje os operários apagam a golpes de martelo e cinzel as letras da empresa nacionalizada, esculpidas no frontispício do edifício que ocupa numa rua central de Havana.

Hoje os operários apagam a golpes de martelo e cinzel as letras da empresa nacionalizada, esculpidas no frontispício do edifício que ocupa numa rua central de Havana.

## O ouro negro

Quanto às duas refinarias petrolíferas nacionalizadas, a ESSO e a TEXACO, sua história recente é bastante conhecida. Junto com a SHELL, empresa inglesa não nacionalizada, mas sob intervenção, monopolizavam o mercado cubano de combustíveis. Neste ano, o governo tentou quebrar esse monopólio e para isso criou o Instituto Nacional do Petróleo (INP), que adquiriu 900.000 barris de óleo bruto da União Soviética, determinando que seu refinamento fosse feito nas companhias petrolíferas estrangeiras.

Estas, de acordo com a lei de 1938, estavam obrigadas a refinar petróleo do Estado. Negaram-se e tentaram boicotar o governo deixando o país sem combustível. Reduziram sua produção de forma alarmante e nos duas últimas semanas de junho não importaram uma gota de óleo bruto. O governo percebeu a manobra e sem perda de tempo decretou a intervenção das empresas.

Para encarecer o combustível, a Texaco e a Esso — e também a Shell — só importavam petróleo de seus campos do Venezuela, que se vendiam a si mesmos por preços superiores aos do mercado mundial.

## Funeral alegre

A lei de nacionalização despertou intenso júbilo nos cubanos. A noite que Fidel Castro leu o decreto no Estádio Del Cerro mais de 70.000 pessoas o aplaudiram e apoiaram levantando os braços quando o primeiro-ministro perguntou se estavam de acordo com ele.

Todas as organizações operárias lhe deram seu apoio e a Confederação de Trabalhadores de Cuba (CTC), reservou uma semana de júbilo popular para festejá-lo. Quarenta fêretros contendo os «restos» das companhias norte-americanas nacionalizadas foram velados pelo povo durante 24 horas no Capitólio Nacional e lançados ao mar no dia seguinte, no Litoral de Havana, onde os atouces tomaram rumo Norte.

As usinas de açúcar foram reabertas com nomes de países latino-americanos. A Preston da United Fruit, chama-se agora Guatemala. Jacobo Arbenz foi padrinho do batismo da nova usina cubana.

Enquanto Fidel lia, no Estádio, os nomes das companhias norte-americanas nacionalizadas, o público repetia: — Chamava-se!

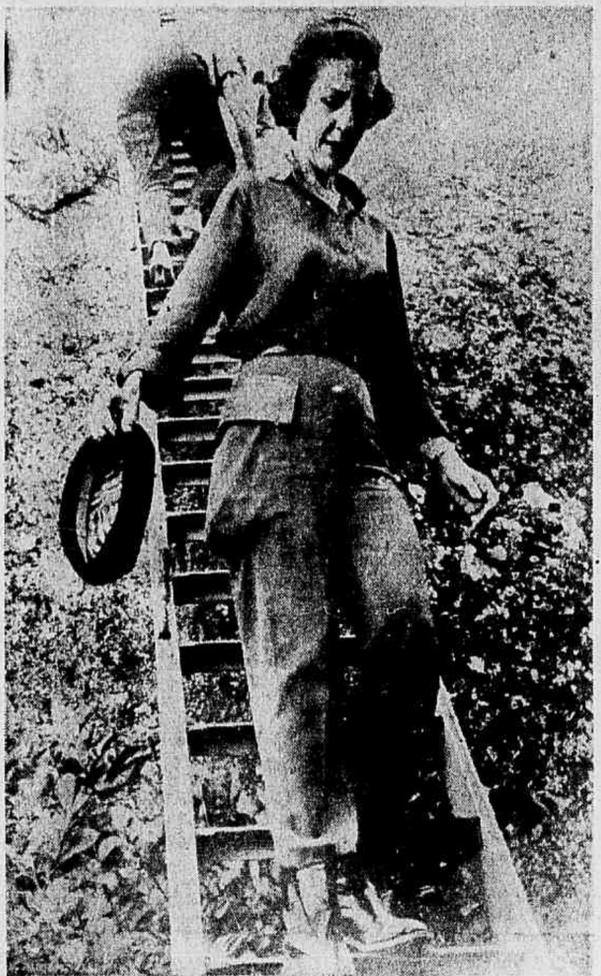
Esta expressão acentuou adequadamente o entusiasmo produzido pelo decreto que estremeceu a América.



## Comemoração funeral

Quando Fidel Castro anunciou a nacionalização das empresas imperialistas que sugavam o povo cubano, houve o maior delírio nas sessenta mil pessoas que lotavam o estádio do Cerro, no domingo 7 de agosto. No dia seguinte, os atouces contendo os «restos mortais» das companhias foram desfilados pelas ruas de Havana, promovendo o povo o enterro mais alegre de que se tem notícia. Depois de um velório de 24 horas, no Capitólio Nacional, os caixões foram lançados ao mar. Como que por coincidência, tomaram o rumo Norte.

# Na Revolução de Fidel, Mulher Lutou Como o Melhor Soldado



## Célia: anjo da guarda de Fidel

Quando Fidel, à frente de suas tropas entrou em Havana a 8 de janeiro de 1959, ao seu lado ia uma mulher franzina, miúda, de rosto anguloso, grandes olhos bondosos e uns trinta anos de idade.

— É Célia — gritava a multidão. Célia Sanchez!

Quem era Célia? Todos a conheciam, mas ninguém dava informações concretas sobre ela. Nunca falou no rádio ou na televisão, jamais concedeu uma entrevista. Entretanto, onde quer que esteja Fidel, lá está ela. Sua vida de revolucionária começou cedo. Filha de um médico famoso, desde cedo tomou

contacto com a misera vida dos camponeses da região onde vivia, conheceu Fidel antes da revolução e simpatizou logo com suas idéias políticas. Quando soube do desembarque subiu imediatamente a Sierra Maestra para esperar o líder. Depois, passou todas as horas, as mais difíceis e amargas, ao lado de Fidel, como sua secretária e verdadeiro anjo da guarda. Participou de todas as batalhas, dezenas de vezes enfrentou a morte sem temê-la, é o símbolo da força de vontade, da disposição de luta da mulher cubana, do desejo de liberdade de um povo tiranizado até bem pouco tempo.



## Wilma: estafeta e organizadora

Anita, Mercedes, Amparo, dezenas de jovens se entregaram à luta contra a ditadura e conferiram à mulher cubana o direito de dizer que a sua contribuição, além dos entes queridos que tombaram na luta do dia a dia, nos batalhos que se travaram desde os primeiros momentos, foi direta. Ela sempre empunhou os fuzis, serviram de estafetas, exerceram a espionagem, lutaram bravamente quando se tornou necessário.

Dentre elas havia uma mãe chamada «Débora», Wilma Espin, filha do cônsul da França em Santiago de Cuba e estudante de engenharia. Conheceu Raul, de quem mais tarde se tornaria esposa, no México, onde o irmão de Fidel vivia exilado. Ele a convenceu da necessidade de lutar para liquidar a ditadura. No seu regresso a Cuba, ela se dedicou inteiramente à causa. Organizou, juntamente com Frank País (mártir da revolução), o «Movimento 26 de Julho» na província de Oriente. Dotada de fibra e entusiasmo incomuns, estimulou camponeses e moradores da região a lutar contra a ditadura e foi de grande utilidade as forças revolucionárias quando, na ocasião em que Raul Castro abriu a segunda frente na província de Oriente, passou a servir de contacto entre este e Fidel. Participou também ativamente da operação-sequestro, quando os rebeldes de Fidel raptaram marinheiros norte-americanos para forçar negociações e através delas exigir que os EUA suspendessem o envio de aviões e armas ao ditador Batista. Tem uma filha, a quem pôs o nome de Débora, seu antigo nome de guerra.



## NA LUTA DESDE AS PRIMEIRAS HORAS

Tarde do dia 26 de julho de 1953. Por um dos corredores da sombria guarnição do quartel Moncada, avança duas mulheres, quase duas garças, levadas por diversos soldados. Aquelas moças, que haveriam de viver as 72 horas mais espantosas que possa viver um ser humano, eram Haydée Santamaría e Melba Hernández, as duas únicas mulheres que tomaram parte no ataque de Fidel Castro ao

quartel Moncada. Foram também das mulheres que participaram ativamente na luta revolucionária pela libertação de Cuba desde os primeiros momentos. Haydée e Melba, que tiveram um comportamento extraordinário durante o tempo que passaram nos cárceres da ditadura, se projetaram também durante o julgamento dos atacantes do quartel de Moncada, ocasião em que Melba salvou a vida de Fidel ao apresentar, em pleno tribunal, um documento

provando que os esbirros de Batista planejavam «suicidar» o líder da revolução. Após a vitória na luta contra a ditadura, Melba e Haydée se entregaram de corpo e alma à tarefa de reconstrução do país. A primeira exerce um alto cargo administrativo no Instituto Cubano do Petróleo e a segunda, que é casada com o ministro da Educação cubano, Armando Hart, dirige a Casa das Américas.



## SOLDADOS DA REVOLUÇÃO

Desde as primeiras horas após o desembarque dos grupos revolucionários que se refugiaram na Sierra Maestra, as mulheres cubanas se integraram na luta pela libertação do país,

pela queda do ditador Batista. Anônimas, diligentes, dotadas de grande espírito de sacrifício, enfrentaram a dureza, as péssimas condições de vida dos primeiros tempos na Sierra sem jamais se abater. Foram enfermeiras e

soldadas, cozinheiras e costureiras, morreram nos campos de batalha e foram torturadas nas prisões. Foram verdadeiros e valentes soldados da revolução de um povo contra a tirania.

# NOVOS RUMOS